

Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A. RUELLA RAMOS

SABADO, 2 DE MARÇO DE 1974 N.º 018385 ANO 53.º PREÇO 2\$50



O Canal de Suez reabre em Outubro

CAIRO, 2 (UPI-ANI) — De acordo com o plano egípcio de limpeza do Canal de Suez, esta via será aberta ao tráfego no próximo mês de Outubro — declarou Mashhour Ahmed Mashhour, presidente da administração do Canal.

O jornal «Akhbar el Yom» afirma citando Mashhour que a administração do Canal e o corpo de engenharia do exército vão cooperar nos trabalhos de desobstrução.

As pontes construídas pelo exército durante a guerra de Outubro permanecerão, mas serão abertas para permitir a passagem dos navios.

O Canal de Suez está encerrado, desde a guerra israelo-árabe de 1967.

Entretanto, o ministro dos Negócios Estrangeiros russo Andrei Gromyko, que chegou ontem ao Cairo para uma visita de cinco dias, é portador de planos sobre a participação soviética na limpeza do Canal de Suez, e na reconstrução das cidades devastadas da margem ocidental, diz o jornal «Akhbar-el-Yom».

A visita, que inclui uma audiência prevista para hoje com

o presidente Sadat, revela o desejo do Kremlin de não ficar na sombra nos actuais esforços de paz para o Médio Oriente — afirma-se em círculos políticos, de acordo com os quais Gromyko tenciona também apresentar um plano de cultivo de citrinos na península do Sinai.

Gromyko conferenciou durante quatro horas, com Ismail Fahmi, ministro egípcio dos Negócios Estrangeiros, tendo sido trocados pontos de vista sobre a situação no Médio Oriente, a crise energética e a segurança europeia.

O ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS, Andrei Gromyko, conversa no aeroporto do Cairo com o seu colega egípcio, Ismail Fahmi. Gromyko é portador de planos para a participação soviética na desobstrução do Canal de Suez. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

36 páginas
incluindo
"Mosca"

Desilusão e perplexidade

-reações em França à composição do novo Governo

Telex de JOSÉ GABRIEL VIEGAS

PARIS, 2 — De modo geral, as reacções à composição do novo Governo francês oscilam entre a desilusão e a perplexidade. Desilusão daqueles que — em geral dos meios políticos próximos da maioria governamental — esperavam pelas importantes transformações que consideravam necessárias. Perplexidade dos que se perguntam se realmente seria necessário passar pela demissão do Governo e criar tanta expectativa em torno do que afinal não passa de uma simples remodelação ministerial.

Porque o anterior Governo é praticamente reconduzido, com os mesmos homens e atribuições, que só num caso ou noutro são de facto diferentes. Uma maior concentração das atribuições, mas que por vezes não faz mais que reconhecer um estado de coisas ou uma prática anteriores. Talvez seja esse, aliás, o mérito deste novo Governo e a contribuição positiva de Pierre Messmer: fazer coincidir melhor as realidades da acção governamental com as definições dos ministérios.

INGRATIDÃO

Dito isto, há no entanto um certo número de pormenores importantes, nos afastamentos e alternâncias de certos ministros. A partida de Philippe Malaud e de Maurice Druon não espanta. O primeiro, estava prometido a tal destino, devido à insistência das suas tomadas de posição ultra-conservadoras, que davam uma má imagem de um regime que sempre se recusou

a ser considerado de direita. O segundo, por ter acumulado «gaffes» que acabaram por indispor as «inteligências» de todos os bndos, provocando cascatas de demissões e o nascimento de oposições em todos os organismos culturais.

Maurice Druon deve ser, com Raymond Marcellin, um dos ministros que mais sente a amargura da desgraça política. Para quem abordou as suas funções

Continua na pag. 13

O preço da gasolina aumenta em Espanha

MADRID, 2 (EFE-ANI) — A partir das zero horas de hoje a gasolina subirá em Espanha 17,6 por cento, segundo decreto que hoje será publicado no Boletim Oficial do Estado.

O litro de gasolina «super» (96 octanas) fica fixado ao preço de 20 pesetas, enquanto até agora custava 17 pesetas.

O decreto contempla também a subida de outros combustíveis como o querosene, «gas-oil» e «fuel-oil».

Por outra parte, o Conselho de Ministros concordou em rever o preço do «fuel-oil» destinado às centrais termoelectricas, que passa de 1 400 para 2 400 pesetas por tonelada.

A tentativa de Heath para se manter no poder choca a nação inglesa

Telex de JOAQUIM LETRIA, nosso correspondente em Londres

LONDRES, 2 — Pela primeira vez desde 1929 as eleições gerais britânicas não têm um resultado concludente. Nenhum partido obteve uma maioria absoluta no Parlamento e o país parece estar à beira de ser governado por um Governo minoritário.

A tentativa de Heath de procurar manter-se no Poder buscando apoio de outros partidos choca a nação, pois sem dúvida que Heath é o grande vencedor destas eleições. Mas que vai acontecer agora? Esta a interrogação deste país em suspenso, neste fim-de-semana.

Das duas, uma: ou Heath se mantém no Poder até ser derrotado pelo Parlamento, como certamente acontecerá ou então demite-se antes de enfrentar a Câmara e Wilson será automaticamente chamado pela rainha para formar o Governo que já tem preparado. Mas de momento ninguém pode obrigar Heath a demitir-se.

O primeiro-ministro, qualquer que venha a ser, pode eventualmente tentar um acordo com os liberais mas é pou-

co provável que o venha a fazer. É mais natural que forme um Governo de um só partido e prossiga cautelosamente com as disposições necessárias à situação nacional.

A maior parte dessas dispo-

sições podem ser aplicadas através da legislação administrativa vigente. Mas se novas medidas forem necessárias, então o primeiro-ministro terá de as submeter ao Parlamento.

Neste momento, o funcionalismo público está completamente preparado para actuar consoante o Governo que assuma o Poder. Esse é um velho hábito essencial à continuidade dos negócios de Estado.

(Continua na página 24)



Jeremy Thorpe, cujo Partido Liberal conseguiu mais quatro lugares no Parlamento, declarou que se recebesse um pedido de Heath para formar Governo este seria examinado tendo em vista o interesse nacional. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

Puig Antich executado em Barcelona

BARCELONA, 2 (FP e EFE-ANI) — Salvador Puig Antich foi executado, hoje de manhã, às 9 e 40, no pátio da prisão provincial de Barcelona.

Assistiram à execução um funcionário da administração penitenciária, um juiz da instrução, um padre e duas testemunhas. Puig Antich foi morto pelo garrote.

Em Tarragona, segundo a agência noticiosa espanhola foi também executado outro condenado à morte, o polaco Heinz Chęz.

Nixon visita este ano diversos países do Médio Oriente

WASHINGTON, 2 (FP) — O presidente Nixon visitará o Egipto este ano, conforme decidiu aceitando o convite do presidente Sadat, fará outras visitas no Médio Oriente na mesma altura — indicam os círculos oficiais americanos. Esta viagem ao Médio Oriente, a primeira de Nixon desde que é presidente, deverá provavelmente ter lugar na segunda metade do corrente ano.

Como se sabe, segundo

indicou Kissinger, Nixon deverá visitar a Europa em Abril, por alturas do vigésimo quinto aniversário do Tratado do Atlântico. Depois, o presidente americano deverá ir a Moscovo, provavelmente no Verão, e tem ainda que responder ao convite do Japão para ir a Tóquio.

A Casa Branca ainda não elaborou nenhum calendário preciso para estas diversas deslocações, nem assentou nos países europeus a visitar.

ORA DIGA-NOS...

Que pensa da vitória trabalhista?

Na altura em que os trabalhadores derrotam os conservadores no processo das eleições inglesas procedemos a um rápido inquérito junto do público sobre o significado desta alteração no panorama político da Grã-Bretanha.

Uma viragem, digamos um tanto ou quanto inesperada, no momento em que a Inglaterra se debate com problemas graves tais como a crise económica, as greves sucessivas e a pressão irlandesa empenhada numa luta de libertação.

Perante tal conjuntura que modificações se prevêem ao nível da política interna e externa inglesa?

Jorge Carlos Pais, técnico de contas, respondeu:

Pessoalmente não me afecta o resultado das eleições inglesas. No entanto penso que a vitória dos trabalhistas vai trazer problemas ao nosso país.

Isso, por outro lado, é capaz de se reflectir no mercado comum europeu.

Quanto à política interna acho que os ingleses estão a tentar arranjar uma so-



Manuel Bravo

lução para os problemas dos mineiros. Daí o prato da balança se ter inclinado para os trabalhistas.

De resto julgo que não há grandes diferenças entre conservadores e trabalhistas...

José Inácio Fernandes Maia, delegado de propaganda médica, declarou:

Quanto a mim vão acontecer não só mudanças importantes na política interna inglesa como em relação aos outros países. Os problemas



José F. Maia

do petróleo, da Rodésia e África do Sul certamente serão tratados segundo outra óptica. Todavia, não acho que esta seja a melhor solução para a Inglaterra pois o Partido Trabalhista enferma daquilo a que eu chamo extremismo. Quanto ao caso da Irlanda estou convencido que o governo trabalhista optará por uma posição que não convém nada ao país.

Manuel Bravo, noticiário do Rádio Clube Português, afirmou:



Jorge Carlos Pais

Atendendo a que as sondagens fatham sempre, eu jogo ao contrário das sondagens. Em 1970 as previsões davam a vitória aos trabalhistas e no entanto ganharam os conservadores. Agora a vantagem inclinava-se para o lado dos conservadores e ficaram à frente os trabalhistas.

Não estou muito a par dos problemas britânicos portanto não sei se este governo será melhor ou pior para os ingleses.

Revisão contratual para a indústria de óleos vegetais

Uma proposta de revisão do Contrato Colectivo de Trabalho das Indústrias de Óleos Vegetais vai ser brevemente apresentada ao respectivo Grémio pela 10.ª Secção de Actividade «Indústria Química» do Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa. O projecto de proposta foi apre-

sentado aos sócios, que com ele concordaram. As principais empresas do sector são a Lever, a Fima e a Sociedade Nacional de Sabões.

No decorrer da reunião realizada para o efeito, foi apresentada pelo dr. Eugénio Rosa uma panorâmica sobre problemas relacionados com a inflação.

ACORDO

Portugal-Mercado Comum

Um decreto, pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros, hoje publicado na folha oficial, aprova para ratificação algumas modificações ao Acordo entre a Comunidade Económica Europeia e a República Portuguesa.

As alterações incidem, nomeadamente, sobre o regime

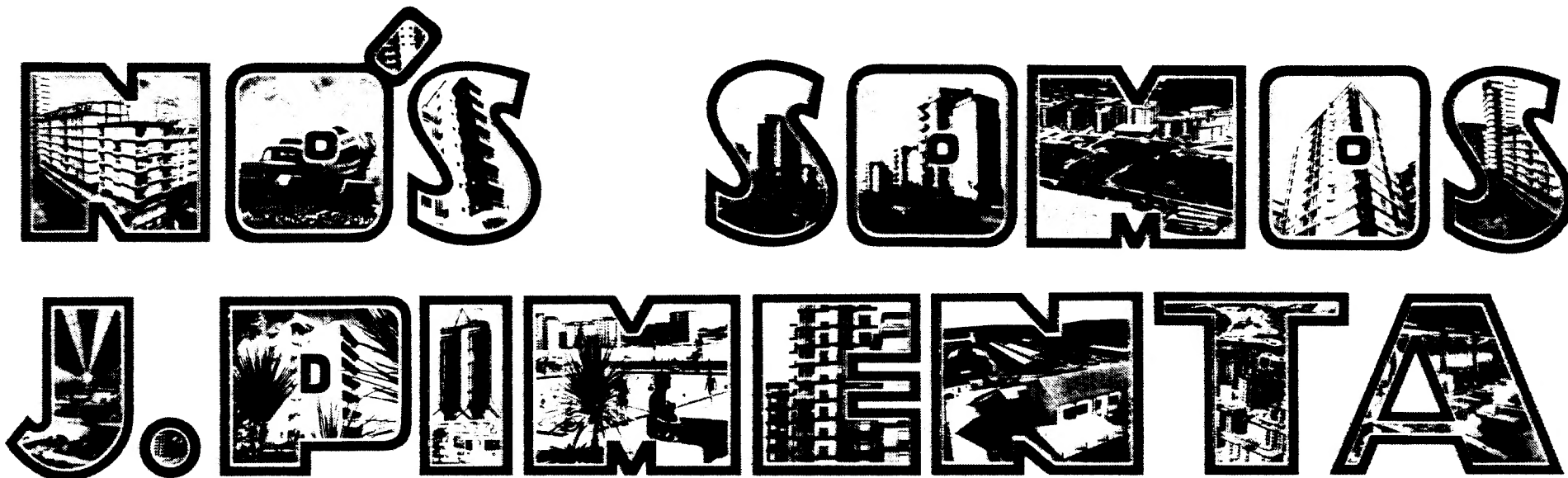
aplicável a certos produtos originários da Dinamarca e do Reino Unido (eliminação total dos direitos de importação em 31 de Dezembro próximo); as importações de veículos automóveis e a indústria de montagem em Portugal; e o regime relativo a certos produtos agrícolas.

Negligência não provada

Acusados de, por negligência, terem concorrido para que, no dia 9 de Agosto de 1970, morresse electrocutado na subestação da Chenop, no Amial, o ajudante de operador Armando Abílio Marques Correia, de 33 anos, casado, foram julgados no 4.º Juízo Correcional, o eng. Manuel Augusto da Silva Viei-

ra, de 51 anos, de S. Mamede de Infesta, e Fernando Mendes Ferreira, de 50 anos electricista, de Matosinhos.

Não se provou que qualquer dos réus tivesse agido com negligência ou tivesse qualquer culpabilidade no trágico acidente, pelo que ambos foram absolvidos.



Possuímos o Complexo Industrial de Talaíde com a capacidade de fabrico de

3000

habitações por ano completamente apetrechadas

Do Algarve ao Porto e, claro, Lisboa e arredores temos terrenos adquiridos para construir

10.000

habitações para venda

J. Pimenta

S. A. R. L.

Exclusivo «Le Monde»/«DL»

LÍBIA:

Uma viragem inesperada

«A unidade de dois países subdesenvolvidos nunca constituiu uma força e unir dois milhões de líbios e cinco milhões de tunisinos não mudará grande coisa no estado actual dos dois países». Estas declarações dirigidas a Burquiba há pouco mais de um ano ao coronel Gadhaifi que viera a Tunis propor-lhe, pela primeira vez, uma união entre a Tunísia e a Líbia. Esta delicada não-aceitação não surpreendera. Estava completamente conforme às concepções enraizadas e aos métodos, dados constantemente como exemplo, do chefe de Estado tunisino; a unidade árabe, se é que é realizável, não pode deixar de ser uma obra a longo prazo.

Para quê queimar etapas, fingir ignorar as diferenças as divergências. Tantas experiências de fusão se malograram a curto prazo no mundo árabe que a «séria» Tunísia parece manter-se afastada delas. Desde há um ano, a antiga Regência e o jovem líbio tinham-se, é certo, aproximado sensivelmente. Acordos múltiplos tinham sido concluídos (supressão das barreiras aduaneiras, unificação dos programas de ensino) e a cooperação desenvolvia-se harmoniosamente, mas pensava-se que os dois países ficariam por esta «acção planificada de desenvolvimento económico complementar», segundo a fórmula de Burquiba, remetendo para longínquas calendas uma união estrutural.

É certo que sempre o Combatente Supremo se fez campeão dos Agrupamentos regionais. Nos anos 60, esforçou-se em vão para abalar a indiferença de Marrocos e sobretudo da Argélia para construir esse «Mahgreb unido» com que sonhava. Mais recentemente, tinha lançado, por ocasião da cimeira dos não-alinhados, a ideia de uma união entre a Tunísia, a Líbia e a Argélia, a que se poderiam juntar Marrocos e a Mauritânia.

«O tempo a viver que me resta, declarava ele na altura, quero consagrá-lo a esta tarefa exaltante, a essa construção grandiosa. Vós conheceis-me, não aventurei a minha energia nem em quimeras nem em revoluções falhadas».

Mas estes projectos respeitavam quando muito a reuniões bastante flutuantes e frouxas, de tipo confederativo, ao menos num primeiro tempo. Como explicar hoje essa viragem súbita que leva Burquiba por uma iniciativa que não parece de modo algum sua a levar o seu país para a aventura de uma fusão total com o país vizinho? Não pode haver dúvida de que o coronel Gadhaifi, decepcionado da sua experiência com o Egipto, e cujas posições extremistas condenam a um certo isolamento no mundo árabe, tenha voltado à carga, tendo achado um aliado precioso na pessoa de Masmudi, um dos mais ardentes adeptos do regime líbio no seio do Governo tunisino. Mas o Combatente Supremo não é homem para deixar que se lhe force a mão. Deve portanto acreditar-se que razões determinantes venceram as suas resistências de há um ano.

UMA CERTA COMPLEMENTARIDADE

Uma delas não data de hoje. Não é fazer injúria ao presidente Burquiba que a longo prazo a sua forte personalidade e as suas ambições se sentiam um pouco apertadas no seu pequeno país pátrio e que sonhou sempre desempenhar um papel de importância num quadro mais largo. Por dinâmica que seja a diplomacia tunisina, Burquiba terá sido levado a constatar, por ocasião da última crise do Médio Oriente, que um país desprovido de riquezas, e na ocorrência de petróleo, não acaba por ter grande peso nas decisões comuns.

Em compensação, se a união projectada se realizar, a futura República Árabe Islâmica — a que Burquiba deve em princípio presidir — poderá pretender ocupar um bom lugar nos debates que se anunciam entre a Europa e o mundo árabe.

Outras razões jogaram sem dúvida na decisão do presidente Burquiba, sendo a mais plausível a complementaridade dos dois países: a Tunísia, rica em quadros e pobre em recursos encontra-se ameaçada por um grave desemprego intelectual e submetida a um endividamento externo permanente. Parte das cláusulas do contrato de Djerba ignoram-se ainda, mas é verosímil que em troca dos cérebros e dos serviços que fornecerá à Líbia a Tunísia terá a sua parte no enorme pacto petrolífero da Líbia. Para ela, portanto, a operação não pode deixar de ser «compensadora», uma vez que encontrará assim um exatário para numerosos intelectuais inquietos quanto ao futuro e muitas vezes turbulentos, obtendo recursos financeiros próprios para a redução da sua dependência relativamente ao estrangeiro.

A oposição legal não se enganou a este respeito, uma vez que aplaudiu o projecto de fusão. Parece também que uma parte da juventude, seduzida pelas opções radicais do coronel Gadhaifi, aprova, mesmo que conservando um certo cepticismo, a iniciativa de Burquiba. A posição deste no plano interno, bastante enfraquecida nos últimos tempos, não deixará assim de ser reforçada.

Há pouco tempo ainda, Burquiba falava do fogoso coronel líbio como de «um jovem com muito dinheiro e pouca experiência». Mas ele julgava-se antes muito forte desta experiência e conta fazer beneficiar dela o seu jovem emulo para modelar segundo as suas próprias concepções e futura união.

«A aposta da união razoável e raciocinada, ganhá-la-emos como ganhámos muitas outras», declarava o líder tunisino no passado mês de Setembro. Quer se trate de um golpe de momento ou de uma audácia de génio, a fusão com a Líbia, se se realizar, será em todo o caso considerada pelo Combatente Supremo como o coroamento da sua longa carreira política.

Apelo

Cerca de 300 intelectuais madrilenos — advogados, universitários, jornalistas, artistas e escritores — enviaram uma mensagem ao general Franco pedindo-lhe o perdão do anarquista catalão Salvador Puig Antich, condenado à morte em 9 de Janeiro passado pelo Conselho de Guerra de Barcelona.

A pena foi confirmada pelo Conselho Supremo de Justiça militar de Madrid, em 11 de Fevereiro, mas o Governo não teve oficialmente conhecimento deste segundo veredicto.

Entre outras razões invocadas para o perdão, os intelectuais recordam que a Espanha é um dos últimos países europeus a aplicar a pena de morte e que já por várias vezes o general Franco utilizou os seus privilégios, suavizando desta forma o rigor da legislação espanhola neste capítulo.

Medicina

O dr. Michael Debaquey, especialista norte-americano de doenças cardíacas, foi eleito, membro estrangeiro da Academia Médica de Ciências da União Soviética — anuncia a agência TASS.

Segundo a agência, a eleição do cirurgião foi um acto de reconhecimento, por parte dos cientistas russos, da contribuição do seu colega norte-americano para a cirurgia vascular.

Em Janeiro do ano passado, Debaquey operou, durante seis horas e meia, Mstislav Keldysh, presidente da Academia Soviética das Ciências. A intervenção cirúrgica envolveu a reconstrução da aorta e de outros vasos sanguíneos e Keldysh, segundo os amigos, está completamente curado.

«Deficit»

O Japão teve em Janeiro um «deficit» recorde na balança de pagamentos de 1932 milhões de dólares norte-americanos (cerca de 53 164 mil contos), segundo revelavam estatísticas publicadas pelo Governo.

O balanço comercial de Janeiro produziu também um «deficit» de 784 milhões de dólares, o primeiro em três anos e que é comparável a um saldo de 566 milhões de dólares em Dezembro.

Turismo

O maior grupo de turistas ocidentais de visita à China desde o começo da revolução cultural, há oito anos, deixou Hong-Kong a caminho de Cantão.

Cerca de 350 dos 900 turistas ingleses, franceses, suíços e outros passageiros do paquete «France», tomaram o comboio que os levará a Cantão, a 160 quilómetros.

Um informador da agência de viagens organizadora do cruzeiro, disse que a viagem de três dias à China inclui visitas a uma universidade, centros médicos, comunidades, escolas e fábricas de cerâmica, de têxteis e de bolas de pingue-pongue.

Gambas

Foi mandado arquivar o processo levantado na Escócia a Eleanor Donoghue, de 16 anos, por haver assado gambas ainda vivas.

O delegado do Ministério Público na comarca de Barwickshire explicou que Eleanor não vai a tribunal dadas as dificuldades de demonstrar se as gambas tinham ou não sofrido muito, considerando que os peritos estão em desacordo sobre se os crustáceos podem experimentar uma sensação de dor.

A acusação apresentada baseava-se na lei de 1912 sobre a protecção aos animais, mas o advogado de Defesa assinou que as gambas não podem ser consideradas animais domésticos nem animais no cativeiro.

MARIA JUDITE DE CARVALHO

Breve elogio da publicidade

Digam o que disserem os seus detractores ela é, ela acabou por ser, o sal da Terra, por fazer, enfim, o possível, para que os jornais não nos dêem somente uma imagem cinzenta, sangrenta, desprovida de sonho, deste mundo em que, desolados e sem grande esperança, moramos. Pego num jornal e só encontro notícias mais ou menos catastróficas. Coisas de guerras, coisas de petróleo, de custo de vida, de mortos e feridos em acidentes de viação, de assassínios, sei lá,

Até me dizem, diz-me a Organização Internacional da Hora, que a Terra se pôs, de súbito, a girar mais depressa e os dias estão a minuiar.

Mas, e aí chega ela, a doce, a suave, a verde. E comunica-nos que acabou a burocracia no aluguer de automóveis, que há dinamismo e beleza na construção civil, que o mundo das viagens está ao nosso alcance, que ainda podemos ser proprietários de uma vivenda de luxo, que surgiu X, a melhor

máquina de tocar discos do mundo, se tudo isto não é maravilhoso. Sim, ela é, acabou por ser, a consoladora. Aconselha-nos a fechar os olhos às violências, às carências, ao mal, e a partir. Por um momento rectangular, a partir: em viagens ao nosso alcance, à conquista de vivendas, à descoberta da beleza na construção civil e ao fim da burocracia no aluguer de automóveis, que era, pelos vistos o grande problema com os automóveis.

Por ROBERT LATTES

UMA CRISE COM FUTURO -2

Isto chama-se Aurora

Raramente uma situação como a que decorre da crise actual foi tão rica de potencialidades; esta desemboca, com efeito, num muito aberto futuro.

Arrastados sobre a trajetória de um certo crescimento, é-nos necessário de repente mudar de rumo; ou passivamente, deixando os factos e acontecimentos decidir por nós; ou pelo contrário, de modo voluntarista, sendo nós os autores e actores de transformações profundas e desempenhando nelas as inevitáveis modificações nas estruturas económicas que na primeira parte destas linhas evocámos já. Tal como o físico modifica todas as linhas de força de um campo magnético deslocando os electro-amlantos que criam esse mesmo campo, do mesmo modo podemos nós modificar e profundamente e canalizar diversamente as linhas de força, que em seguida nos arrastam, do nosso campo socio-económico, em razão dos graus de liberdade subitamente disponíveis nos actores da nossa vida socio-económica.

Podemos hoje inflectir um modelo de crescimento essencialmente fundado sobre o rendimento, que se diz aqui taylorista, ali stakhanovista. Deixaremos a outros o cuidado de examinar se e como uma nação socialista importante — mas não dispondo no interior do seu espaço geográfico de grandes recursos energéticos nem de abundância de matérias-primas — poderia, confrontada a uma crise semelhante, superá-la. Tentemos pensar os riscos e os triunfos de uma sociedade liberal, das sociedades fundadas no sistema da livre empresa.

O risco maior é evidente. É quase cientificamente demonstrado. Frente às mutações, às necessárias mudanças de hábitos que constituem outros tantos factos revolucionários, a tentação do autoritarismo será forte. É a solução de facilidade. Regulamentar, ordenar, proibir. Definir e escolher as vias e os meios. Sem debate. Passar, insensivelmente ou não, ao dirigismo. Ou ao totalitarismo. Sufocar as recusas; sancionar. Em nome da ordem, contra a anarquia.

Favorecer com esse objectivo o desejo de rigidez que por vezes tão preferível parece às inevitáveis incertezas de uma situação em movimento. Jogar com o medo que nasce da mobilidade e da mudança. Com a felicidade e o conforto de não haver escolha a fazer. Oferecer as ilusões de uma orientação em que tudo parece definido, enquadrado, determinado. Sem surpresa. É a via providencial. Num clima que acaba sempre por segregar um homem providencial.

A outra solução consiste em deixar jogar plenamente ou em criar os mecanismos de mobilidade e ajustabilidade que tantas vezes permitiram às sociedades liberais — mesmo nas horas mais difíceis — digerir os acidentes de percurso. Em particular, desde que se lhes tem anunciado de forma incantatória a ruína interna por força das próprias contradições.

Lembre-mo-nos da revolução «keynesiana». Lembre-mo-nos de Pearl Harbour. É afinal de contas reconfortante que a conversão fulminante da indústria americana lhe tenha permitido então em menos de dois anos, não só alimentar todos os campos de batalha das frentes do Ocidente e do Pacífico, como também conceder um considerável auxílio aos soviéticos, cuja vontade e coragem não bastavam. Lembre-mo-nos do plano Marshall, mas também da maneira pela qual a Europa dele se soube servir para se reerguer. Lembre-mo-nos ainda do modo pelo qual foi aceite o desafio do Sputnik. Lembre-mo-nos também da vetustez e da inadequação do aparelho industrial e comercial francês antes de afrontar com o Mercado Comum uma ampla abertura das suas fronteiras. Aposta ganha, apesar das promessas mais sombrias e sem a qual não teríamos por certo conhecido a modernização e a expansão a que temos vindo a assistir há perto de vinte anos. Faço questão de dizer que não ponho o mínimo conteúdo ideológico no que não é aqui senão a pura constatação dos factos.

Quais poderiam ser as vias de reflexão e acção? Limitar-nos-emos sobretudo a algumas considerações económicas.

No plano internacional, uma acção prioritária e urgente impõe-se a respeito do segundo Terceiro Mundo, aquele — inumerável — que à falta de recursos, vai assistir impotente à elevação em todos os azimutes das suas importações. Lembremos aqui que os países mais ricos não consagram em média mais de 0,7 por cento do seu PNB ao auxílio dos países pobres; que foi demons-

trado que uma alteração qualitativa deste auxílio de forma determinante exigiria 2,5 por cento, e que um país como a França, por força dos recentes aumentos de preços petrolíferos vai suportar um acréscimo de despesas da ordem dos 3 por cento do seu PNB. Vê-se mal — se se querem superar todos os egoísmos sagrados ou não — como escapar a um imposto mundial sobre a energia, imposto que seria largamente redistribuído pelos países menos favorecidos.

Nunca, não nunca, a generosidade e a imaginação foram mais necessárias. Uma generosidade por egoísmo, se se souber ver um pouco à distância. A imaginação para inventar à escala internacional, os modos de cooperação próprios para desemaranhar o nó de realidades políticas, económicas e mesmo militares em que ameaça apertar-nos a situação actual. O papel dos países ricos para além dos E. U. A. e da U. R. S. S., bem como dos novos-ricos do Terceiro Mundo, poderia ser aqui determinante.

No interesse de todos, a Europa e o Japão devem, senão conquistar a sua independência, pelo menos diminuir a sua dependência energética. Não devemos acreditar nos especialistas que exigem por exemplo prazos muito longos para nos dotarmos de uma infra-estrutura de produção de energia nuclear rapidamente significativa. O desmentido destes especialistas é comprovado pelo que souberam fazer as economias em guerra, economias de guerra.

A estimulação poderia, por exemplo, ser conseguida neste domínio energético — como nos outros anteriormente evocados — por «filialização» ou criação de sociedades largamente participativas e fazendo apelo a uma poupança que, considerando a situação e os objectivos, deveria ser abundante.

UM SISTEMA ADAPTATIVO

As implicações de uma tal economia de urgência — por exemplo, as reconversões indispensáveis — juntando-se às dificuldades que de qualquer modo nascerão das consequências, já analisadas, da situação actual, precisarão de um prazo de adaptação para

Continua na pag. 17

DU/GERAL

O dirigente birmanês entrega o Poder

LONDRES, 2 (R.) — O primeiro-ministro da Birmânia, Ne Win, anunciou hoje que o seu conselho revolucionário ia entregar o Poder à Assembleia Popular, exactamente 14 anos depois de o ter ocupado em 2 de Março de 1962, segundo revelou Rádio Rangun, numa emissão capturada nesta capital. Num discurso que proferiu

hoje na nova Assembleia, em Rangun, Ne Win declarou: «Em nome do conselho revolucionário anuncio que, a partir de hoje, o conselho devolve o Poder à Assembleia Popular, que representa o povo e é quem verdadeiramente manda na nação» — ouviu-se na emissão.

O primeiro-ministro disse ainda que devido à nova Constituição do país e à Assembleia Popular deixou de ser necessário que o conselho revolucionário continue a existir».

BRIGADEIRO WLEZNY CORREIA

O «Diário do Governo» publica hoje um despacho do ministro da Defesa Nacional que nomeia comandante da Zona Militar Norte de Angola o brigadeiro José Alberto Correia, em substituição do brigadeiro Carlos Mariano Algós Aires.

O PRESIDENTE DA «OBRA» REGRESSA DA ÁFRICA AUSTRAL

Com destino a Paris, passou esta manhã pelo aeroporto da Portela o presidente geral da Sociedade de São Vicente de Paulo, sr. Henri Jacob, que fez uma curta visita a Angola e Moçambique, depois de uma permanência na África do Sul e Rodésia. Foi aqui recebido pelas sr.ªs Maria José Sampaio e Maria Beatriz Cruz, respectivamente, vice-presidentes internacional e nacional das conferências, e pelo prof.

César Viana, presidente do Conselho Superior da obra e pelo conselheiro dr. Pamplona Corte-Real.

Do mesmo aeroporto partiu para São Francisco (Califórnia), onde irá proferir várias conferências destinadas aos portugueses ali radicados, o padre Teodoro Marques da Silva, prior da freguesia de São João de Deus e colaborador da R.T.P.

ANIVERSÁRIO DO COLÉGIO MILITAR

O Colégio Militar festejou esta manhã o 171.º aniversário da sua fundação. As cerimónias, que contaram com a presença do corpo docente e dos alunos iniciaram-se por uma breve allocução alusiva a que se seguiu o desmentamento de duas lápides

de ex-alunos mortos em 1973 no cumprimento do serviço militar. Seguidamente, o director do colégio, brigadeiro Mendonça Ramos, depois uma palmeira de flores no monumento ao Colégio Militar, recebendo

igual homenagem o busto do marechal Teixeira Rebelo, fundador do estabelecimento.

Ao fim da manhã, depois da missa celebrada no Mosteiro dos Jerónimos, o batalhão colegial desfilou na Praça do Império.

COLÉGIO A. HERCULANO

Está definitivamente organizado o programa para a comemoração do 50.º aniversário do Colégio Alexandre Herculanio, promovida pelos seus antigos alunos e que é o seguinte: dia 9, às 15 horas, concentração no Colégio para reunião informal; às 17, missa na Sé nova, por alma dos professores e alunos falecidos; dia 10, às 10, visita ao Colégio com desdobramento de uma palmeira comemorativa, seguindo-se uma sessão solene, em local a indicar; às 14, almoço de confraternização.

A sessão solene será presidida pelo ministro da Educação Nacional.

PRIMEIROS SOCORROS

Nas instalações da delegação da Cruz Vermelha Portuguesa, estão a decorrer os exames finais dos participantes no terceiro Curso de Primeiros Socorros, promovido pelo Núcleo Feminino da referida Delegação, com apoio dos serviços da sede e a colaboração do Centro de Prevenção e Riscos Profissionais.

EXPOSIÇÃO DE PINTURA

O pintor José Mendonça, de Estarreja, inaugura hoje, às 17 horas, no salão da delegação de «O Primeiro de Janeiro», uma exposição dos seus últimos trabalhos.

A CRISE DO MATRIMÓNIO

Na sala S. Tomás de Aquino do Seminário Maior de Coimbra, o rev. Vítor Feytor Pinto proferirá no domingo, às 21.30 uma conferência subordinada ao tema «Porquê a crise do matrimónio cristão?».

A conferência está incluída no programa das actividades das equipas dos Casais de Nossa Senhora, sendo a entrada livre.

AÇORES

LIGAÇÕES AÉREAS COM LISBOA

PONTA DELGADA, 2 (L.) — Segundo o projecto de horário para o próximo Verão, haverá 11 ligações semanais da TAP entre Lisboa e os Açores — informa o jornal «Açores», acrescentando que o novo horário, aguardando aprovação definitiva, deverá entrar em vigor no dia 1 de Abril.

Segundo o mesmo jornal, a TAP efectuará cinco voos entre Lisboa e os EUA, sendo três com escala em Santa Maria e dois pelas Lagoas; para o Canadá, haverá três voos semanais, todos por Santa Maria; a viagem Lisboa-Funchal-Ponta Delgada e volta passa a ser efectuada à quarta-feira enquanto que o voo directo Lisboa-Ponta Delgada será ao domingo, com uma segunda

viagem entre 1 de Julho e 30 de Setembro, à quinta-feira.

AUTOMATIZAÇÃO DE TELEFONES

Ainda no corrente ano, devem ficar automatizadas as comunicações telefónicas entre as ilhas do Faial e de S. Miguel.

Espera-se que a automatização da rede telefónica da ilha Graciosa venha a verificar-se também no decurso deste ano.

PESCA DE CACHALOTES

No ano de 1973 as Animações Baleeiras do Sul do Pico caçaram 184 cachalotes, dos quais foram produzidos 532.260 quilos de óleo, no valor de 3061 contos.

MOÇAMBIQUE

REPRESSÃO AOS ESTUPEFACIENTES

LOURENÇO MARQUES, (L.) — A acção da P. S. P. e da P. J. reactivou-se há cerca de duas semanas na detenção e apreensão de sumuma no distrito de Lourenço Marques. Até ao momento foram apanhados 3900 quilos de sumuma, o que equivale a 5460 contos, na venda directa do produtor ao consumidor.

O recorde de apreensão pertence à P. S. P. que há dias descobriu 2500 quilos de sumuma numa plantação, na Namacacha, mas a P. J. tem esperança de bater esse limite brevemente, dentro da sua campanha de detecção de grandes plantadores ou comerciantes deste estupefaciente.

ESCARSEZ DE EMBALAGENS

O mercado local lutou com escassez de leite condensado durante os últimos dias devido à falta de embalagens.

Segundo a fábrica de laticínios o mercado passará a ser regularmente abastecido a partir de hoje.

QUEBRA DE UM AVIÃO

Um avião da SAPEC precipitou-se no solo quando procedia a trabalhos de pulverização numa propriedade de algodão na zona de Vila Machado, por ter batido com uma das asas numa árvore.

O piloto — António Manuel Mendes Patrício — encontra-se hospitalizado na cidade da Beira, em estado grave.

O aparelho avaliado em mil e cem contos não é recuperável.



A desodorização inofensiva. Finalmente!

Inofensiva porque?

Porque pela primeira vez, o odor corporal pode ser combatido sem perigo. De facto, o desodorizante Santa Clara tem como base a vitamina E, que investigações recentes descobriram ter uma imediata e efficientíssima acção preventiva do odor corporal. A vitamina E substitui, assim, no desodorizante Santa Clara, os produtos químicos tóxicos, até aqui utilizados, com a significativa vantagem de não provocar qualquer desequilíbrio biológico, devido a reacções nocivas.

Desodorizante Santa Clara — a primeira desodorização inofensivamente eficiente.

SANTA CLARA

essencialmente natural



NÃO APARECES, SOLIENITZINE

A televisão poucos anos tem de vida. Mas tantos são os anos que se levam a discutir sobre a sua natureza original, como se costuma dizer, sobre a sua especificidade. Particularmente face ao cinema.

Não vamos, hoje, entrar na discussão. Os argumentos estão todos na mesa. Por agora, pretendo recorrer a uma sugestão que tem muito a ver com a subjectividade e muito pouco, ou nada, com os factos.

Quem assistiu a *Um cura de aldeia* verificou como a acção se arrastava. Muito embora se cingisse o romance de Balzac numa apertada síntese, assim mesmo os diálogos arrastavam-se, transformavam-se em conversa. As imagens não procuravam um foco, um ponto para onde convergissem todos os raios reflectidos num espelho. Mais do que uma comunicação, havia uma história a contar.

Dificilmente se vê aquele processo resultar, hoje, no cinema. Dificilmente encontramos espectadores *disto* numa sala de cinema. Imagino com dificuldade uma pessoa sair de sua casa e passar quase duas horas e meia fechada no animatógrafo a ouvir as estiradas intervenções do padre Bonnet, os passeios a cavalo de Verónica, a sua interminável confissão. A imagem quente do cinema adapta-se mal a este devagarinho televisivo, a estas longas fotografias familiares. A insinuação cinematográfica adapta-se mal à frieza da imagem televisiva. Em televisão, quem não explica, complica; em cinema quem quiser explicar, é explicar.

Talvez, contudo, o realizador da emissão de ontem tivesse confiado em demasiada no poder da televisão. Se aferimos pela

capacidade de agarrar o telespectador, terá sido esta a emissão menos conseguida da série balzaquiana da O.R.T.F., isto devido em grande parte ao facto de se ouvir mais do que se ver. Os lances são mais contados do que vividos. A chave do argumento acaba por ser confessado e num ambiente pesado, carregado de sombras, entrecortado de silêncios que substituíam as emoções despertadas pela acção.

Claro que o filme da *«Antologia»* possuía um interesse além do argumento imediato. A denúncia dos preconceitos, a tónica posta na sujeição a tabus — compartilhada por Jean-François (o operário) e por Verónica (a mulher casada); a divisão da sociedade em compartimentos ferozmente estanques que empurram para a crueldade e para o crime tudo isso, a atenção à trama social, à teia-de-aranha social que nunca abandona a visão de Balzac, tudo isso que seria o mais precioso na obra de Balzac foi recuperado com êxito para esta versão incluída na *«Antologia»* — a rubrica que vem quinzenalmente resgatar as sextas-feiras.

Sextas-feiras, afinal, iguais aos outros dias. Sem variantes. Para mais, o *Telejornal* apresenta-se estranhamente insipido. Nem ao menos uma palestra de José Mensurado para sabermos como foi aquela história das eleições na Inglaterra.

O pior de tudo, porém, é a falta de notícias do Solienitzine. Através da Eurovisão fomos acompanhando par e passo: vimos-lo nos jardins do Boel de braço dado, quando chegou à Alemanha Ocidental; vimos-lo depois quando foi à Suíça, feliz



Por MARIO CASTRIM

da vida, entre jornalistas, na estação, a assinar autógrafos; no outro dia, foi a vez da Dinamarca ou da Noruega, não me

lembro bem; a seguir foi a Noruega ou a Dinamarca, não estou bem certo, ou seria novamente a Suíça? De qualquer

YARA EXPÕE NO CASINO ESTORIL



Aspecto do acto inaugural da exposição da artista brasileira YARA

Trinta e cinco quadros de Yara, expostos desde ontem no Casino Estoril, são um estuante festival de cor. Pintora de inspiração intuitiva, como alguém a classificou, Yara possui, ainda segundo a mesma opinião, «um impulso emocional que se revela em cores violentas e numa temática intimista aberta a um fascínio poético de angústia e de raiva».

Brasileira de nascença, a artista passa agora grande parte do seu tempo nas terras portuguesas de África, trazendo para os seus quadros muito da

violência do cromatismo tropical. Disso são prova irrefutável algumas das telas expostas no Casino, que até nos títulos têm raiz africana: *Queimada*, *Névoas do Mangal*, *Ilha Negra*, *Corais*. Disso se poderão aperceber os que visitarem a exposição durante os dez dias em que ela ficará patente ao público. Disso teve confirmação a quase meia centena de convidados que estiveram presentes à inauguração do certame, à qual procedeu o sr. dr. Manuel Telles, presidente do conselho de administração da Estoril-Sol.

modo, a sua ausência começa a fazer-se sentir.

Ora estava eu a dizer a respeito da sexta-feira...

Bom, um dos momentos mais agradáveis consistiu na transmissão de resumos de alguns desafios de andebol realizados antes de ontem. Hoje também há, mas no segundo programa. Vimos em acção as equipas da Roménia, da Polónia, da Bulgária, da Jugoslávia, da Alemanha Ocidental. Escusado será dizer que qualquer semelhança com outras

partidas de andebol transmitidas pela televisão portuguesa, é mera coincidência. Talvez a comparação entre estes pavilhões cheios e os ginásios portugueses onde se realizam os desafios, vazios de público, onde o próprio apito do árbitro encontra estranhas ressonâncias, talvez a comparação deste interesse com o que explica alguma coisa.

Alegrem-se! Vamos ter uma semana cheia de desporto. Pela Eurovisão, está claro.

Fazem-se já apostas sobre novas eleições

LONDRES, 2 (R.) — Os correctores de apostas começaram hoje a receber apostas sobre o resultado de outra eleição geral na Grã-Bretanha, a realizar ainda este ano.

Consideram os Trabalhistas como os favoritos para ganharem um segundo escrutínio.

Um novo Governo minoritário parecia o resultado mais provável da consulta às urnas de ontem.

Ladbroke, os maiores correctores de apostas na Grã-Bretanha, davam uma vantagem de quatro contra seis a favor da nova vitória trabalhista.

ta noutra eleição. Davam ao Partido Conservador a mesma vantagem e aos Liberais uma de 200 contra um.

JOGOS FLORAIS DOS OFICIAIS MAQUINISTAS

O Centro Cultural do Sindicato Nacional dos Oficiais Maquinistas da Marinha Mercante vai levar a efeito os *«Jogos Florais 1974»*, terminando as inscrições no dia 30.

Publicações Europa-América «Autores Brasileiros Contemporâneos»



O FORTÉ
*ADONIAS FILHO
90\$
o autor de
Luanda Beira Bahia

um romance necessário

A única que todas as livrarias de Portugal têm o seguinte endereço:

Endereço: Rua da Liberdade, 100 - 1.º andar - Lisboa

Nome: _____

Endereço: _____

Profissão: _____

Publicações Europa-América Apartado 8 - Men Martins

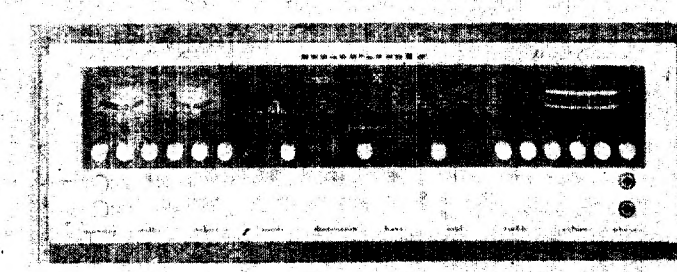


ESTREIA
2.ª FEIRA
um filme de Werner Herzog

AGUIRRE
O AVENTUREIRO

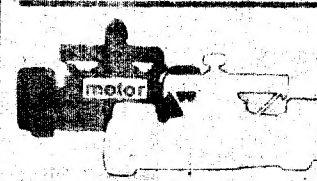
KLAUS KINSKI * HELENA ROJO
RUY GUERRA

TALMA FILMES GRUPO C-14 ANOS EASTMANCOLOR



ESTEREOFONIA QUADRIFONIA **marantz** We sound better

ESTEREOSOM
Av. Duque D'Avila, 56-A-Lisboa 1



O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Francisco P. C. Caetano. Posto de Abastecimento da Sacor VIDIGUEIRA

OLIMPICACULOS

CRÍTICA DE CINEMA

LAURO ANTÔNIO

Engrenagens diabólicas

Título: A ENGRENAGEM (Hammersmith is Out)
Realização: Peter Ustinov, 1972 (E.U.A.)
Interpretes: Richard Burton, Elisabeth Taylor, Peter Ustinov, Beau Bridges, etc.
Distribuição: Sonoro Filme;
Estreia: Cinemas Alvalade e Pathé (23.2.74)

Título: O HOMEM QUE DEIXOU DE FUMAR (The man who gave up smoking)
Realização: Tage Danielson, 1972 (Suécia)
Interpretes: Costa Ekman, Olga Georges Picot, Carl G. Linsedt, etc.
Distribuição: Sonoro Filme;
Estreia: Cinema Tivoli (23.2.74)

Título: O ASSALTO DA MORTE (Once upon a wheel)
Realização: David Winters, 1972 (E.U.A.)
Interpretes: Paul Newman (comentador), Jackie Stewart, Graham Hill, Mario Andretti, etc.
Distribuição: Filmes Castello Lopes
Estreia: Cinema Condes (23.2.74)

Título: UMA PISTOLA NA MÃO DO DIABO

Realização: Frank G. Carroll, 1972 (Itália)
Interpretes: Robert Wood, William Berger, George Wang, etc.
Distribuição: Distribuidores Reunidos;
Estreia: Cinema Olympia (25.2.74)

Não contentes com o rol de «comédias» que escolheram para a quadra carnavalesca, os cinemas de Lisboa guardaram alguns bons «pitéus» para rescaldo desses dias de conturbada e imposta alegria. Assim surge um filme interpretado e dirigido por Peter Ustinov (que em tempos nos dera um belíssimo A lei do mar, e também Romanoff e Julietta): A ENGRENAGEM, filme particularmente «esquisito».

1. Com o título original Hammersmith is out, o filme de Peter Ustinov parece-nos pecar primeiramente pelo grave excesso da gula. Isto é: em tudo tocar, tudo criticar, nada deixar de fora. A ideia poderia em princípio ter algum interesse: numa clínica de doidos, um dos enfermeiros (Beau Bridges) facilita a fuga de um dos internados (Hammersmith —

Richard Burton), homem que lhe havia prometido em troca, dinheiro, poder e glória. Com Hammersmith à solta, o director do hospício (Peter Ustinov) teme o pior: um estorido de mortes, de crimes vários, de insana ambição. O que na prática se concretiza, levando Hammersmith a cumprir as suas promessas para com o enfermeiro falto, que acabará por sucumbir vítima da sua própria ambição e da engrenagem que pusera em andamento.

Que o dinheiro e o poder conduzem à loucura (e vice-versa) esta parece ser a «mensagem» de Ustinov, que equipara a sua história a um novo Fausto com diálogos iniciais que falam da «venda de alma ao demónio». Mas, se a ideia central é relativamente explicita, tudo o que em seu redor gira é uma falta de clareza notável. O que, junto ao tremendo falhanço estilístico deste filme, acaba por lhe retirar todo e qualquer interesse. O cabotinismo pretensioso de Ustinov encarrega-se de tornar «invisível» este novo trabalho da celeberrima dupla Burton/Taylor.

2. Da Suécia, do país de Bergman, uma comédia de Tage Danielson, de quem se tinha já visto em Portugal uma divertida sátira: Contos Suecos. O seu novo trabalho chama-se O HOMEM QUE DEIXOU DE FUMAR e, tirando meia dúzia de situações curiosas (e sobretudo a fórmula divertida como arquitecta o filme, mercê de alguns desenhos que ligam os diferentes dias que ocupam a narrativa, para lá de outros desenhos animados que se intercalam na acção em jeito de «comics», comentando-a), a comédia denuncia o seu lado oportunista, definindo-se como um mero divertimento que não rejeita nenhum dos «lugares-comuns» hoje em dia de consumo certo (entre eles o erotismo de pacotilha que a pudicícia nacional galharda-

mente enjeita). O filme roda sobre uma «anedota»: o filho de um falecido industrial só entrará na posse da fortuna herdada, caso no espaço de 14 dias, demonstre ter deixado de fumar. A película prolonga depois o suspense: qual será o mais forte, o vício de fumar ou a ambição dos milhões?

O humor sueco é um pouco «deslavado», já o sabemos. Pelo menos «deslavado» em relação ao humor a que estamos habituados. Esta comédia não foge à regra, procurando suprir deficiências na qualidade da representação do actor principal (que nos parece um bom comediante), assim como na qualidade «plástica» de Olga Georges Picot. O resto é uma aragem pálida...

3. De O ASFALTO DA MORTE pouco a dizer. Os fans do automobilismo devem gostar de ver os ídolos em acção. Os restantes (entre os quais nos incluímos) chateiam-se bastante com um filme comentado por Paul Newman e que não procura outra coisa senão um mero documentário sobre alguns automobilistas do momento presente, Jackie Stewart na frente. De resto, algumas entrevistas relatam dúvidas, ansiedades, desejos; meia dúzia de cenas falam-nos dos ambientes sociais e humanos dos pilotos; e os carros rolam... O cinema e o automobilismo de novo de mãos dadas; uma mitologia ao serviço de outra mitologia. Os homens precisam de deuses e a velocidade pode ser uma religião.

4. Com UMA PISTOLA NA MÃO DO DIABO chegamos ao fim de mais este relatório. Novo western de marca italiana, com a assinatura de Frank G. Carroll. Mais uma desilusão. O Olympia anuncia, porém, um espectáculo «impar»: Dracula prisioneiro de Frankenstein. de Jess Franco. Aguardemos...

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido na «Tabacaria Pavis», Avenida Fausto de Figueiredo ESTORIL

PONTO SEM NÓ

Triste vida

Corre por Lisboa inteira, boato alarmante: Alice Carla ter-se-ia desentendido com os «casacas» do Teatro Variedades! Existe mesmo uma forte corrente (geralmente bem informada) que assegura estar Badaró metido no guarda-vestidos da barafunda. Calma, então! Façam como eu: Tentem arrancar de dentro do peito o alvoroço e a inquietação. Sim, sei que é difícil... Oh, minhas encomendas, queira Deus que não seja nada ou que termine tudo em bem... Triste vida! São só ralações, ralações, ralações...

ALEXANDRE PAIS

Maria João Pires altera programas

Por motivo de a pianista Maria João Pires se encontrar retida em Tóquio, onde está a fazer algumas gravações, foram trocados entre si os programas dos concertos que a Orquestra Gulbenkian realizará no Grande Auditório da Fundação, sob a direcção do Maestro Michel Tabachnik em 6 e 20 de Março, ficando a actuação da referida solista adiada para este último dia.

Assim, o programa do dia 6 será constituído pelos «Concertos Brandeburgueses» n.ºs 2 e 3 de J. S. Bach, o «Ricercare» de J. S. Bach-Webern, as «Cinco Peças op. 5» de Webern, e a «Sinfonia n.º 4» de Schubert.

O programa do dia 20 será, por sua vez, integrado pelas seguintes obras: «Concerto Brandeburguês» n.º 4 de J. S. Bach, «Sinfonia op. 21» de Webern, «Concerto para piano e orquestra» de Schumann (sendo solista Maria João Pires), e «Sinfonia n.º 104 (Londres)» de Haydn.

Chama-se a atenção do público para o facto de que os bilhetes com data de 20 de Março passam a ser válidos para o dia 6 e vice-versa.

Os portadores de bilhetes a quem eventualmente não convénha a troca, poderão ser reembolsados da respectiva importância.

Banda da Guarda

A Banda de Música da GNR realiza às 15 horas, de sábado, dia 2, se o tempo permitir, o seu habitual Concerto no Quartel do Carmo, sob a direcção do Tenente Alves de Amorim.

Seminário sobre técnicas documentárias

A Comissão de Produtividade da Associação Industrial Portuguesa realiza, de 4 a 6 do corrente um seminário sobre técnicas Documentárias, efectuado em colaboração com o organismo francês - Centro Nacional de Informação para o Progresso Económico. Serão tratados, no-

meadamente, os diversos tipos de pesquisa e fontes de documentação económica, meios a empregar e formação dos utilizadores.

O seminário terá a participação da especialista francesa Mlle Proust.

Sequeira Costa:

Três recitais em Setúbal

A convite da municipalidade local, o pianista Sequeira Costa dará três recitais para piano e

violino, em Setúbal, nos dias 27 de Março, 27 de Abril e 12 de Junho próximos.

Transporte rodoviário internacional de passageiros

Sociedade Intercentro é uma empresa que tem por finalidade a exploração do transporte rodoviário internacional de passageiros, com origem ou destino na Região Centro, sendo esta limitada, a Norte, pelos concelhos de Mira, Cantanhede, Coimbra, Penacova, Tábua, Oliveira do Hospital, Covilhã, Belmonte, Fundão e Penamacor, e a Sul pelos concelhos de Cascais, Oeiras, Lisboa Benavente, Coruche, Chamusca, Abrantes,

Mação e Vila Velha de Ródão. A escritura da constituição da sociedade acima referida foi ontem celebrada na Administração da CP.

Objectivo deste modelo de colaboração rodoviária: eliminação dos aspectos concorrenciais negativos e estabelecimento de uma repartição de tráfegos baseada na vocação de cada meio de transporte.

O capital da Intercentro é de dez mil contos.

NOVOS DISCOS

"Jovens interpretes"

O Secretariado para a Juventude, através da sua Divisão de Actividades Culturais, editou um novo disco da série «Jovens Interpretes» em que Anabela Chaves e Olga Prats interpretam obras

de Brahms, Inghelbrecht, Maurice Viéux e Claudio Carneiro. O disco destina-se essencialmente, a ser sorteado pelos jovens que assistem aos concertos promovidos pelo Secretariado.



CASINO ESTORIL

SLOT MACHINES · SALA DE JOGOS

ACESSO LIVRE A MAIORES DE 21 ANOS

TOBOS OS DIAS DAS 15 AS 3 HORAS

LES CINQ PÈRES

FAMOSOS COMEDIANTES DA CANÇÃO

PALERMO AND PHILLIPS

ORIGINAIS MALABARISTAS

ANA ROSMANINHO

com RAUL SILVA e NOBRE COSTA

LES BALLETES DE JEAN GUELLIS

LES BALLETES DE JEAN GUELLIS

MIS-ATAFF

DA PHOEBUS QUARTET

NO GRANDE SALÃO-RESTAURANTE ÀS 23.30 H.

Grupo C/ Maiores de 14 anos

NO WONDER BAR ÀS 10 H. Maiores de 21 anos



RELOGIOS JAPONESES

MARCA ORIENTE

ÚNICO IMPORTADOR EM PORTUGAL

RODOLFO GOMES PEREIRA, LDA.

Trav. Henrique Cardoso, 5-B (Junto ao Hotel Roma)

Tel. 767691

No MAYER CINEMA — Terraço do Capitólio (Tel. 327493)

Teatro da Cornucópia

A ILHA DOS ESCRAVOS e A HERANÇA

de MARIVAUX

Esp. subs. Fundação Calouste Gulbenkian

Grupo C - 14 anos

Todas as noites às 21.30 horas

Hoje, «matinée» às 17 horas

DL/ESPECTÁCULOS

CRÍTICA DE MÚSICA

MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

UM MAESTRO EXUBERANTE MAS FUNCIONAL

No espaço de uma semana, o público do Coliseu vai ter em-sejo de fruir e cotejar a arte de duas orquestras e de dois maestros que se contam entre os mais representativos da nossa época: a «New Philharmonia» e Lorin Maazel, a Orquestra de Paris e Georg Solti. No seu primeiro programa, a «New Philharmonia» trouxe-nos música russa, do «nacionalista» Glinka, do romântico genuíno Tchaikovsky, e do romântico seródio naturalizado norte-americano Rachmaninoff.

Os ingleses preferem não exportar a sua música, sobretudo quando o que está em causa é o grande repertório sinfónico. Claro que têm o Dunstable, os alaudistas isabelinos, o Purcell. Claro que reivindicam o Haendel e chegam a alimentar o sonho de atrair o Beethoven...

Mas, depois, o que é que fica? Elgar, Vaughan Williams, Walton gozam de alguma audiência no Continente e exerceram até uma influência real no movimento musical europeu dos anos trinta e quarenta (pouco enriquecedora, aliás, como se viu, para quem a recebeu). Carecem, porém, da dimensão criadora e histórica de um Berlioz, de um Debussy ou de um Ravel, para citar apenas dois ou três nomes da nação émula do lado de cá do canal: a França. E de pouco vale mencionar o

novo trunfo chamado Benjamin Britten, pois logo se lhe contrapõem Messiaen, Boulez, ou Xenakis (este tem tanto direito a ser considerado francês como Haendel inglês). Em suma, neste Inglaterra-França, da composição musical, a segunda sai amplamente vitoriosa.

A «New Philharmonia» poupou-nos pois, — e muito bem — ao cumprimento de supérfluos «deveres patrióticos», até mesmo no extraprograma com que correspondeu ao entusiasmo do público: em vez da Marcha de Pompeia e Circunstância de Elgar (uma hipótese feliz para fim de festa) ouvimos o «Ruy Blas» do alemão Mendelssohn-Bartholdy!

Em contrapartida, as grandes tradições musicais inglesas têm dado plenos frutos no domínio da interpretação. A «New Philharmonia», que é sem dúvida a melhor orquestra inglesa, possui, em capacidade técnica e potencial expressivo, níveis de rendimento e de perfeição que não se crê sejam facilmente ultrapassáveis. Admirável, na verdade, a forma como cada instrumento,

cada naipe em toda a orquestra constroem e dominam a sonoridade requerida seja qual for o grau de variação dinâmica, do pianíssimo ao fortíssimo, (houve, por exemplo, pianíssimos metais, a solo e a descoberto, que roçaram o extremo limite da audibilidade sem que se notasse a mínima irregularidade na emissão ou se perdesse a menor parcela da sua pureza tímbrica) Mas o que sobretudo comprova ou atesta a musicalidade desta orquestra, mais que o apetrechamento técnico, é o factor expressivo: individual ou colectivamente, todas os instrumentistas se empenham com todo o seu ser musical na definição autenticamente vivida e sentida das linhas interpretativas traçadas pelo maestro. Deste ponto de vista, a 6.ª Sinfonia de Tchaikovsky, que Lorin Maazel dirigiu na segunda parte do programa, foi o ponto dominante do concerto. Maazel é um maestro exuberante, de gesto largo; dirige com a fisionomia e com o corpo quase tanto como com as mãos e os braços. Chegou a dar saltos sobre o estrado.

E todavia, nada disso é gratuito ou feito a pensar na plateia. Senhor de uma prodigiosa técnica de direcção, Maazel veicula assim expressivamente os seus desígnios e ganha todo o potencial expressivo da orquestra para eles. Sempre a dirigir efectivamente a orquestra, conduzindo-a, mantendo-se à sua frente, e nunca arrastado por ela, formou com esta uma entidade, não apenas musical mas psicológica, única, um monólito interpretativo que revelou de maneira impressionante o conteúdo profundo da Sinfonia de Tchaikovsky. Lorin Maazel e a «New Philharmonia» pertencem ao pequeno número daqueles artistas que têm o condão de mostrar a novidade de certas obras velhas e estafadas... Que me lembre, nunca o patetismo da Sexta de Tchaikovsky se me impusera com tamanha força.

Já quanto ao concerto n.º 3 de Rachmaninoff, maestro e orquestra pouco podiam fazer por ele. Obra balofa por excelência, cujo único interesse é o virtuosismo pianístico (como nos concertos de Paganini o é o virtuo-

sismo violinístico), também não favoreceu o sofista Sérgio Varela Cid, que, mau grado o seu indiscutível talento, ficou muito aquém, por exemplo, de um Weissenberg, a quem ouvi tocar a mesma obra no mesmo piano.

Enfim, voltando ao tema do início: no Inglaterra-França orquestral que se avizinha em Lisboa, a velha Albion começou com uma esplêndida jogada.

FÉRIAS DA PASCOA

LONDRES 5,67 £
3 DIAS
PARTIDAS: Março 31
Abril 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10
11, 12, 15, 21, 28

Preços excepcionais desde **2.990\$**

GENÈVE DE 12 a 15
DE ABRIL
Preços excepcionais desde **2.940\$**

INCLUINDO:

- Viagem em avião a jacto
- Estadia no Hotel
- Transportes em terra
- Visita da cidade
- Taxas hoteleiras
- Acompanhante (37%)

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA

abreu

fundada em 1840

LISBOA: Av. da Liberdade, 50 • Tel. 32 00 21
PORTO: Av. dos Arcos, 207 • Tel. 379 21
COIMBRA: Rua da Seta, 2 • Tel. 270 01/2

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

Maia Primaz

Rossio, 115	1	5
Rossio, 118	2	
R. do Carmo, 45	3	R. Almeida e Sousa, 20-A
Av. Roma, 17-A	4	(C. Ourique)

BANCO TOTTA & AÇORES

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Sede Social: Rua Áurea, 88 — LISBOA

Capital: 900 000 000\$00

Reservas: 334 500 000\$00

CONVOCAÇÃO

É convocada a Assembleia Geral Ordinária deste Banco para reunir no dia 26 de Março do corrente ano, pelas 15 horas, na sua sede, na Rua Áurea, 88, nesta cidade, a fim de:

- Discutir, aprovar ou modificar o Relatório, Contas e mais documentos referentes ao exercício de 1973, apresentados pelo Conselho de Administração e Relatório e Parecer do Conselho Fiscal;
- Eleger a Mesa da Assembleia Geral, o Conselho de Administração, o Conselho Fiscal, os accionistas que farão parte do Conselho Geral e a Comissão a que se refere o artigo 40.º dos Estatutos, para o triénio de 1974-1976.

Lisboa, 21 de Fevereiro de 1974.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
João Pinto da Costa Leite Lumbroso

Siga uma carreira profissional aliciante



Venha para COMISSÁRIO de BORDO

OFERECEMOS:

- Remuneração muito acima do normal
- 13.º mês
- Subsídio de férias
- Salários diferidos
- Regalias sociais
- Viagens

SE POSSUIR:

- Pelo menos a secção de letras, sem deficiência, do 2.º ciclo liceal; ou
- 2.º ciclo liceal com uma deficiência em cada secção desde que não seja em Português, História e Geografia; ou
- Equivalências oficiais devidamente comprovadas

E REUNIR OS SEGUINTE REQUISITOS:

- Idade mínima: 21 anos (com o Serviço Militar cumprido ou dele isento)
- Idade máxima: 30 anos
- Nacionalidade Portuguesa
- Altura mínima: 1,65
- Boa apresentação
- Não usar óculos
- Falar fluentemente inglês e francês (alemão como valor de preferência)

Os interessados devem dirigir-se à

TAP
TRANSPORTES
AÉREOS PORTUGUESES

Divisão do Planeamento do Pessoal
Edifício 25-1.º — Aeroporto de Lisboa



DIVISÃO METALOMECÂNICA DA ACTA

ASSISTENTE TÉCNICO

A INSA FABRICA, REPRESENTA E VENDE COMPONENTES DESTINADOS A PRÉ-FABRICAÇÃO DA CONSTRUÇÃO CIVIL NO DOMÍNIO DO:

- AQUECIMENTO ELÉCTRICO **AMBIENTA**
- PORTAS ARTICULADAS **KAZED**
- COMPONENTES DE INTERIORES **CIMETAL**

PARA ASSISTIR TÉCNICAMENTE OS GABINETES DE ARQUITECTURA E ENGENHARIA NA APLICAÇÃO DESTES PRODUTOS, TEMOS NECESSIDADE DE COLABORADORES (AS) COM FORMAÇÃO DE ARQUITECTURA DECORAÇÃO OU TÉCNICA DE CONSTRUÇÃO CIVIL.

RESPOSTA MANUSCRITA REF. 1102 PARA APARTADO 21 — QUELUZ DE BAIXO.

MANHÃ NA PRAÇA

Segundo uma das mais antigas vendeiras do mercado municipal de Alges, as coisas começaram a correr mal quando surgiu a moda dos supermercados. Alges ficou rodeada deles por todos os lados, embora no centro desta povoação apenas um estivesse em funcionamento. Em breve, outro se implantou em Miraflores. Depois, começaram a alastrar os auto-serviços, livre-serviços, mini-mercados, casas de especialidades e toda uma série de pequenos estabelecimentos (antigas mercearias na maior parte) que constituíam a forma de resistência dos comerciantes tradicionais à concorrência das grandes cadeias de supermercados. Destes estabelecimentos, sem falar nas velhas mercearias, Alges tem quase um em cada rua.

Depois disso — diz a mes-

ma vendeira — o melhor que tínhamos a fazer era fechar a tenda e ir embora. Mas que outra coisa podíamos fazer para ganhar a vida, velhos e sem habilitações? Só se fôssemos para as obras...

Ficaram, pois. Alges tem, mesmo, uma das poucas praças sem bancas vazias. O que também se percebe por as suas instalações serem bastante reduzidas. Mas agora, diz-se, também, que não vale a pena aumentar o mercado.

O que faz as pessoas falarem assim é o facto de estarem em construção, mesmo no centro de Alges, dois novos supermercados. De um deles, do Modelo, já se sabia há muito tempo: há

perto de um ano que as respectivas obras incomodam os habitantes de Alges, indo ao ponto de vedar completamente uma passagem (Arco) entre duas ruas, com as habituais desculpas ao público que não resolvem nada.

Do outro, soube-se há pouco. Melhor: sabem-no os que frequentam as esplanadas da marginal e que não são poucos sobretudo nos domingos de sol. A estes foi dada a surpresa de encontrarem obras junto à primeira das esplanadas, no sentido de quem vai de Lisboa para Cascais. E, perguntando, ficaram a saber que o café, restaurante, convívio, jogos, esplanada vai desaparecer para dar lugar a mais um supermercado, de uma das cadeias mais chiques do País: a Expresso.

Eis por que se inquietam, agora mais do que nunca, os vendedores do mercado da Câmara.

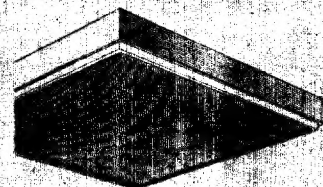
A CONCORRÊNCIA MELHORA OS PREÇOS?

Quarta-Feira de cinzas, apesar de o dia não estar cinzento, falava-se de tudo isto no mercado de Alges. Fazem-se ouvir tanto nos talhos como ao pé das pedras do peixe. Naqueles, havia carne de porco limpa a 89\$80, costeletas a menos dez escudos, ligado a 66\$00, bife de vaca a 62\$00 e frango a 32\$00, para só falar do mais trivial.

As vendeiras de peixe tinham sarda a 8\$00 e chicharro a 14\$00, mas também carapau a 40\$00, pescada a 68\$00, lulas a 45\$00, pargo a 60\$00, chocos a 35\$00, peixe-espada a 30\$80.

Nos sectores da horticultura e frutas, nada de novo. Um pequeno molho de grelos custava 5\$00, um de agriões 2\$50, uma couve lombarda 5\$00 e uma portuguesa 4\$00, uma alface 3\$00, dois nabos 2\$50, um quilo de batatas 4\$20 e um de cebolas 3\$00. As laranjas custavam, por quilo, entre 6\$50 e 13\$00 e as tangerinas iam até mais 1\$00: as bananas estavam a 10\$00 — 11\$00 os pêros, pêras e maçãs oscilavam entre 7\$50 e 13\$00. Vendia-se pouco de tudo.

ILUMINAÇÃO FLUORESCENTE



EQUIPAMENTO DOMÉSTICO



E PARA ESCRITÓRIOS

J.F.
J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª, Lda

TEL. 654165 - LISBOA

ALARME
CONTRA ROUBO



350\$00

BAPAL
RUA DAVID DE
SOUSA, N.º 19-A
AV. OSCAR MONTEIRO TORRES, 35-A
(Campo Pequeno) — TEL. 76 21 28

AUDITORIO
VIVALDI
ALTA FIDELIDADE
AV. JOÃO CRISTÓFARO, 91-A
LISBOA

"depósito" a longo prazo

TALÃO DE DEPÓSITO

do Exmo. Sr. **João Ferreira da Silva**

morador em **R. Actos Isidoro 3-4º**

localidade **Lisboa**

deposita **a máxima confiança**

no **TOYOTA COROLLA 1200**

data **Lisboa 1 de Fevereiro de 1974**

Assinatura *[assinatura]*

VALES	KILOMETROS	MÉDIAS
30 lts.	502	5,9
45 "	721	6,2
12,7 lts.	235	5,4

de depósito cheio

Salvador Caetano I.M.V.T.-S.A.R.L. Matrícula **HN-18-25**

Modelo **COROLLA 1200**

Marca **TOYOTA**

COROLLA

O COROLLA tem um depósito de gasolina de grande capacidade mas parece ainda maior. Porque o consumo de um COROLLA é invulgarmente baixo. Chega a fazer mais de 700 Kms sem se reabastecer. É económico e muito rentável. O COROLLA merece que você deposite nele a máxima confiança. É um carro para andar e durar. Por longos anos. E dá-lhe juros. Juros de economia. Economia de gasolina e de manutenção. Na sua classe é o carro mais económico a andar.

FAÇA UM BOM INVESTIMENTO
COMPRA UM COROLLA

TOYOTA

veio
para ficar

E FICOU MESMO

IMPORTADORES E DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS: SALVADOR CAETANO, S.A.R.L.
CONCESSIONÁRIOS EM TODO O PAÍS COM SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA E PEÇAS

Sindicato Nacional dos Empregados Bancários do Distrito de Lisboa

AVISO

ASSEMBLEIA GERAL

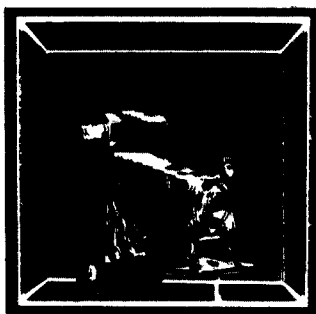
A sessão extraordinária da Assembleia Geral, reunida em 17 de Setembro de 1973, prosseguirá no próximo dia 4 de Março, pelas 21 horas, no salão da Sociedade de Instrução e Beneficência «A Voz do Operário», Rua da Voz do Operário, 11, em Lisboa.

Como a sessão foi suspensa no ponto 2., encontrando-se cumprido o ponto 1., a ordem de trabalhos é a seguinte:

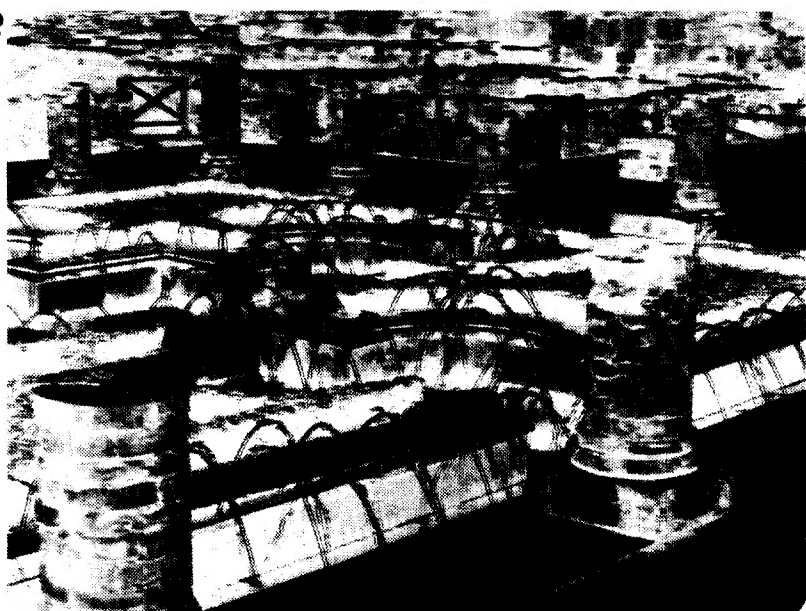
2. Análise e discussão de Aspectos relacionados com a actividade interna do Sindicato.

Lisboa, 19 de Fevereiro de 1974.

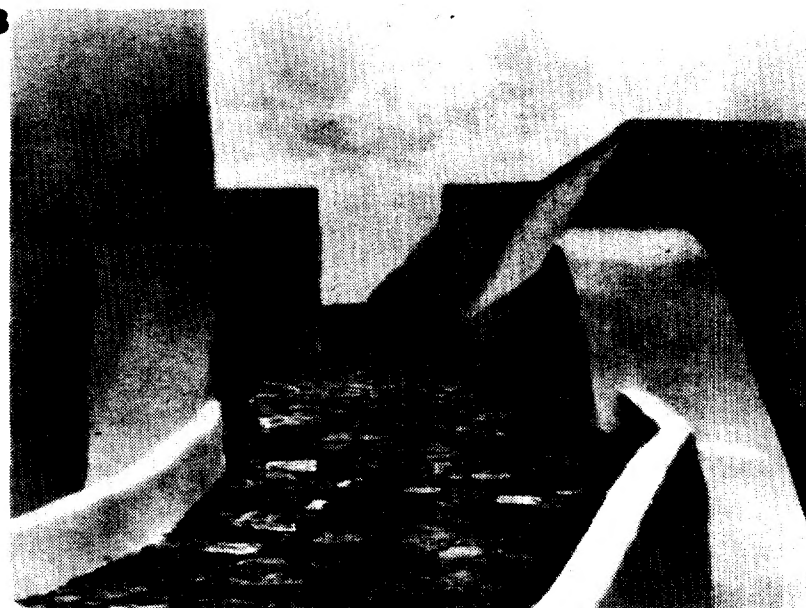
O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
José de Andrada Soares



CONCURSO FOTO TORRALTA



Ruínas de Cordeiro



Fortaleza de S. Sebastião SETUBAL

1-PREMIO ARTE POPULAR/ARTESANATO

ANTONIO J. DE SOUSA ALMEIDA
Largo N. Sra. 19 SÍTIO NAZARÉ

2-PREMIO ARQUEOLOGIA

LUIS ANTONIO CANGUEIRO
Residência Calouste Gulbenkian BRAGANÇA

3-PREMIO MONUMENTOS

MANUEL JOSE NASCIMENTO MAGALHÃES
Rua Pedro Escobar 36 1º Dto PORTO

MENÇÕES HONROSAS

JOSE ANASTÁCIO
Apartado 22 TORTOSENDO B.B.

JOSE ALVES MARTINS
R. Alão de Morais 74 S. JOÃO DA MADEIRA

1. As fotografias no formato 18 x 24, reproduções brilhantes, têm de versar um dos três temas:

- A) Arte Popular e Artesanato
- B) Arqueologia
- C) Monumentos

1.1 As fotografias devem indicar obrigatoriamente no verso, além do nome e morada do concorrente, qual o tema a que concorre a fotografia.

1.2 A má classificação do tema fotografado é factor de exclusão da mesma.

1.3 Cada concorrente é obrigado a identificar-se da mesma maneira do principio ao fim do concurso, de modo a evitar possíveis duplicações de classificação do mesmo concorrente que, em caso algum serão somadas sob o mesmo nome, considerando-se unicamente a identificação a que corresponder o maior número de pontos acumulados.

1.4 As fotografias serão enviadas até ao último dia de cada mês, ficando classificadas por semanas, para a Sociedade Nacional de Belas Artes, Rua Barata Salgueiro, não se devolvendo reproduções.

1.5 As fotografias ficarão propriedade da Torralta, que se lhes quiser dar utilização em anúncios de publicidade só o fará mediante acordo particular com o autor.

2. O júri será formado por membros da Sociedade Nacional de Belas Artes, pertencentes ao corpo de professores do Curso de Formação Artística.

2.1 O júri atribuirá quatro ou cinco prémios e oito ou dez menções honrosas conforme o mês tenha quatro ou cinco semanas.

2.2 O júri poderá não atribuir prémios.

3. O prémio principal de cada tema, em cada semana, é constituído por uma estada completa de 2 dias para duas pessoas nas instalações da Torralta em Tróia ou no Algarve, por escolha do concorrente, e a menção honrosa por almoço ou jantar num dos restaurantes de Tróia, incluindo a viagem de ida e volta de hovercraft.

4. Estabelecer-se-ão quatro classificações, três por tema, e uma geral por concorrentes, soma das pontuações alcançadas nos três temas.

4.1 O mesmo concorrente pode ser classificado num ou vários temas, no mesmo dia.

4.2 Os prémios não podem ser gozados cumulativamente e têm de ser efectivos até três meses depois da data da sua atribuição.

5. Serão atribuídos três prémios finais. Um para o concorrente mais premiado no conjunto dos três temas e que é uma HASEBALD com uma objectiva normal. Três prémios iguais para os concorrentes mais pontuados em cada tema e que são três NIKON F equipadas com objectivas MIKKRON.

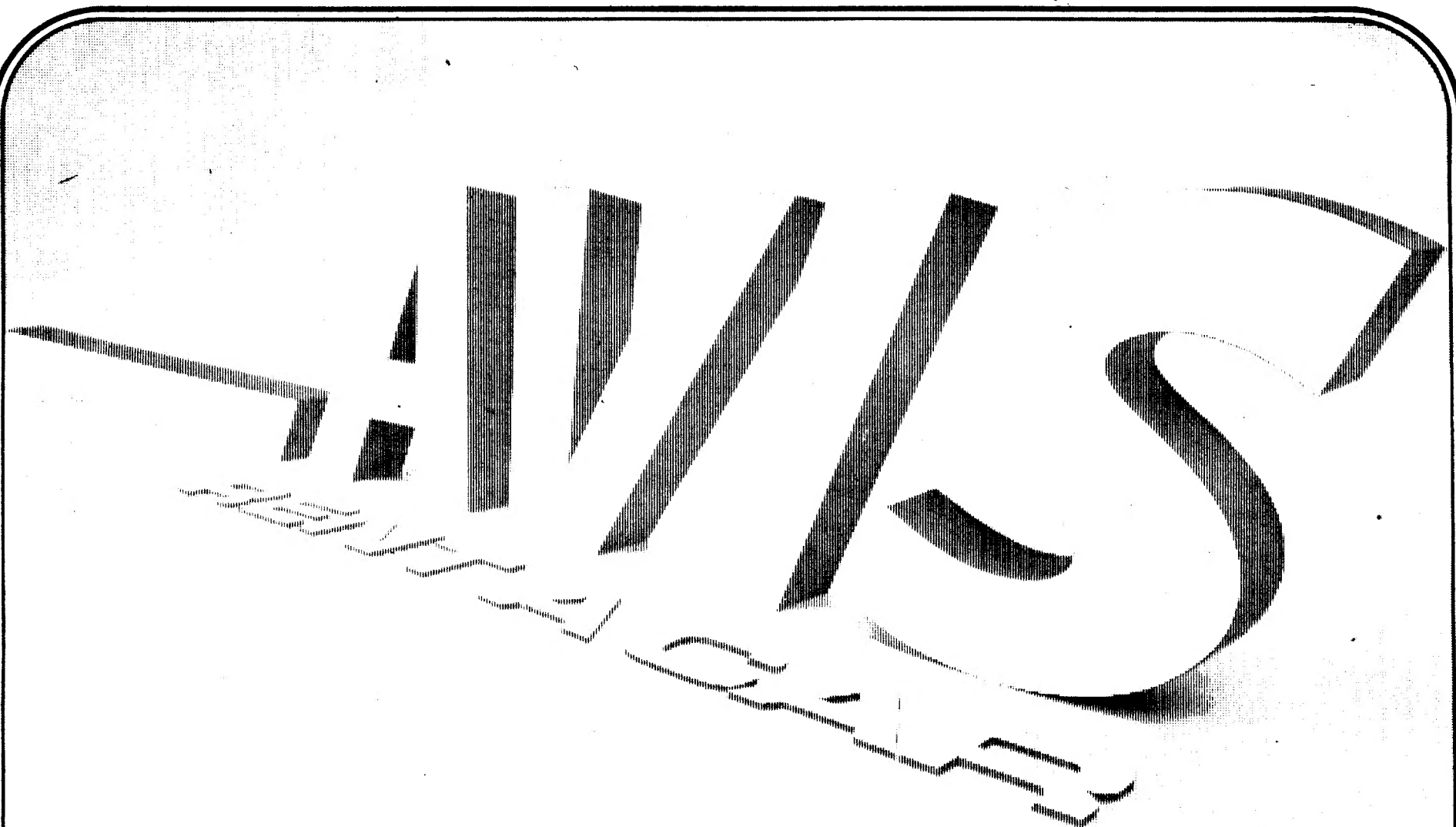
5.1 Os prémios finais não podem ser acumulados, pelo que, quando um concorrente tiver direito a dois ou mais prémios ser-lhe-á atribuído o de maior valia, atribuindo-se o ou os de menor valia ao 2.º classificado.

6. O concurso tem início na 1.ª semana de Setembro, data em que se começará a recepção de fotografias.

6.1 O primeiro dia de publicação no "Diário de Lisboa" será o último sábado de Setembro.

6.2 A sua duração será de 52 semanas, após o que se efectuará uma exposição de todas as fotografias premiadas em local e data a indicar oportunamente.

TORRALTA



**TAL COMO EM 1972
FOMOS
DE NOVO
ELEITOS
OS MELHORES
EM 1973**

**SOMOS
MAIORES
AO SERVIÇO
DO PÚBLICO
E DO TURISMO**

alugamos automóveis oferecemos qualidade



BANCO INTERCONTINENTAL PORTUGUÊS

AV. FONTES PEREIRA DE MELO, Nº 7-13 LISBOA

RELATÓRIO E CONTAS - 1973



RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Senhores Accionistas

1. Cumpre, gostosamente, os preceitos estatutários, o Conselho de Administração vem dar-vos conta do modo como foi gerido o Banco Intercontinental Português e da sua evolução e perspectivas. Uma e outras — tal como a gestão realizada no ano findo — desenvolveram-se e afirmaram-se perante fortes condicionamentos decorrentes da conjuntura económica e financeira, sendo por ela inevitavelmente influenciadas.

2. Ora, como é sabido, a situação internacional que mais significativamente condiciona a economia portuguesa evoluiu durante 1973 em termos que podem ser assim lembrados: expansão notável da actividade económica durante a maior parte do ano, com promoção de maiores níveis de comércio internacional; alta generalizada e intensa dos preços dos produtos acabados, dos bens alimentares e das matérias primas e energia, subida das custos, nomeadamente salarios, instabilidade recorrente da situação monetária internacional.

Por outro lado, as modificações operadas na fase final do ano poderão vir a apontar no sentido de um possível abrandamento do ritmo da expansão nomeadamente, dada a crise energética e certo clima de instabilidade na utilização efectiva dos recursos; e para além disso, a alta generalizada dos preços das matérias primas e sua possível escassez ou irregularidade de fornecimento — juntas à eventual substituição de políticas expansionistas por uma vasta prática restritiva, acompanhada de paragem ou recuo no caminho da liberalização do comércio internacional e da cooperação entre os países — podem vir a constituir factores de estrangulamento da actividade económica, com efeitos indesejáveis simultaneamente, pelo menos a curto prazo, sobre o nível daquela actividade, o volume de emprego e os preços.

Tudo isto convida a reflectir sobre o facto de, mais do que as dadas exibidas pelas situações reais como parâmetros de comportamento, serem as reacções dos responsáveis que em última análise condicionam a economia; e essas reacções referem-se, directa ou indirectamente, a medidas de política.

3. Não há que demorar-se sobre os traços definidores da evolução apontada, nem sublinhar a interdependência de cada um dos seus fenómenos na produção dos resultados, que caracterizam a situação actual, e das tendências que abrem possíveis perspectivas; bastará recordar que a sua trama sempre envolveu de modo inevitável e significativo a nossa economia, em grau decorrente da dependência externa que a caracteriza e de medida em que a sensibilidade natural dos seus sectores não seja alterada ou aproveitada por intervenções de política conjuntural e de estrutura.

4. Os dados disponíveis permitem concluir que, em 1973, a País beneficiou de um apreciável crescimento da actividade económica, sob o impulso de ritmo significativo do investimento, do consumo e da procura externa. Paralelamente, embora o esforço de investir e a própria expansão do rendimento se tenham reflectido na evolução das importações, a tendência, segundo os números da maior parte do ano findo, teria sido para uma redução do défice da balança comercial e consequente acréscimo da capacidade de importar, mercê do comportamento favorável das nossas exportações.

Por seu lado, a movimentação de inócuos correntes continuou a provocar, com saída avultada da balança de pagamentos da zona escudo, aumento das reservas de ouro e cambiais.

Como é natural, tudo isso foi sendo acompanhado de uma expansão dos meios de pagamento internos e activação de alguns circuitos financeiros.

No entanto, toda esta evolução positiva aponta no sentido da pressão sobre os preços — que, tendo afrouxada na última metade de 1972, voltou a intensificar-se no ano findo. Trata-se de fenómenos que, de qualquer modo, é sempre um encargo da própria crescimento e efeito da progressiva internacionalização da economia, mas, indubitavelmente, constitui fonte de grandes preocupações e torna-se objecto necessário de cuidadosas políticas.

5. A evolução que, a traços largos, se acaba de relembrar constitui um marco muito importante da actividade da banca no ano findo, não só pelos condicionamentos que directamente criou como, em estreita relação com eles, pela disciplina a que deram lugar as diversas medidas de política adoptadas no campo monetário e financeiro.

Embora inserindo-se em fase de expansão mais ou menos generalizada da nossa economia, não pôde a política geral naqueles domínios deixar de se centrar, muito agudamente, nas preocupações sobre a marca dos preços. E, nesses termos, conhecidos, como são, os graus diversos da possibilidade de actuação rápida nos vários campos em causa, — nomeadamente na dimensão da oferta real e na evolução dos custos — compreende-se que os instrumentos da disciplina monetária tivessem ocupado lugar de relevo na formulação e execução da política anti-inflacionista. São exemplos significativos as disposições tomadas no sentido de reduzir o impacto, real ou eventual, do crédito sobre o volume da procura global, quer pela política de desconto seguida, quer pela disciplina directa dos vários factores que se julga determinarem a liquidez bancária.

Desnecessário se torna acentuar as dificuldades daí decorrentes: para a banca na medida em que as actuações restritivas vem juntar os seus efeitos a série de factores que tem determinado uma tendência a compressão progressiva da taxa de lucratividade bancária, para o País, que requer, ao mesmo tempo, o fortalecimento de uma economia incanvada e equilibrada, na qual como parece óbvia, a banca privada tem um decisivo papel a desempenhar.

No fundo trata-se de dificuldades que não são mais do que espelho da delicadeza que tem sempre, e em todo o mundo, a difícil compatibilização entre actuações dirigidas a objectivos estabilizadores e as camadas pela desenvolvimento e expansão económicas compatibilização que evidentemente — no sistema em que nos situamos — só terá a ganhar com o entendimento de todos os participantes nos respectivos processos político-económicos, sabendo em tempos cujas tendências parece vir a esboçar-se de modo menos favorável por toda a Europa.

6. Como já se afirmou, prosseguiu-se em 1973 a política de consolidação de que se dá conta no relatório do exercício anterior. Assim, além de ter aumentado notavelmente a disponibilidade de capitais alheios — mais 2117 mil contos de depósitos do que no fim de 1972 — cuidou-se de reforçar, com prudente critério, a carteira de títulos do Banco; e tomou-se uma série de medidas nos domínios da composição do activo e da própria estrutura do crédito que se crê virão a colaborar na prossecução da política de crescimento que se está disposto a seguir sobre bases sólidas. O recente aumento do capital social, de 370 mil para 800 mil contos e o grande êxito que rodeou o seu lançamento constituem, estamos certos, indiscutível sinal de que se está no bom caminho.

Apesar da conjuntura atravessada e do sensível agravamento de custos que houve de suportar, foi possível prosseguir na efectivação de provisões e amortizações consentâneas com a política acima relembrada, e possibilitar-se, mesmo assim, um saldo ligeiramente para o exercício, quer através das actividades bancárias mais características (largamente afectadas, em toda a banca, por condições tão adversas, de todas conhecidas), quer em resultado de operações cambiais e sobre títulos.

7. Por tudo o exposto, não há que modificar a posição assumida há um ano: congratular-se com o modo como se conseguiu cumprir o programa da gestão para 1973 e, conscientes das dificuldades previsíveis, propor uma disposição de resultados que obedeça à política consolidadora. Nesses termos, o Conselho de Administração propõe que, constituído o fundo de reserva legal e atribuído aos Senhores Accionistas, como dividendo, Esc. 25 900 000\$00, 7 % do capital subscrito se disponha a importância de Esc. 8 925 181\$50 para remunerações extraordinárias ao pessoal e a percentagem de 2 %, dos resultados para as fins do n.º 2.º do artigo 33.º dos Estatutos, sendo, depois, o saldo da execução levado a conta de reserva.

8. O conselho de administração não deseja terminar este relatório sem expressar, com sinceros propósitos de colaboração, o seu muito respeito ao Ministério das Finanças e ao Governo da República Portuguesa sua Administração e Serviços. E endereçar as demais instituições de Crédito uma palavra de grata saudação e solidariedade. Aos nossos clientes que tão bem nos acompanharam durante mais um ano apresentamos o mais vivo agradecimento.

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1973

ACTIVO

DISPONIVEL E REALIZAVEL

Caixa e Depósito no Banco de Portugal	1 117 413 938\$66	
Depósitos outras instituições de Crédito	501 750 821\$13	
Prémios de Fomento Nacional	46 000 000\$00	1 665 64 595\$59
Correspondentes na Estrangeira	13 321 017\$80	
Outros, Moedas e Notas Diversas	12 268 491\$55	
Carteira de Títulos e Cupons	1 969 490 963\$29	
Carteira Comercial	4 001 484 635\$10	
Letras sobre a Estrangeira	25 711 321\$60	
Correspondentes no País	3 251 557\$10	
Emprestimos e Contas Correntes Caucionadas	2 613 279 212\$92	
Devedores e Creditores	91 553 334\$93	
Emprestimos a mais de um ano	6 075 623\$06	
Outros valores Realizáveis	414 525\$80	8 736 950 241\$35
		10 402 1 5 900\$94

IMOBILIZADO

Participações Financeiras		24 626 144\$71
Despesas de Constituição e de Instalação		
Custo	70 829 971\$10	
Amortização a deduzir	36 211 429\$90	24 618 542\$10
Mobiliário e Material		
Custo	32 403 862\$50	
Amortização a deduzir	12 176 809\$60	19 927 252\$90
Imóveis		
Custo	258 346 309\$50	
Amortização a deduzir	1 162 480\$80	253 284 028\$50
Outros Valores Imobilizados		
Custo	2 140 995\$17	
Amortização a deduzir	4 211 963\$79	8 925 135\$38
		13 381 004\$09

OUTRAS CONTAS DO ACTIVO

Contas Transitórias e de Regularização	407 489 966\$85	407 489 966\$85
		11 40 985 971\$88

CONTAS DE ORDEM

Valores de Conta Alheia	1 454 574 817\$61	
Valores Recebidos em Caução	2 646 482 595\$11	
Devedores por Garantias e Avals Prestados	909 886 055\$76	
Devedores por Avals	242 140 313\$50	
Devedores por Créditos Abertos	2 40 116 070\$30	4 292 442 277\$56
Outras Contas de Ordem	245 920 449\$20	8 629 920 395\$14
		9 290 906 111\$41

CONTA DE LUCROS E PERDAS

DÉBITO

Juros e Comissões a nossa carga	217 667 115\$07	
Contribuições e Impostos	26 084 875\$04	
Despesas com o Pessoal		
Remunerações aos Órgãos Sociais	4 971 870\$00	
Remunerações aos Empregados	19 623 995\$59	
Encargos Sociais Obrigatórios	1 680 681\$94	
Outras Encargos	2 704 114\$00	7 990 861\$53
Despesas Gerais		
Publicidade	1 747 800\$90	
Conservação de Instalações		
Mobiliário e Material	1 222 437\$00	
Outras Despesas	24 822 792\$90	27 593 030\$80
Encargos Diversos		6 966 988\$91
Provisões e Amortizações		
Dotações para Provisões Diversas	47 581 124\$30	
Dotações para Contas de Amortização	18 367 121\$59	65 648 345\$89
Saldo		1 5 351 317\$26
		75 354 677\$72
		91 505 494\$98

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Senhores Accionistas

Tendo-nos sido presente pelo Conselho de Administração o seu Relatório acompanhado do Balanço e Conta de Lucros e Perdas do exercício findo em 1973 de acordo com as disposições da Lei e dos Estatutos elaboramos a nosso parecer que ora submetemos a vossa apreciação.

As Contas e o Relatório do Conselho de Administração foram objecto de atenta análise permitindo-nos certificar que foram rigorosamente observados os preceitos legais e estatutários aplicáveis. Julgamo-los assim esclarecedores das opções tomadas e dos criteriosos princípios orientadores que presidiram à gestão prosseguida pelo Conselho de Administração.

Agradecemos as palavras que nos foram dirigidas pelo Conselho de Administração e registamos com agrado, os esclarecimentos sempre prontos e solícitos que nos foram prestados ao longo do ano no cumprimento da nossa missão fiscalizadora. Verificamos a contabilidade e os documentos que lhe serviram de base tudo encontrando em ordem e em observância com as instruções emanadas da Inspeção Geral de Crédito e Seguros e demais legislação afim, com especial incidência para os critérios valorimétricos dos elementos que constituem o património do vosso Banco.

O Conselho Fiscal é credor da nossa gratidão pela zelosa colaboração prestada. E a todos quantos — seja qual for a sua categoria — conosco colaboraram na construção e aperfeiçoamento de uma obra que e de todos, queremos significar o profundo reconhecimento por, com alegria e orgulho, terem querido fazer do BIP uma boa parte da sua vida.

Lisboa, 18 de Janeiro de 1974

O conselho de administração

Jorge de Brito — Presidente,

Prof. Doutor João Ruiz de Almeida Garrett — Vice-Presidente

Dr. António Manuel de Sousa Vieira,

Eduardo de Matos Castro

Dr. Fernando Cruz,

Dr. Joaquim José de Paiva Corrêa, Administradores

PASSIVO

EXIGIVEL

Depósitos a Ordem — Moeda Nacional	3 883 925 139\$14	
Depósitos a Ordem — Moeda Estrangeira	5 295 881\$80	
Depósitos com Pré-Aviso — Moeda Nacional	87 708 294\$50	
Depósitos a Prazo — Moeda Nacional	1 474 096 670\$11	7 451 026 087\$55
Cheques e Ordens a Pagar	6 247 049\$76	
Exigibilidades Diversas	8 055 081\$84	
Correspondentes no País	203 546\$50	
Correspondentes na Estrangeira	98 836\$30	
Emprestimos e Contas Correntes Caucionadas	23 055 031\$16	
Devedores e Creditores	217 991 863\$94	256 743 428\$50
		7 706 769 516\$85

NAO EXIGIVEL

Contas Transitórias e de Regularização	588 358 210\$96	
Man-Ata da Carteira de Títulos	577 528 653\$38	
Provisões Diversas	1 221 96 294\$35	1 294 073 158\$69
		1 294 073 158\$69

CAPITAL E RESERVAS

Capital	800 000 000\$00	
Fundo de Reserva Legal	27 396 377\$50	
Outras Fundos de Reserva	1 227 247 242\$52	2 064 588 619\$42
		2 064 588 619\$42

RESULTADOS

Lucros e Perdas		
Resultados do Exercício	75 554 677\$72	75 554 677\$72
		11 40 985 971\$88

CONTAS DE ORDEM

Creditores por Valores de Conta Alheia	454 574 817\$61	
Creditores por Valores Recebidos em Caução	2 646 482 595\$11	
Devedores por Avals Prestados	909 886 055\$76	
Avals	1 242 140 313\$50	
Devedores por Avals	2 40 116 070\$30	4 292 442 277\$56
Outras Contas de Ordem	245 920 449\$20	8 629 920 395\$14
		19 780 906 111\$42

Lisboa, 31 de Janeiro de 1974

Conselho Fiscal

Dr. Guido Lacombe, Presidente,

Prof. Doutor João Charters de Almeida,

Dr. Manuel Jorge Roquette Ricciardi

CRÉDITO

Juros e Comissões a nossa favor	368 155 017\$92	
Resultados em operações Cambiais e sobre Títulos	111 145 088\$44	
Rendimentos de Títulos de Crédito	5 736 281\$08	
Outros Rendimentos, Receitas e Lucros	6 149 306\$74	491 505 694\$98

		491 505 694\$98
--	--	-----------------

PRODUTOS PORTUGUESES NA FEIRA DE MILÃO

A participação portuguesa na Feira Internacional de Milão, a realizar-se de 14 a 25 de Abril, deverá contar com uma exposição colectiva, organizada pelo Fundo de Fomento de Exportação, que, entre outros produtos na nossa indústria, apresentará várias marcas de conservas de peixe, vinhos de mesa, da Madeira e do Porto. Por iniciativa do Fundo de Fomento e Propaganda do Café expor-se-ão igualmente qualidades de café, chá e cacau de Angola, Moçambique e S. Tomé. Ao que parece, o sector alimentar das exportações portuguesas apresenta possibilidades de crescimento. O vinho do Porto, por exemplo, que será representado em Milão por cerca de vinte marcas, registou, entre 1972 e 1973, um aumento de 108 por cento nas suas exportações para Itália; nos primeiros onze meses de 1973, o seu valor atingiu os

64 milhões de escudos. Aliás, segundo as estatísticas do intercâmbio comercial luso-italiano relativas aos mesmos meses desse ano, as exportações portuguesas para Itália terão registado uma taxa de aumento da ordem dos 40 por cento.

Durante os doze dias em que funcionará, a Feira Internacional de Milão estará, em dois deles, exclusivamente aberta aos expositores. Estes dois «dias do cliente» — 16 e 19 de Abril — facilitarão aos expositores e aos seus possíveis compradores a conclusão de negócios num ambiente que se quer de tranquilidade.

Esta altura do ano, antecedendo grandes movimentações turísticas em toda a Europa, é, em Itália, rica em feiras e exposições: em Turim, encontra-se aberto, até dia 11, o Salão Internacional das Férias e Turismo; em Génova de 16 a 24 deste

mês, decorre uma Reunião Mundial das Viagens e Turismo e a Exposição Internacional «Caravana-Campismo»; em Viena, de 23 a 31 de Março, a Exposição de Campismo e Tempo-Livre; em Bari, de 30 de Março a 7 de Abril, a Feira dos Desportos, Férias e Turismo.

Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório e Caixeiros do distrito de Santarém

Depois de procederem à análise do projecto de decreto-lei elaborado pelo Governo

"DIÁRIO DE LISBOA"

Entre outros, referiram-se ultimamente ao nosso jornal ou dele fizeram transcrições os prezados colegas: «Independência d'Agueda», «Jornal do Fundão», «Jornal de Almada», «Jornal do Algarve», «A Voz de Loulé», «Trevim», da Lousã, «Beira Baixa» e «Reconquista».

Reuniu-se em Lisboa o Comité Internacional do Bankamericard



Num dos melhores hotéis da capital, realizou-se nos dias 25 e 26 de Fevereiro a reunião anual de Administradores do N.B.I. — National Bankamericard Incorporated, com a presença do seu Presidente, Mr. Tee Hock, que teve como objectivo tratar da Operação Bankamericard, da qual é representante em Portugal o Banco Pinto & Sotto Mayor, através do Cartão SOTTOMAYOR.

Na sequência destas reuniões realizaram-se, igualmente em Lisboa, nos dias 27 e 28 de Fevereiro, sessões de trabalho do Comité Internacional do Bankamericard, onde estiveram presentes todos os seus membros, vindos das diversas regiões do globo.

A culminar esta importante reunião, o Banco Pinto & Sotto Mayor ofereceu no dia 1 de Março, um cocktail na Casa do Leão.

Estiveram presentes o Sr.

Eduardo Furtado — Presidente do Conselho de Administração do Banco Pinto & Sotto Mayor, Srs. Duque de Palmela e Conde de Caria — Administradores, Sr. João Ribeiro da Fonseca — Director do Departamento de Cartão SOTTOMAYOR, Sr. Porfírio Moreira — Director do Departamento do Estrangeiro, e ainda o Sr. Tee Hock — Presidente do N.B.I., Sr. Bruce Marcus — Vice-presidente do N.B.I., Presidentes de diversos Bancos americanos, bem como todos os restantes elementos presentes na reunião do N.B.I. e no Comité Internacional do Bankamericard.

Lisboa foi, portanto, mais uma vez cenário de importantes reuniões internacionais, desta vez relacionadas com o mundo bancário.

MERGULHÃO

As mais lindas pratas
Rua de S. Paulo, 162
Telef. 360013

Não fique para trás

COMPRE UMA MOTORIZADA

Mobylette

NOVOS MODELOS

AGORA AINDA MAIS POTENTES



ARMANDO CRESPO, & C., LDA
116, Rua do Crucifixo, 124
Telef. 32 70 27 LISBOA

CRESPO & BORGES, LDA.
Rua Cândido dos Reis, 58
Telef. 23 259 PORTO

C. T. M. — COMPANHIA PORTUGUESA DE TRANSPORTES MARÍTIMOS, SARL

LINHA DA MADEIRA — Próximas saídas

«LAGOA»	6 3	Leixões, Funchal
«MONTI BRASIL»	8 3	V. Porto, P. Delgada, A. Heroísmo, P.ª Graciosa, Velas, C. Pico, Horta, Corvo, L. Flores, St.ª Cruz, Graciosa, P. Delgada, Funchal
«GORGULHO»	9 3	Funchal
«HORTA»	12 3	Sai de Leixões para Funchal, P. Delgada, P.ª Vitória, Horta, A. Heroísmo
«JOÃO DA NOVA»	14 3	Funchal, P. Delgada, Horta, S. Jorge, Pico, A. Heroísmo

LINHA DOS AÇORES — Próximas saídas

«PONTA GARÇA»	15 3	«RIBEIRA GRANDE»	16 3
---------------	------	------------------	------

LINHA DE AFRICA — Próximas saídas

N. EUROPA ANGOLA			
«LOBITO»	10 3	Luanda, Lobito, Moçamedes	
«ROCADAS»	29 3	Luanda, Matadi, Lobito, Moçamedes, P. Alexandre, Cabinda	
METROPOLE ANGOLA			
«INIANTE D. HENRIQUE» (X)	9 3	Luanda Lobito, Lav. Palmas	
«CIGES» (X)	15 3	S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes	
N. EUROPA MOÇAMBIQUE			
«PORTO»	1 4	Portos da Africa do Sul, Lourenço Marques, Beira, Nacala	
«SERPA PINTO»	8 4	C. Town, F. Elizabeth, E. London, Durban, L. Marques, Beira, Nacala, Luanda	

LINHA MEDITERRANEO-MOÇAMBIQUE

SERVIÇO COMBINADO FRANCO-PORTUGUES — LINHA DA FRANÇA — Serviço combinado entre a CTM — COMPANHIA PORTUGUESA DE TRANSPORTES MARÍTIMOS, SARL UNION INDUSTRIELLE ET MARITIME N.V. GEBR UDEN

«CLIDROS»	6 3	Leixões, Rouen, Le Havre
-----------	-----	--------------------------

LUSITAINER SERVICE — Serviço combinado CNN CTM a) Porta-contentores

«FIPIPRARY» (a)	16 3	Leixões, Londres, Rotterdam
«OSTLIRON» (a)	19 3	Leixões, Liverpool

CRUZEIROS INSULANA (SERVIÇO EXPRESSO)

«FUNCHAL» (X)	3 3	Lisboa, Zeebrugge, Dover
---------------	-----	--------------------------

LINHA DOS E. U. A. (Navios porta-contentores)

«RODRIGUES CABRILHO»	18 3	N. York, Filadélfia (Camden), Baltimore
«MAURICIO DE OLIVEIRA»	21 3	N. York, Filadélfia (Camden), Baltimore

(X) — ESTE(S) NAVIO(S) RECEBE(M) PASSAGEIRO(S)

LISBOA: * PASSAGENS — Rua Augusta, 152 } Telefs. 67 71 81 69 01 51
CARGAS — Av. 24 de Julho, 132 }
PASSAGENS E CARGAS — Rua de S. João, 63 — Telefs. 36 96 21 36 96 31
PORTO: * Escritórios da CTM — Av. Basílio Teles, 8 — Telef. 69 31 41
** AGENCIA DE NAVEGAÇÃO E COMERCIO, SARL — Rua Infante D. Henrique, 9. 1.ª
Telefs. 2 33 42 2 94 79

férias na NEVE

Em duas das mais apreciadas
estâncias da Montanha!

CHAMONIX ou MEGÈVE

NA MELHOR EPOCA

BONS HOTEIS • BOM SERVIÇO

PREÇOS
EXCEPCIONAIS
DESDE

1 SEMANA
3.960\$
TUDO INCLUIDO

PARTIDAS
FEVEREIRO 24 MARÇO 3 10 17 24

- V.ª para LISBOA/NEVE/LISBOA.
- Despesas de transporte TAP.
- Seguro 72% com responsabilidade.
- Alojamento em Hotel.
- Transporte com autocarro.
- Exatidão nos horários.
- Assistência médica e hospitalar.
- Seguro de vida e acidentes.

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA

abreu

Fundada em 1860

LISBOA: Av. da Liberdade, 105-106
PORTO: Rua da Restauração, 105-106
COIMBRA: Rua da Universidade, 105-106

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

GASOLINA

No seu próprio interesse
instale no seu automóvel a
Tinaud. Já a caixa vende-se
que, além de outras vantagens,
lhe dará uma economia de gasolina.

Consulte

SEFIREX

Rua Voz do Operário, 64, 1.ª
Telefone 86 76 30 LISBOA

CARMEN ELISABETH MODAS

Apresentam no Hotel Ritz no próximo dia 8
do corrente a sua colecção de modelos para
a PRIMAVERA e VERÃO de 1974, a favor da
Liga Portuguesa de Deficientes Motores.

Entrada exclusivamente por convites

Reservas de Mesas até ao dia 5
pelos telefones 766449 e 762261

OFICINAS DE AUTOMÓVEIS COTAL

SERVIÇO OFICIAL

TOYOTA

Rua Artilharia Um, 105-A
Rua do Lusitadas, 113-A
Telefs. 683131/2/3
Telefs. 631057/8

MERCEDES
BMW
ROVER
VOLVO
MARCAS DA G.M.

TODA A TÉCNICA DE
ESPECIALIZAÇÃO, FER-
RAMENTA E PESSOAL
COMPETENTE

DAMOS ORÇAMENTOS
PRÉVIOS

UM DOS SERVIÇOS
MAIS EFICIENTES E RA-
PIDOS DE LISBOA

SERVIÇO INDEPENDENTE

Aprensão no Mercado Comum devido ao resultado final das eleições na Grã-Bretanha

BRUXELAS, 2 (R) — Os resultados incondicionais das eleições gerais britânicas lançaram um novo sombrio sobre a sede do Euromercado na capital belga.

Entre os diplomatas e funcionários da CEE há a impressão de que a falta de maioria absoluta para qualquer dos dois grandes partidos ingleses se traduzirá por um aprofundamento certo dos progressos do Euromercado, que se encontra já paralisado pela sua mais grave crise política de sempre, causada pela falta de concordância entre os seus membros em questões comunitárias importantes como a política energética e o auxílio regional às suas regiões menos desenvolvidas.

Prevê-se que o Governo minoritário inglês que emergirá destas eleições estará demasiado preocupado com o seu futuro político a curto prazo para poder elaborar projectos a longo prazo relativamente à CEE. E já inquietante que um dos principais membros da co-

munidade se debata com o problema de um Governo frágil — mas a Itália também se encontra em crise desde ontem, a Bélgica, em vésperas de eleições, conta com um gabinete provisório e o Governo francês acaba de ser remodelado.

ESPERANÇAS NUM GOVERNO CONSERVADOR

Não se pode dizer que a situação seja das melhores para arrancar a CEE das suas actuais dificuldades — salientam os funcionários do Euromercado — que não prevêem decisões importantes na Comunidade Europeia durante os meses mais próximos. Muitos deles tinham abertamente formulado votos por uma vitória conservadora — não por motivos políticos, mas na esperança de que um novo Governo conservador, com o seu mandato pró-europeu confirmado pelo eleitorado, adoptaria uma atitude mais construtiva da presença da In-

glaterra a longo prazo no seio da Comunidade.

A perspectiva de uma vitória trabalhista, em face das promessas do Partido de renegociar as condições da entrada da Inglaterra na CEE, causou certa trepidação em Bruxelas. Porém, visto não terem obtido a maioria absoluta, os trabalhistas terão de contar com o apoio dos liberais, adeptos ferrenhos da Europa, para sobreviverem ao poder e ver-se-ão portanto forçados a alisar a sua fúria anti-CEE.

PESSIMISMO FRANCÊS

Nos meios monetários de Washington, considera-se que os resultados empatados de Londres poderão afectar qualquer pedido de crédito que seja formulado pelo novo Governo minoritário ao Fundo Monetário Internacional.

Nos círculos governamentais franceses, a perspectiva de um Governo trabalhista causou profundo pessimismo. O futuro das

relações franco-britânicas, as repercussões sobre o Euromercado e sobre o futuro do projecto Concorde combinam-se para produzir uma atmosfera de ansiedade em Paris.

A amizade pessoal que une o primeiro-ministro conservador Edward Heath ao presidente Pompidou era considerada em Paris a pedra angular das boas relações entre os dois países. Em contrapartida, o dirigente trabalhista Harold Wilson é considerado altamente suspeito entre os gauchistas, que não só se situam ideologicamente mais à direita como também desconfiam dele politicamente, em parte devido a comentários seus que consideram anti-franceses.

— E AMERICANO

Por outro lado, causou grande contentamento nos meios da Oposição Socialista Francesa o panorama eleitoral inglês, onde se pensa que uma vitória trabalhista estimularia a causa socialista em França.

Na Alemanha Ocidental, o impasse de Westminster provocou a apreensão dos círculos governamentais quanto ao rumo futuro da Inglaterra na Europa. Numa conferência de Imprensa realizada em Bonn, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Walter Scheel, declarou: «É impossível prever as repercussões das eleições britânicas na política da CEE».

Muitos círculos americanos reagiram também com pessimismo ao novo elemento de instabilidade política introduzido na vida britânica pelos resultados eleitorais, embora Washington se absteresse de comentários oficiais. De momento, pelo menos, não se prevêem modificações nas relações anglo-americanas, seja qual for o Governo que subir ao poder em Londres. O presidente Nixon mantém boas relações de trabalho tanto com Harold Wilson como com Edward Heath.

Optimismo quanto à questão dos Montes Golan

DAMASCO, 2 (R) — O secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger, chegou a Damasco tendo iniciado imediatamente nova série de conversações com o presidente da Síria, Hafez Al Assad, sobre o acordo de separação de forças.

Espera-se que o secretário norte-americano entregue ao dirigente sírio as propostas israelitas para o afastamento de forças na frente dos Montes Golan.

Círculos bem informados disseram que, de acordo com o actual programa, o presidente Assad e Kissinger terão apenas uma sessão de conversações. O secretário de Estado segue hoje para Amã, próxima etapa da sua actual viagem ao Médio Oriente.

Kissinger, que teve duas reuniões com Assad no princípio desta semana, antes de partir para Israel, declarou aos jornalistas à sua chegada a Damasco estar confiante em que o problema do Médio Oriente seria resolvido.

Um porta-voz governamental declarou, após a visita do secretário de Estado a Damasco, na passada quarta-feira, que ele dissera ao presidente Sadat que obtivera de Israel um plano para a separação das forças sírias e israelitas e que isso representava um primeiro passo para a total retirada israelita.

Observadores em Damasco interpretam tais palavras como um sinal de que Kissinger está

confiante em que poderá persuadir os «leaders» israelitas a evacuarem inteiramente a região dos Montes Golan.

Foi nesta base que o presidente Assad entregou a Kissinger uma lista dos 65 prisioneiros israelitas capturados na Guerra de Outubro para que este a apresentasse ao Governo do primeiro-ministro, sr. Golda Meir.

O dirigente sírio concordou também que delegados da Cruz Vermelha Internacional visitassem os prisioneiros israelitas, pelo que já três delegados da organização, acompanhados por um oficial sírio, visitaram os detidos israelitas.

Observadores políticos relacionaram uma inesperada visita a Damasco do chefe do Estado-Maior egípcio, general Abdel Al Gamassy, com os últimos acontecimentos para se alcançar um acordo de paz.

O ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Andrey Gromyko, partiu da capital síria para o Cairo, poucas horas antes da chegada de Kissinger.

Durante a sua visita de dois dias a Síria, Gromyko teve reuniões de trabalho com o presidente Assad e altos funcionários sírios no decorrer das quais foram abordadas as relações bilaterais e os recentes acontecimentos no Médio Oriente, incluindo o plano para o afastamento nos Montes Golan — revelaram círculos geralmente bem informados.

O pior resultado possível

LONDRES, 2 (R) — Os jornais britânicos mostram-se hoje virtualmente unânimes em declarar que a eleição geral teve o pior resultado possível.

O conservador «Daily Telegraph» pergunta num editorial:

«O que foi que caiu sobre nós? O que faremos agora? Estas são as perguntas que os Tories e em especial o sr. Heath devem fazer a si próprios».

«Foi provavelmente a pior decisão eleitoral que a Grã-Bretanha teve desde a guerra simplesmente porque não houve, na verdade qualquer decisão» — afirma Walter Terry, o redactor de assuntos políticos do «Daily Express».

No «Daily Mail», o redactor de assuntos políticos Anthony Shrimley diz que a Grã-Bretanha seguiu o caminho da indecisão: «elegu entusiasticamente uma Câmara dos Comuns que não dispõe de um verdadeiro Governo e é incapaz de formar um eficiente».

A situação precária do primeiro-ministro Edward Heath era salientada em títulos ocupando as primeiras páginas dos jornais. Eis alguns deles: «Heath luta para continuar», «Heath à beira do abismo», «Heath no precipício do Poder», e «a batalha pelo Poder».

O «Daily Mirror», das esquadras que têm pedido aos seus leitores para votarem a favor dos trabalhistas, diz num editorial na primeira página: «O sr. Heath deveria ter-se demitido a noite passada. Por que continua apegado ao seu cargo?»

«Como pode o sr. Heath julgar agarrando-se ao seu cargo poder, restaurar a unidade nacional e a confiança no momento de crise. O sr. Heath é um homem honrado. Deveria ter-se demitido hoje de manhã».

Triunfo dos candidatos extremistas irlandeses

BELFAST, 2 (FP) — A «questão irlandesa» volta ao primeiro plano político com o triunfo dos candidatos protestantes extremistas que arrabalharam onze dos doze lugares parlamentares da província. O único católico a obter um assento em Westminster foi Gerry Fitt. Foi um go de severo para a política de partilha dos poderes proclamada em Dezembro passado em Sunningdale e para o seu ardente defensor Brian Faulkner, chefe unionista no executivo criado por Sunningdale. Os dez deputados vitoriosos do Conselho Unionista Unificado, a que se junta o reverendo Ian Paisley, vão formar um grupo político independente nos Comuns segundo anunciaram. Ficam assim habilitados a receber em troca do apoio que vierem a dar a qualquer Governo que venha a formar-se na Grã-Bretanha assim poderão em troca desse apoio exigir o fim da confederação no Ulster e a imedia-

ta suspensão das discussões em curso para a formação de um Conselho da Irlanda reunido.

O preço ha-de ser considerado caro tanto para os Conservadores como para os Trabalhistas, que sempre apoiaram com os Liberais, a política de partilha de poderes decidida por Heath.

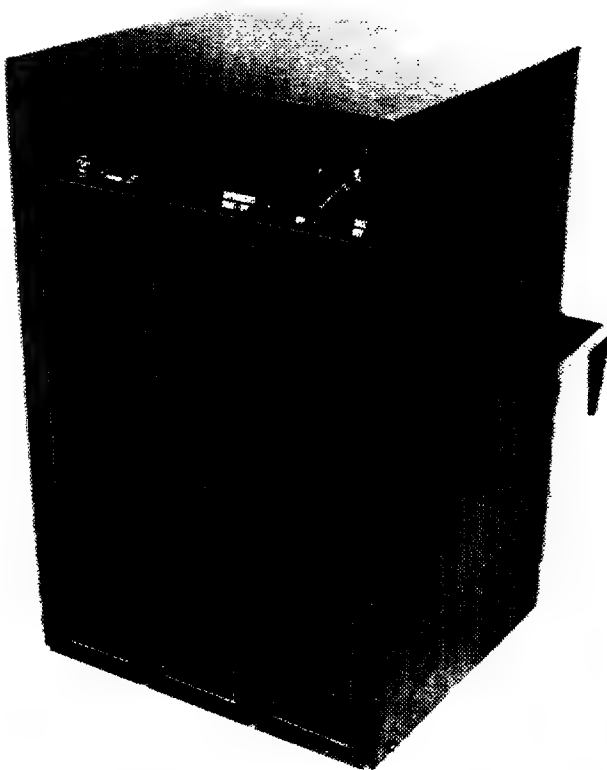
Declaração de Thorpe

LONDRES, 2 (FP) — O sr. Heath tem perfeitamente o direito no plano constitucional de procurar continuar as suas actividades e saber se pode obter o apoio necessário» declarou sexta-feira a noite Jeremy Thorpe, chefe do Partido Liberal.

Thorpe acrescentou que se receber um pedido da parte de Heath «este será examinado no interesse nacional».

Westinghouse

desumidificador automático



HUMIDADE CONTROLADA

Para a utilização em quartos e caves de grandes dimensões — Extrai do ar cerca de 13 litros diários — Humidostato regulável — Controle automático do nível da água — Balde de styrene de alta resistência — Motores de compressão e de ventoinha com lubrificação permanente

Westinghouse GARANTE UMA COMPLETA E EFICIENTE ASSISTENCIA TECNICA

Pode estar seguro se é Westinghouse



Lisboa — Sede — Av 5 de Outubro, 56 — Tel. 56 25 41
Porto — Rua de Camões, 726 e 734 — Tels. 495 741 495 751
Faro — Largo do Sol Posto 12 — Tel. 2 63 49

Par fazer encomenda preencha e envie este formulário a WESTINGHOUSE.

Nome _____
Morada _____
Localidade _____

DL/ESTRANGEIRO

O ressurgimento das minorias foi a surpresa do escrutínio

LONDRES, 2 (R.) — Uma das maiores surpresas da eleição geral na Grã-Bretanha foi talvez o ressurgimento inesperado de partidos da minoria representando interesse da Escócia, País de Gales e Irlanda do Norte.

Juntamente com o reaparecimento do apoio ao partido Liberal, as novas minorias alteraram o equilíbrio do Poder na Câmara dos Comuns e impediram que qualquer dos dois principais partidos — O Conservador e o Trabalhista — tivessem uma maioria total.

Foram tirar o seu apoio a ambos os grandes partidos e, juntamente com os Liberais, acabaram a consulta às urnas dispondo de mais de 30 dos 635 lugares da Câmara dos Comuns.

Os nacionalistas no País de Gales e na Escócia e os independentes na Irlanda do Norte disputaram a eleição focando questões locais. Contudo, todos concordaram num ponto — não gostarem do Governo central e obterem um tratamento razoável para qualquer das regiões.

Na Irlanda do Norte, o elo tradicional do partido Conservador com o partido Unionista Protestante foi abalado pelo êxito de candidatos rebeldes, que se opuseram à nova constituição de partilha do poder planeada

pelo Governo conservador para a sua agitada província.

Contudo, o maior triunfo pertenceu aos Nacionalistas escoceses que ganharam seis lugares e têm a possibilidade de conseguir outro, após ocuparem apenas dois no último Parlamento e desalojarem o ministro do Governo conservador para a Escócia, Gordon Campbell.

A sua possibilidade de obterem um sétimo lugar depende do resultado final da eleição no círculo de Argyll, que deverá ser anunciado hoje.

Os nacionalistas escoceses conseguiram a sua vitória histórica com a plataforma de maior partilha dos lucros das reservas de petróleo ao largo da costa da Escócia.

Campbell, que foi derrotado pela dona de casa senhora Winifred Ewing, foi criticado pela forma como o Governo tratou da exploração das reservas de petróleo ao largo da costa e por não ter consultado a opinião local.

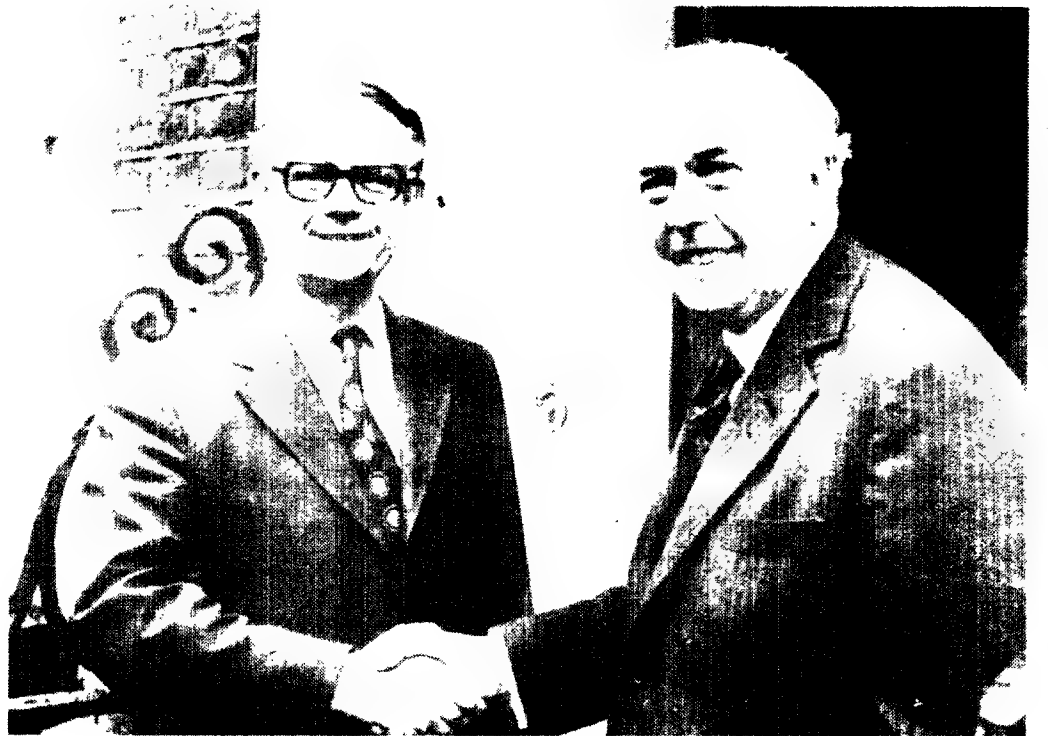
A senhora Ewing afirmou que os deputados nacionalistas levariam um «sopro» de ar fresco a Westminster (Parlamento) e «utilizariam todos os processos democráticos para conseguir um tratamento razoável para a Escócia».

Fariam também tudo o que

fosse possível para ajudar um novo Governo a solucionar as actuais dificuldades económicas da Grã-Bretanha — acrescentou a sr.^a Ewing.

Noutra região da Grã-Bretanha, os Nacionalistas Galeses tiveram a sua primeira vitória de sempre numa eleição geral, tirando dois lugares ao partido Trabalhista.

Chamado Plaid Cymru, o partido fez a sua campanha com o lema «galeses e riqueza ou britânicos e falência» e pareceu ter lucrado com o desencanto local com os dois principais partidos.



Harold Wilson, «leader» Trabalhista é cumprimentado pelo secretário-geral do seu partido, Ron Haywood, pelos resultados obtidos nas eleições. (Telefoto UPI-Teleimprensa-DL)

Contrapropostas de Damasco para separação de forças

DAMASCO, 2 (UPI-ANI e R.) — O secretário de Estado, Henry Kissinger e o presidente Hafez Assad concordaram em continuar os esforços no sentido de uma separação militar israelo-síria, mas Assad rejeitou as principais propostas israelitas.

Depois da conferência de 4 horas e 15 minutos, informadores norte-americanos anunciaram que os dois estadistas haviam apenas concordado em continuar os esforços.

Kissinger deslocou-se a Damasco com a esperança de conseguir conversações entre os dois beligerantes.

Referindo-se às primeiras propostas de Telavive, a agência noticiosa síria declarou que «elas não foram aceites e o presidente Assad apresentou as concepções sírias, as quais serão estudadas pelo dr. Kissinger, como preparativo para a continuação das discussões sobre a separação militar». A agência citou círculos oficiais sírios.

A rejeição das primeiras propostas israelitas não constitui surpresa. Recorde-se que Kissinger teve de viajar por diversas vezes entre Assuã e Jerusalém para conseguir o acordo de separação israelo-egípcio.

Funcionários norte-americanos revelaram que, ao sair da

reunião, Kissinger não parecia muito preocupado. O secretário de Estado norte-americano tenciona partir às 9 horas (8 em Lisboa) para a Arábia Saudita, onde deverá chegar três horas e meia depois.

A SÍRIA SATISFEZ CONDIÇÕES

TELAVIVE, 2 (UPI-ANI)

A Síria satisfaz as duas condições de Israel para o começo de conversações sobre a separação de forças nos montes Golan, segundo o Governo israelita.

Os jornais israelitas disseram que as conversações respectivas podem começar dentro de duas semanas.

A segunda das duas condições de Israel — foi correspondida quando o Governo anunciou ontem, que Damasco tinha permitido que representantes da Cruz Vermelha Internacional visitassem os prisioneiros de guerra israelitas em poder dos sírios.

«Hoje, 1 de Março, representantes da Cruz Vermelha Internacional foram autorizados a visitar os nossos prisioneiros na Síria», disse o Governo israelita acrescentando: «dois deles estão a receber assistência médica em hospital sírio. As suas famílias já foram informadas».

A primeira condição israelita tinha sido satisfeita na passada quarta-feira quando o secretário de Estado norte-americano Henry Kissinger, entregou em Telavive, uma lista dos prisioneiros fornecida por Damasco.

As reportagens dos jornais referiam que as ideias de Israel quanto à separação de forças seria fazer recuar as tropas de ambos os países até uma distância de 16 quilómetros para cada lado da linha de cessar-fogo.

Além disso, seriam devolvidos à Síria os 845 quilómetros quadrados de terreno ocupados durante a guerra de Outubro.

Os prisioneiros israelitas na Síria e os prisioneiros sírios em Israel, seriam trocados durante a separação de forças — acrescentavam os jornais israelitas.

McNAMARA AVISTOU-SE COM SADAT

CAIRO, 2 (UPI-ANI) O presidente Anwar Sadat confere-

Mundial — anuncia-se nos círculos oficiais do Cairo.

O vice-primeiro ministro Abdel Aziz Higazi, que esteve presente à reunião, classificou-a de «boa e construtiva».

McNamara está de visita ao Cairo a fim de debater a assistência a prestar pelo Banco Mundial a projectos de desobstrução do Canal de Suez e de desenvolvimento da economia.

Crise em Itália

O primeiro ministro demite-se hoje

ROMA, 1 (R.) — O primeiro-ministro italiano, Mariano Rumor, apresentará hoje a sua resignação numa reunião do Gabinete, após a retirada do Partido Republicano do seu Governo de coligação que durava no oitavo mês — anunciou a emissora oficial italiana.

Rumor informará da sua decisão o Gabinete e em seguida o presidente Giovanni Leone — acrescentou a rádio.

O primeiro-ministro tomou, aparentemente, tal decisão depois de uma série de reuniões separadas, a noite passada, e com os dirigentes dos partidos

da coligação — Cristão-Democratas, Social-Democratas, Socialistas e Republicanos.

A crise governamental foi causada pela resignação do ministro do Tesouro, Ugo La Malfa, na quinta-feira, «leader» republicano, de 70 anos, devido a um desencantamento com os socialistas sobre a política económica.

Por esse motivo, o Partido Republicano retirou-se formalmente ontem da coligação e pediu a todos os republicanos que se encontravam no Gabinete para resignarem.

CALEIDOSCÓPIO

TIROTEIO EM CÓRDOVA

(ARGENTINA) — Depois de o manter cativo durante 48 horas, a Polícia rebelde libertou ontem à noite o governador da província argentina de Córdoba, Ricardo Obregon Cano, que anunciou imediatamente aos jornalistas que ia «reclamar o seu posto». Pouco depois da sua libertação, rebentou tiroteio em várias zonas na cidade industrial com o mesmo nome, entre os adeptos do governador por um lado e a Polícia e a Milícia Civil das direitas. (R.)

NIXON NA EUROPA EM ABRIL?

— O presidente Nixon está esperançado em visitar Bruxelas nos fins de Abril para conversações com os aliados da NATO — declararam ontem

funcionários da Administração em Washington. Os planos são para uma viagem de dois dias ao quartel-general da NATO para assinar declarações definindo as relações entre os Estados Unidos e os países da NATO europeus. (R.)

ACUSAÇÕES CONTRA DOIS EX-MINISTROS

— O Ministério Público em Nova York acusou dois antigos membros do Governo de Nixon de terem «vendido a sua influência política por uma contribuição de 200 000 dólares» para a campanha de reeleição do presidente. O julgamento de John Mitchell e Maurice Stans, antigos ministros da Justiça e do Comércio, respectivamente, iniciou-se depois da selecção dos doze membros do júri e

seis substitutos, que ouviram as acusações contra os dois réus. Mitchell também foi incriminado oficialmente em Washington pela sua participação no escândalo Watergate, mas Stans não figura na lista dos sete processados na capital federal dos Estados Unidos. (UPI e ANI).

«PENA DE OURO DA LIBERDADE»

— A comissão executiva da Federação Internacional dos Editores de Jornais designou hoje como vencedor da «Pena de Ouro da Liberdade» referente a 1974 o editor do jornal brasileiro «O Estado do Brasil», Júlio Mesquita Neto. O laureado receberá a «Pena de Ouro» durante o vigésimo sétimo congresso da Federação, que se realiza em Copenhaga em 2 de Setembro. (R.)

CASINO de ALVOR

Até 13 de Março
Programa do Restaurante do Casino às 23h e 1h

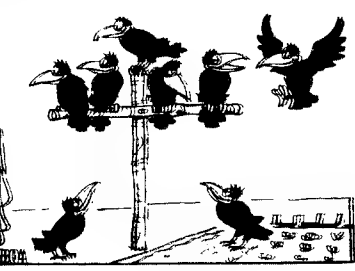
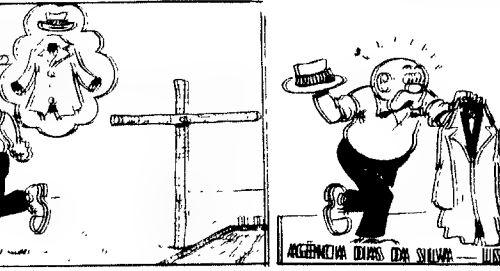
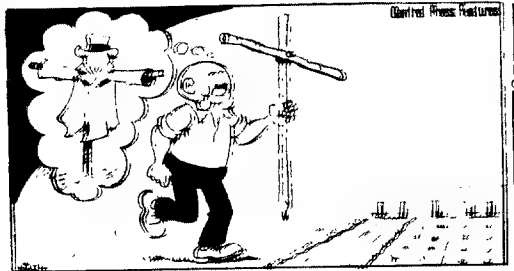
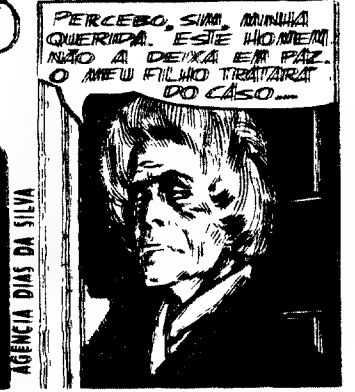
a famosa vocalista inglesa
KAREN KAY
a vedeta do malabarismo
RUDY SCHWEIZER
o moderno ballet inglês
TAKE FIVE
e a Orquestra do Casino

Grupo C - Maiores de 14 anos
Sala de máquinas - Acesso livre a maiores de 21 anos
Sala de Jogos - diariamente das 17h às 3h
Penina - Telefone (0082) 23141

CASINOS DO ALGARVE



Um advogado italiano, Nino Maso-Gala, presidente da União de Defensores da Cidadania, faz-se aplaudir calorosamente por uma multidão ao conduzir o seu automóvel por uma rua de Génova, no último domingo, apesar da proibição de circular naquele dia de semana devido à falta de gasolina. A Polícia Italianesa a prevenir o advogado de que estava a cometer uma infração. (Telefoto UPI-Telepress-DL)

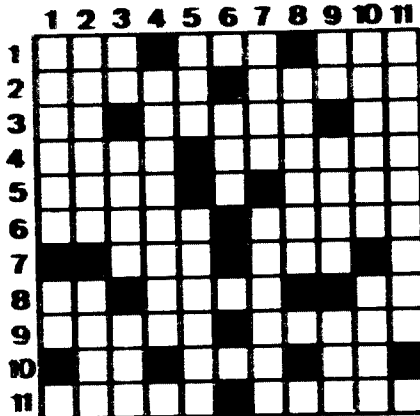


palavras cruzadas

COM PROVERBIO
PROBLEMA N.º 18711

HORIZONTAIS:

- 1 Conjunção. Antigo nome do Enxerto.
- 2 Oculista. Fio de lã.
- 3 Certo e um em romano. Gato que engana o companheiro na partilha do roubo (bras. Gato). O mais.
- 4 Guarnição de asas. Género de macacos peludos.
- 5 Limão de Albal. Tempo do vento ser. Lavar.
- 6 Quermes. Unga.
- 7 Camarões. Seguros.
- 8 Antes de Cristo. Zombes. Monstro.
- 9 Cidade Portuguesa. Cremes.
- 10 Cântico de Maria. Nome de mulher. Antigo Testamento.
- 11 Gargulhas. Inapropos. Amáveis.



VERTICAIS:

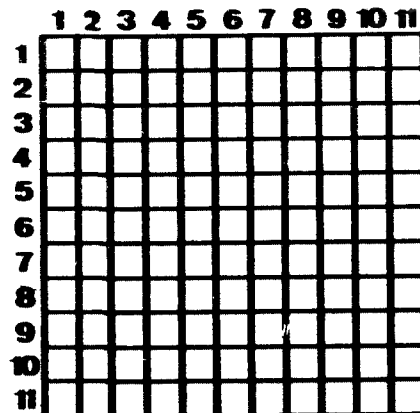
- 1 Mulher feita. Antigo. Antigo definido.
- 2 Desembarcar. Lago de Itália.
- 3 Seda. Nome de mulher. Alemanha.
- 4 Principal.
- 5 Letra do alfabeto árabe. Brotas.
- 6 Transporte.
- 7 Camas de cama de anões com a pira e a pira achada. E. Entomologia.
- 8 Restaura.
- 9 Tempo do verbo ir. Larvas das fêmeas das aranhas. B. gema de ovos.
- 10 Rarum em mago. Assassina.
- 11 Vigaremas.

Resolva com cuidado este problema!
Falta uma letra em segundo. Jussasem o PROVERBIO malte mas não.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 6883

HORIZONTAIS:

- 1 Tachada. Mover os remos.
- 2 Seta de Portugal. Seta.
- 3 Alcaide de melaga. Conjunção. Trocar.
- 4 Cadeira de montanhas gráficas. arborizadas. da Sibéria oriental. Virago.
- 5 Lavra. Inapropos.
- 6 Pedra de altar. Colera.
- 7 Paga.
- 8 O mesmo que vimeu ou vimeu. Agora.
- 9 Tempo do verbo ir. Proposição e antigo definido (pl.). Partidos.
- 10 Cidade do Peru. Proposição.
- 11 Cidade da Suíça. Pronome possessivo.



VERTICAIS:

- 1 Realizar. Cidade de Espanha.
- 2 Recusar. Memória (bras.).
- 3 Incriminar. Abreviatura da palavra inglesa mister (se- nhor).
- 4 Caminhar. Liga. Em partes iguais.
- 5 Pedra de montanha. Camarões.
- 6 Fátiga. Paga.
- 7 Estar. Proposição e antigo definido (pl.).
- 8 Antigo definido (ant.). Género de aves pertencentes das regiões quentes do Velho Mundo. Rio de Itália.
- 9 Alemanha. A Pira. Camarões.
- 10 Desaparecer. Mergulhar.
- 11 Interjeição designativa de reprovação, desagrado, dor ou vingança. Transporte.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 18711

HORIZONTAIS

- 1 Tia. ANO. Sol.
- 2 As. Apela. Se.
- 3 Cromado.
- 4 Seta. Seta.
- 5 NEVOSO. Ra.
- 6 Ela. Anna. Rod.
- 7 Sacas. Troar.
- 8 Pross. Avam.
- 9 Sentença.
- 10 Ra. Morda. SS.
- 11 ANO. Mo.

VERTICAIS

- 1 Tão. Méspara.
- 2 Seta. An.
- 3 Cavacos.
- 4 Anco. Assem.
- 5 Apocenas. Mier.
- 6 Mier. Om. Cda.
- 7 Oles. AT. Cda.
- 8 Ador. Rana.
- 9 Opanara.
- 10 As. Oia. Si.
- 11 Len. FORNOSO.

Proverbia: ANO NEVOSO, ANO FORNOSO.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6883

HORIZONTAIS

- 1 Luma. Mito.
- 2 Uma. Res. Hon.
- 3 Nla. Reter. Ad.
- 4 Carretes.
- 5 Acaso. Asas.
- 6 Ar. La.
- 7 Luma. Animo.
- 8 Opanara.
- 9 Sa. Cinca. Tai.
- 10 Tia. Oia. Paga.
- 11 Asa. Mera.

VERTICAIS

- 1 Luma. Luta.
- 2 Lna. Car. As.
- 3 Ra. Carra. As.
- 4 Ra. Arc.
- 5 Rano. Oia.
- 6 Mito. Ena.
- 7 Seta. Anca.
- 8 Rla. Nla.
- 9 Ili. Salin. Pa.
- 10 Lna. Iam. Tai.
- 11 Oia. Oia.



Naturalmente tinha as mãos frias

Reclamou os EUA como herança

HARTFORD, 2 (F.P.) — Sofreu grande decepção um habitante de South Norwalk (Connecticut), a sra. Louis Hopp, que julgava haver recebido uma herança bastante grande, nada mais nada menos do que o título de propriedade dos Estados Unidos.

O tribunal a quem solicitou o reconhecimento do seu título não aceitou nenhum dos argumentos que invocou.

A sra. Louis Hopp afirma que o chefe «Touro Sentado» vendera os Estados Unidos à sua avó em 1864, por 99 milhões de dólares pagáveis a prestações. O último milhão fora liquidado em 1963.

No seu requerimento, a sra. Hopp afirmava que a transacção se fizera legalmente, com o aval do presidente Lincoln e do Congresso. O título de venda está hoje na posse do chefe índio «Águia», que vive na Califórnia.

Na opinião do juiz, o pedido devia ser feito a um tribunal de justiça seis anos após o termo do pagamento.

Agora parece que é demasiado tarde.

Anunciando a decisão de Israel de construir uma central nuclear para garantir uma parte das suas necessidades de electricidade a partir de 1981-82, Yossef Adar, membro da comissão israelita de energia nuclear, indicou no passado dia 8 de Fevereiro que seria doravante possível extrair urânio dos fosfatos explorados no Neguev a um preço razoável. Esta declaração oficial confirma o que alguns boatos deixavam entender há já algum tempo: para o pequeno reactor que Israel possui perto de Beersheba e que pode produzir bastante plutónio para duas bombas atómicas anuais, os técnicos podem assegurar directamente o abastecimento em combustível nuclear graças aos fosfatos.

Esta primeira central nuclear, com um poder de 600 megawatts, deve assegurar a Israel 15 por cento das suas necessidades em electricidade a partir de 1981-1982. Yossef Adar precisou que a decisão tinha sido oficialmente tomada em Maio passado. Especialistas estrangeiros são esperados em Israel para

Israel pode produzir urânio

início dos primeiros estudos locais.

Adar acrescentou que era doravante possível produzir urânio natural a um preço razoável a partir dos fosfatos de Neguev explorados há hoje para a obtenção de ácido fosfórico. Assim, estes fosfatos já puderam servir de fonte para a produção de urânio natural necessário ao abastecimento em combustível do reactor de água pesada que a França outorgou a Israel e que está instalado perto de Beersheba. Os combustíveis irradiados num reactor de água pesada, contém muito plutónio que pode ser extraído e servir para a confecção de bombas atómicas.

CINQUENTA TONELADAS POR ANO

Não é raro que os fosfatos contêm urânio. As reservas de fosfatos de Israel, avaliadas em cerca de 220 milhões de toneladas, contêm em média de 100 a 170 partes por milhão de urânio; encerram portanto no total 25.000 toneladas de urânio. Estes fosfatos são actualmente explorados em três fábricas: duas pequenas unidades perto de Haifa, que produzem 15.000 toneladas de ácido fosfórico por ano cada uma, e uma grande unidade no Sul do país que produz 160.000 toneladas.

Israel não pensa recuperar as 3 toneladas de urânio que pode-

ram fornecer anualmente as duas instalações próximas de Haifa, porque o preço de recuperação atingiria cerca de 25 dólares por libra (450 gramas) de óxido de urânio. Em compensação, Israel começou o estudo de uma fábrica que será instalada ao lado da grande fábrica do Sul. Uma tal fábrica de recuperação poderá fornecer entre 40 e cinquenta toneladas de urânio por ano.

Para extrair o urânio, dois métodos podem ser utilizados, tendo cada um um rendimento de 50 por cento. O primeiro método faz reagir os fosfatos com o ácido clorídrico; a partir dos detritos sólidos obtidos a partir de uma primeira filtração, extrai-se o urânio enquanto a solução em que se dissolve os fosfatos restantes permite obter ácido fosfórico. O segundo método, estudado actualmente

em Israel, é diferente: a solução ácida em que se encontram os fosfatos dissolvidos sobre uma série de tratamentos de filtração e, no fim, os detritos sólidos contêm uma concentração relativamente elevada de urânio, que é então extraído.

Com o fabrico de tratamento de fosfatos instalada no Sul do país, é apenas possível utilizar o primeiro método que necessita, para uma recuperação de 50 toneladas de urânio por ano de um investimento de cerca de 2 milhões de dólares (11 milhões de francos) e que produzirá óxido de urânio ao preço de 15 dólares a libra — quer dizer, o preço corrente de hoje.

O outro método permitiria instalações exigindo um investimento um pouco menor, mas sobretudo a produção de urânio sairia por um custo duas vezes menos elevado.

Isto chama-se Aurora

Continuação da pag. 3

poderem voltar a assegurar o pleno emprego. Vê-se então mal como se poderia evitar um imposto excepcional, como o imposto da solidariedade após a libertação. Imposto que poderia aliás financiar em particular um programa de equipamentos colectivos, ele próprio peça importante de uma política de emprego. Esta política de emprego deverá privilegiar as produções e actividades pouco consumidoras de produtos raros e caros; do mesmo modo a política de produção deverá privilegiar as actividades criadoras de um maximum de riquezas, e de um minimum de destruição. Há aqui toda uma bateria de indicadores e índices que é necessário começar a definir e a seguir com vigilância.

Tais linhas de acção não são senão indicativas. Uma vez fixadas, é essencial deixar abundar e crescer as ideias, multiplicar as experiências para que — num quadro bastante largo — possam ser satisfeitas as condições exigidas por um verdadeiro sistema adaptativo. Do qual fará parte integrante o direito ao erro, que nunca como hoje foi tão necessário.

O que não significa a ausência de dissuasões os de incitamentos; de recomendações seguidas de observação dos comportamentos e corrigidas em seguida, se for caso disso, por medidas apropriadas. É isto opor a uma linha oficial, rígida e dogmática, que em última análise considera a loucura a sua contestação, a possibilidade de exploração das jazidas intelectuais que, contrariamente às outras, são ilimitadas. Quer dizer: quando duas atitudes ou soluções são ambas possíveis, nunca afastar uma delas a priori. Não escaparemos de outro modo às armadilhas da era do «mundo finito». A indispensável remodelação do nosso aparelho intelectual depende também desta condição. Não proibamos a Cristóvão Colombo a descoberta da América, sob o pretexto de que lhe estamos a pagar pela exploração da Índia. Como diz também um provérbio americano: um inocente não sabia o que era impossível e por isso realizou-o.

Inocência e utopia? Talvez, porque uma civilização está condenada quando a inteligência e a lógica já não toleram nem a existência nem a utopia: quando a inteligência das coisas já não engendra senão cepticismo frente à acção.

A crise actual vai transformar à escala mundial todos os grandes equilíbrios e tornar verosimilmente caducos os métodos políticos tradicionais de manutenção desses equilíbrios.

O choque que sofremos ameaça obrigatoriamente o sistema da livre empresa e vai modificar esse lugar privilegiado de confronto social que é a própria empresa. Ameaça, certamente; mas possibilidades novas, também, no momento em que, de qualquer modo, era desejável e inevitável uma evolução deste sistema. Possibilidades novas, se uma liberdade de acção suficiente permitir realmente a integração da crise. Se, portanto, por exemplo, puderem multiplicar-se as fórmulas jurídicas que autorizem novos modelos de empresa — estruturas e dinâmismos — aos empresários. Se puderem multiplicar-se as fórmulas evitando cristalizar constatações, críticas e polémicas, e bloquear oposições e conflitos sobre um número demasiado pobre de tipos (ou mesmo sobre um tipo único) de sociedade.

A tentação é grande, na encruzilhada, de nos deixarmos apanhar em processos pobres. De recorrer aos expedientes, mesmo aos baptizados com o nome de «política». De deixar passar a ocasião de mobilizar uma opinião que sem dúvida não espera senão por que a mobilizem. De pôr óculos de miopia que impedem a visão das linhas profundas de uma evolução decisiva, evolução que reclama imperativamente uma profunda modificação das estruturas. E das nossas estru-

turas mentais antes de quaisquer outras.

Seria além disso bastante irrealista não pensar que o choque actual não é senão o primeiro de uma longa série. Que será tanto mais longa e ameaçadora quanto menos reagirmos ou quanto pior reagirmos agora. Agir nas direcções propostas é também antecipar sobre os choques futuros, diminuir o seu impacto, preparar-nos para melhor os afrontarmos, para melhor os integrarmos.

É suspender a facilidade das soluções habituais, o conforto intelectual das políticas tradicionais.

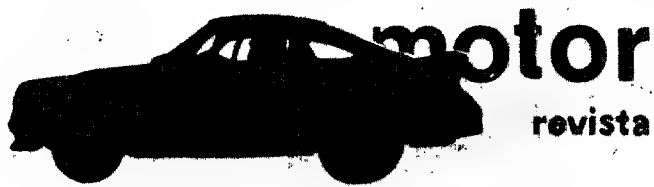
Trata-se, para evitar o impasse, de querer transformar os dados da situação; de introduzir novos objectivos — generosidade e solidariedade, por exemplo — que escapam à classificação presente das relações de força; criar com o peso das opiniões públicas, mobilizadas porque mobilizáveis, novas forças que sejam enfim susceptíveis de modificar o xadrez da Realpolitik, seja esta herança de Marx, Lenin, Bismarck ou Metternich. Trata-se de querer sair do tempo do realismo glacial.

Pode-se assumir a virgem; pode levantar-se um novo dia. Voltemos a ler Giraudoux:

«Explica! Nunca compreendo suficientemente depressa. Sinto evidentemente que se passa qualquer coisa, mas mal me dou conta de quê. Como se chama isto, quando o dia se levanta, e tudo está gasto, tudo saqueado e, no entanto, o ar respira-se apesar de termos perdido tudo; a cidade arde, os inocentes matam-se uns aos outros; mas os culpados agonizam a um canto do dia que se ergue?»

— Pergunta ao mendigo, ele sabe.

— Tem um belo nome, mulher Narsés, isto chama-se a aurora!»



**AUTO - RÁDIO AM / FM
E LEITOR DE «CARTRIDGS»
COMPLETO
C/ 2 ALTIFALANTES
E ANTENA**

2.800\$00 COM GARANTIA!

MONTAGENS RÁPIDAS ★ ASSISTÊNCIA TÉCNICA

TECNO - BAZAR (ELECTRÓNICA), LDA.

R. Oliveira Martins, 41-C — Telfs. 77 43 84-77 45 11
(Junto à Avenida de Roma)



O nosso símbolo
está bem marcado no tempo.
Pelo que já fizemos.
Pelo que fazemos.
Por tudo aquilo que nos propomos fazer.
Por isso encaramos o futuro
com acentuado optimismo.
Temos em laboração nas nossas fábricas
toda uma diversidade de mobiliário
apto a preencher com o máximo conforto
o seu espaço habitacional.

**sousa braga
móveis e decorações, sarl**



CONCURSOS PARA ADMISSÃO DE MÉDICOS DOS QUADROS CLÍNICOS DAS INSTITUIÇÕES DE PREVIDÊNCIA

Estão abertos de 2 a 21 de Março de 1974 concursos documentais de habilitação para médicos dos quadros das instituições de previdência nos serviços, postos clínicos e caixas de previdência abaixo indicados:

Caixa de Previdência	Postos Clínicos	Serviços
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Aveiro Av. D. Lourenço Pereira, 110 AVEIRO	Espinho	Patologia
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Beja Av. da Liberdade, 11 BEJA	Beja	Cardiologia Neurocirurgia
	Medina	Clinica Médica
	Vidigueira	Clinica Médica
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Castelo Branco Rua do Rodrigo, 75 CASTELO BRANCO	Castelo Branco	Clinica Médica
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Coimbra Av. do 25 de Abril, 620 COIMBRA	Área da Cidade de Coimbra	Neurologia
	Granja do Ulmeiro	Clinica Médica
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Faro Rua Infante D. Henrique, 841 FARO	Faro	Cardiologia
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Leiria Av. Heróis de Angola, 59 LEIRIA	Patelas	Clinica Médica
	Pombal	Clinica Médica
	Calvã	Clinica Médica
Caixa de Previdência e Abono de Família dos Serviços Médicos Sociais do Distrito de Lisboa Av. dos Estados Unidos da América LISBOA	Várzea (Sintra)	Clinica Médica
	S. Mamede da Ventosa	Clinica Médica
Caixa de Previdência e Abono de Família dos Serviços Médicos Sociais do Distrito do Porto Rua das Doze Casas, 143 PORTO	Área da cidade do Porto	Ginecologia Obstetrícia Otorrinolaringologia
	Figueiras	Urologia
	Trofa	Clinica Médica
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Santarém Largo do Milagre, 49-51 SANTARÉM	Área da cidade de Santarém	Dermatovenereologia Endocrinologia Gastroenterologia Oftalmologia Otorrinolaringologia Ortopedia
	Almeirim	Clinica Médica
	Carraxo	Oftalmologia Otorrinolaringologia
	Benavente	Cirurgia Geral Dermatovenereologia Ginecologia
	Tomar	Cardiologia Cirurgia Geral Ortopedia Psiquiatria
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Setúbal Praça da República SETÚBAL	Alhos Vedros	Cirurgia Geral
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Angra do Heroísmo Rua de S. João, 65 Angra do Heroísmo ACORES	Angra do Heroísmo	Cardiologia
	Praça da Vitória	Cardiologia
Caixa Sindical de Previdência do Pessoal da Construção, União Fabril e Empresas Associadas Rua D. Francisco Manuel de Melo, 3 LISBOA-1	Barreiro	Otorrinolaringologia
Caixa Sindical de Previdência dos Profissionais de Saúde Largo do Intendente Pina Manique, 104 LISBOA-2	Lisboa	Estomatologia

EXCURSÕES CP PROGRAMA DE MARÇO

Viagem em carroçagens de grande conforto (1.ª classe) e autocarros de turismo.

- **NEVE NA SERRA DA ESTRELA**
— Fim-de-semana: 2/3, 9/10, 16/17, 23/24 e 30/31
— Meio-de-semana: 6/7 e 20/21
Aloj. na Guarda (Hotel 1.ª classe): Fim-de-semana 780000
Meio-de-semana 740000
 - **ALMOÇO ESPECIAL À LAREIRA BEIRA E PASSEIO À NEVE**
— Fim-de-semana: 2/3, 9/10 e 16/17
Aloj. na Urgeliza (Hotel 1.ª classe). Visita a Viseu, Mangualde (almoo típico), Lago Comprido, Torre, etc. 790000
 - **ALMOÇO À MINHOTA E MIMOSAS EM VIANA**
— Fim-de-semana: 2/3 e 9/10
Aloj. em Viana do Castelo (Hotel 1.ª classe ou Residência 1.ª classe). Almoço (lanchete e refeições) e visita ao Monte de S.ª Luzia, Afife, etc. Hotel 1.ª classe 890000
Residência 1.ª classe 780000
 - **LAGOS-SAGRES**
— Fim-de-semana: 2/3, 16/17 e 30/31
Aloj. Hotel de Lagos (1.ª classe). Visita a Albufeira, P. Rocha, Torralta, Sagres e Casino de Alvor (e espectáculo de variedades facultativo). 890000
 - **MONTE GORDO/AYAMONTE**
Fim-de-semana: 23/24
Aloj. em Monte Gordo (Hotel 1.ª classe) e visita a Ayamonte 870000
- PROGRAMAS E INFORMAÇÕES
— Estações de Lisboa-Rosário e S.ª Apolónia
— Rua do Arsenal, 124 e Central de C. Ferro de Lisboa
ORGANIZAÇÃO — T. 36 73 29
CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

Sociedade Cruz-Quebradense

Na sede da Sociedade Instrução Musical e Escolar Cruz-Quebradense decorreu a eleição dos novos corpos gerentes para o ano em curso. A Direcção ficou assim constituída: presidente, Raul Coelho Dias, vice-presidente José Manuel Ferreira Timóteo, 1.º secretário António Barrero Liz, 2.º secretário João José Rocha Ferreira; vogais, Rui Manuel da Silva Dias, Mamede Ribeiro Pereira e Francisco Mateus Marinho. Assembleia Geral: presidente Levi Nunes Gomes e secretários Fernando António dos Santos Marques e Carlos Manuel Carvalho Minez. Conselho fiscal: Virgílio Cardoso Pires, Carlos Alberto Pereira Correia e Roger da Conceição Gonçalves.

Os membros agora eleitos, alguns dos quais transitaram da direcção passada, propõem-se prosseguir a obra em que a colectividade anda empenhada de há alguns anos e esta parte — a construção da nova sede. O projecto, que envolve um investimento da ordem dos cinco mil contos, é particularmente justificado pelas necessidades da população escolar e pelo número crescente de praticantes das várias modalidades desportivas.

SEBER PORTUGUESA FARMACÉUTICA

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada
Sede: Avenida Frei Miguel Contreiras, 54-2.ª — LISBOA
ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

São convocados os Srs. Accionistas para se reunirem em Assembleia Geral Ordinária, na sede da sociedade, no dia 29 de Março, pelas 11 horas, a fim de:

Discutirem, aprovarem ou modificarem o balanço, contas e relatório do Conselho de Administração e o parecer do Conselho Fiscal relativos ao exercício de 1973.

Não havendo número suficiente de accionistas, a Assembleia reunirá em segunda convocação às 12 horas, no mesmo dia e local, com os accionistas presentes, sendo a mesma a ordem dos trabalhos.

Lisboa, 27 de Fevereiro de 1974.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Pedro Mário Alves Tamen

Ministério das Comunicações Gabinete do Novo Aeroporto de Lisboa ANÚNCIO

1. — O Gabinete do Novo Aeroporto de Lisboa pretende efectuar uma selecção de firmas ou grupos de firmas para efeitos de um concurso limitado com vista a adjudicar:

UMA PRESTAÇÃO DE SERVIÇO DE CONSULTORIA PARA APOIO DO GABINETE DO NOVO AEROPORTO DE LISBOA DURANTE A EXECUÇÃO DA EMPREITADA DA 1.ª FASE DO NOVO AEROPORTO DE LISBOA (RIO FRIO).

2. — Para o efeito, convida e inscreverem-se neste Gabinete até ao dia 1 de Maio do corrente ano firmas nacionais ou nacionais associadas a firmas estrangeiras ou que a elas pretendam vir a associar-se, que estejam interessadas na prestação do serviço anunciado.

3. — As condições de inscrição, os elementos relativos à pré-selecção pretendida e outros esclarecimentos que se entendam necessários, deverão ser solicitados ao Gabinete do Novo Aeroporto de Lisboa — Avenida de Brasília, Lisboa-3, com o telefone 67 29 24, a partir do dia 4 de Março do ano em curso.

Lisboa, 28 de Fevereiro de 1974.

O SECRETÁRIO
Jorge Vieira

Naia Primaz

Maison Louvre

Informam os seus clientes, e o público em geral, do horário dos seus estabelecimentos

ABERTURA: 9.30 H. ENCERRAMENTO: 19.30 H.

«Não fecham para almoços»

As segundas-feiras, abrem às 15 horas, para prolongamento do descanso semanal, dos seus empregados.

AMORTECEDORES

MONTAGENS
REPARAÇÕES
ESPECIALIZADA

Rua Capital
Póvoas, 6 B

BAPAL

(Campo Pequeno)
Telefone 762 724

motor

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Tomás Garcia, Café Colonial ALCOENTRE

FIM-DE-SEMANA COM FUTEBOL

JORNADA REPARTIDA POR HOJE E AMANHÃ

Porque duas equipas vão ter, a meio da próxima semana, contactos internacionais oficiais, a jornada número 22 do Nacional da 1.ª Divisão é repartida entre hoje e amanhã. Ao Vitória de Setúbal e ao Sporting, os dois clubes interessados em ganhar mais um dia de descanso (antes de defrontarem os alemães do Estugarda e do Zurique respectivamente) juntou-se o Barreirense, que decidiu antecipar para esta tarde o seu encontro com o Belenenses, num espectáculo que será levado a todo o Continente via televisão. Temos, portanto, para hoje, nada mais nada menos do que três encontros para o Nacional da 1.ª Divisão, com os cinco restantes marcados para amanhã, às 15 horas.

A hora a que o nosso jornal começa a circular, está a jogar-se o Barreirense-Belenenses: um encontro que os barreirenses têm absoluta necessidade de vencer, pois mergulharam na zona afundada da tabela de pontos. Convidar a jogar o seu adversário de hoje não é o ideal para a tão necessária soma de pontos: Juca irá (por certo) sen-

ter dificuldades de monta para construir, com êxito, a teia que trave o movimento dos «azuis» até porque estes se apresentam no semi-relvado do «D. Manuel de Melo» conscientes do seu valor e com uma pontuação que os põe a coberto de qualquer surpresa futura. Pelo valor que ambas as turmas já demonstraram possuir e contando com o

facto (sempre importante) de o embate se realizar no Barreiro, não nos admiraria muito que no fim dos 90 minutos o resultado fosse uma igualdade...

Logo à noite, teremos os outros dois jogos: a partir das 21 e 15, o Vitória de Setúbal irá esgrimir com o Leixões, que é um dos derradeiros da tabela. Talvez o técnico José Augusto encare este encontro como um «treino a sério», com vista ao jogo de 4.ª feira próxima contra o Estugarda: porém, não poderá desprezar muito o sentido atacante da equipa, pois o seu adversário está na penúltima posição da tabela (em igualdade de pontos com o último) e muito necessitado de pontuar. Tendo cedido nos últimos domingos, de uma forma que poucos admitiam, a turma sadina usufrui esta noite da oportunidade de refazer-se de exibições menos certas. O vaticínio (a dar-se) tem de lhe ser favorável.

Jornada mais ou menos tranquila vai ter o Benfica, que recebe no seu relvado o Montijo: um dos «lanternas-vermelhas». Apenas este facto poderá trazer complicações aos campeonatos nacionais que, perante o seu público, não conseguiram ainda uma «exibição» primorosa contra equipas nitidamente inferiores. A uncia-se a possível ausência de Eusébio: um tónico de valor para a réplica que os montijenses certamente irão dar. Apesar de tudo, o mais certo é o Benfica não perder terreno no caminho de perseguição movida aos seus eternos rivais...

A Académica, num crescendo de forma notável, recebe o Farense e tudo leva a crer que somará os dois pontos em disputa. Nas últimas jornadas, os «estudantes» têm conquistado lugares atrás de lugares, estando agora a quatro pontos da chamada «zona da tranquilidade». Se ganhar amanhã, ficará ape-

Finalmente o Boavista recebe o Beira-Mar: mais um prélio que se prevê equilibrado, até porque o melhor jogador axadrezado (Salvador) talvez não possa ainda estar presente. Todavia, o Boavista caiu imenso nestes últimos domingos (ou sábados) pelo que terá de buscar os pontos necessários para voltar à zona calma da classificação. Uma vitória do clube da casa? Veremos...

TAÇA DE PORTUGAL

Os campeonatos da 2.ª e 3.ª divisões param este fim-de-semana, para que se realize mais uma prestação da negregada Taça de Portugal. Jogos de meio-interesse, já que continua o figurino antigo: encontro único no campo dos contendores (considerado neutro em função de bilheteiras), mas que não será em função da influência que sempre tem no rendimento das turmas. Para os interessados, aqui fica o calendário:

Braga-Portimonense; Beja-Avintes; Esperança-Juventude; Lamego-Tomar; Penafiel-Salgueiros; Sintrense-Atlético.



Jacinto João: um quebra-cabeças para o Leixões

Gama e Sambrasense-Alcochense.

Em relação à Taça de Portugal, lembramos que, a concluir-se empatado (ao fim dos

CICLISMO

Dois portugueses na "volta a Espanha"

Mais de 30 contagens para o prémio da montanha e 2.915 quilómetros de extensão, divididos por 19 etapas, assim se apresenta, na sua estrutura básica, a «Volta a Espanha» em bicicleta, que principia a 25 de Abril para terminar a 12 de Maio.

Entre as «estrelas» mundiais da velocipédia que marcarão encontro nas «carreteras» espanholas devem alinhar dois portugueses: Joaquim Agostinho (pela BIC) e Fernando Mendes (pela KAS).

A «Volta» inicia-se no Sul, com o circuito preliminar de Almería, viajando de Almería a Granada e daí a Fungilola. Depois, toma o rumo do Norte, passa em Madrid (o que não acontecia há muitos anos) e vai terminar em S. Sebastian, mal percorrendo terras da Catalunha.

As três etapas de «montanha» que mais problemas darão aos ciclistas são a segunda (no alto de «Alhambra»), a 13.ª (que termina no alto do monte Aranco) e a 18.ª (na subida de Arrate) no mesmo local onde costuma realizar-se uma prova clássica, de fim de época, reservada a trepadores.

As grandes dúvidas que se oferecem aos organizadores prendem-se com a participação de ciclistas estrangeiros. Merckx, por exemplo, ainda não disse se corre ou não na «Volta» e os ciclistas espanhóis (ou melhor: os patrões das equipas espanholas) pretendem receber mais dinheiro, dado que aos estrangeiros e uso pagar-se melhor.

JOAQUIM AGOSTINHO NO PARIS-NICE

Mas, ainda antes da «Volta a Espanha» (que pertence já à fase da alta competição e em que se participa para ganhar e não, apenas para treinar) deve disputar-se a corrida Paris-Nice, certamente com Joaquim Agostinho entre os maiores do cartaz.

Esta prova (por etapas) e encara-se, no grande mundo do ciclismo, como derradeiro teste à preparação de inverno e como definitiva avaliação da forma com que as grandes «estrelas» da modalidade entram na época a sério. De tal modo

isso acontece, que até em condições climatéricas o teste costuma ser duríssimo: vento, frio, chuva e, quando calha, também neve.

O Paris-Nice tem 1200 quilómetros de extensão, divididos por oito etapas e um «prólogo». Dessas etapas são de destacar as mais extensas (duas de 210 quilómetros) a mais acidentada (a subida do Monte Faron) e o contra-relógio final, em Nice.

A equipa da «Bic», onde alinha Joaquim Agostinho, apresenta, além do ciclista português, os profissionais Mortensen, Karstens, Peelman, Berland, Catieu, Fussien, Ferrari, Lucien Vasseur e Labourdette.

Note-se a ausência de Ocaña, que não quer correr os riscos de deslizar na neve e no gelo. Outras equipas: Peugeot, Sonolor-Gitane, Flândria, Gan-Mercier, Jobo-Lejeune, Maggiasce, Molteni, Kolner, Rokado e Kas. Não se sabe ainda se Fernando Mendes participa ou não, pela equipa espanhola em que está inscrito esta época, a «Kas».

Ad lado dos profissionais, participa também a equipa de amadores da Polónia (com o famoso Szurwoski como chefe-de-fila). Esta participação levantou, até, uma tempestade de protestos do Sindicato dos Ciclistas Profissionais que pretendem também participar nas provas de Amadores, para terem a contrapartida da vantagem agora concedida à equipa da Polónia.

TAÇA «JOSÉ BENTO PESSOA»

Em homenagem ao antigo ciclista José Bento Pessoa, a Federação instituiu uma taça que será disputada na prova de amadores do próximo domingo, na Associação de Ciclismo do Sul. A taça destina-se ao vencedor dessa corrida, em que participam amadores especiais, juniores e seniores.

Entretanto, noticia-se que a segunda prova do campeonato regional de fundo (para profissionais) terá a extensão de 200 quilómetros e está marcada para o dia 10 do corrente. A partida é dada às 8 horas no Olival Basto e a chegada faz-se na Via Rápida, ao Lumiar.



Entre novos colegas (Baltasar, Carlos Pereira e Chico) poderá surgir esta noite o brasileiro Dé

Meia hora depois de começar o duelo do Bonfim, entram no relvado de Alvalade as turmas do Sporting e do Desportivo da Cuf. Apenas com um ponto à maior sobre a dupla Benfica-F.C. Porto, os pupillos de Mário Lino não podem subestimar o adversário: a registar-se um desaire, seria provável uma troca de posições na tabela da verdade.

Dai que Yazalde e seus pares cedo procurem o golo (ou os golos) que concedam tranquilidade à turma: tanto mais que na 4.ª feira seguinte recebe o Zurique, em encontro de particular interesse para os quartos de final da Taça das Taças. Todos acreditam, no entanto, que o Sporting acabará por vencer por margem sossegada.

nas a dois, dando um forte impulso para o esforço final. No entanto o Farense não é turma fácil, pelo que a registar-se um empate todos podem ficar satisfeitos...

O Oriental, em situação extremamente difícil, vai de abalada até ao Algarve, onde o calendário determina encontro com o Olhanense. Ninguém prevê uma vitória dos pupillos de Pedro Gomes que, a acontecer, constituiria autêntica surpresa. O mais natural será, portanto, uma vitória dos donos da casa, até porque o Oriental alinhará desfalcadíssimo.

PROGRAMA PARA AMANHÃ

Os restantes cinco jogos realizam-se amanhã, a partir das três da tarde.

O F.C. do Porto vai até Guimarães, defrontar uma turma bem arrumada e comandada por um excelente estratega chamado Mário Wilson. Não se apresenta facilitada a tarefa dos portistas. Conhecedores do talento do meio campista Cubillas, o técnico Wilson terá certamente, pensado na melhor maneira de travar a sua influência. Mas, não obstante, Guttman continua a pensar no título, não podendo perder pontos na corrida empreendida. Assim, a hipótese de um repartir de pontos não está fora de dúvida.



Os 18 seleccionados juniores do nosso futebol: escolhidos pela dupla Pedrote-Pereira Bandeira vão dirimir, perante a Suíça, a passagem à fase final da «Taça U.E.F.A.»

CLASSIFICAÇÃO ACTUAL

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
SPORTING	21	16	2	3	68-13	34
Benfica	21	15	3	3	33-12	33
F. C. Porto	21	14	5	2	34-13	33
V. Setúbal	21	13	5	3	45-15	31
Belenenses	21	10	5	6	35-24	25
V. Guimarães	21	8	8	5	27-19	24
Farense	21	6	8	7	25-24	20
C. U. F.	21	7	6	8	20-27	20
Boavista	21	6	4	11	23-32	16
Académica	21	6	4	11	23-32	16
Olhanense	21	6	4	11	24-46	16
Barreirense	21	4	7	10	18-27	15
Beira Mar	21	5	4	12	26-44	14
Montijo	21	4	5	12	25-40	13
Oriental	21	5	3	13	20-60	13
Leixões	21	5	3	13	20-33	13

co; Peninche-P. Brandão; Ovarense-Famalicão e Lourosa-Portalegrense.

Convém lembrar que tanto o Vianense como o Marítimo ficaram isentos desta eliminação. E, a propósito: Marítimo e Alhandra jogam no Funchal o encontro atrasado da 2.ª divisão e, para acerto do calendário da 3.ª divisão haverá igualmente quatro embates (Vianense-Valpaços; Campomaiorense-Amiense; Seixal-Vasco da

90 minutos) qualquer empate será o jogo interrompido durante cinco minutos e, depois, prolongado por 30 minutos, divididos em duas partes de 15 minutos, cada uma, sem intervalo mas com troca de campos. Se, findo este prolongamento, ainda se mantiver a igualdade, deverá realizar-se novo jogo no campo do adversário. Este encontro considera-se marcado para 72 horas depois do início do encontro anterior.

A VENDA MAIS

UM NÚMERO DE motor

REGISTO

DE CÁ

CICLISMO

No F. C. do Porto, uma boa

que pretende melhorar as antigas condições de trabalho.

NATAÇÃO

O relatório e contas da direcção da Associação de Natação de Lisboa vai ser apreciado esta tarde (15 horas) no

Jolly» está interessado em fazer uma digressão basquetebolística a Portugal, entre 1 de Agosto e 30 de Setembro, com uma equipa de jovens nascidos em 1957 e 1958, actualmente em primeiro lugar do respectivo campeonato nacional.

Fernando Isidoro e Augusto Germano. O embate processa-se na Rua Gonçalves Crespo, 28-B.

DE LÁ

REAL MADRID

O «team» de futebol do Real Madrid vai de mal a pior: no jogo atrasado do campeonato espanhol, que contava para a 23.ª jornada da prova, o grupo madrileño perdeu em Saragoça (1-2), mais avolumando a diferença do «leader» do torneio (o Barcelona de Cruyff).

ANDEBOL

Resultados da 1.ª jornada dos Campeonatos do Mundo de Andebol, que decorreu em Berlim: Dinamarca-Alemanha de Oeste, 12-11 (7-5); Espanha-Suécia, 15-14 (9-7); U. R. S. S.-Estados Unidos, 40-11 (16-6) e Hungria-Argélia, 30-10 (12-5). Entre parêntesis: as marcas ao intervalo.

FUTEBOL

Os sorteios para as meias-finais das três competições europeias de futebol terão lugar em Zurique, em 22 do corrente.

Os jogos das meias-finais (da Taça Europeia, da Taça dos Vencedores de Taças e da Taça da UEFA) realizar-se-ão em 10 e 24 de Abril. A final da «Taça dos Vencedores de Taças» está marcada para Rotterdam (em 8 de Maio) e a final da «Taça Europeia» realiza-se em Bruxelas, em 15 de Maio. A final da «Taça UEFA» será em duas «mãos», com os jogos a serem realizados em casa de cada um dos finalistas, em 22 e 29 de Maio.

DESCULPA

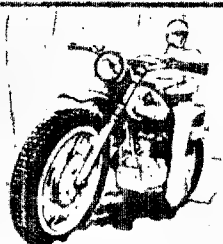
O seleccionador italiano Ferruccio Valcareggi atribui às condições lamacentas do campo a derrota (0-1) sofrida pela equipa nacional italiana de «esperanças» frente à Alemanha Oriental, nos quartos-de-final da «Taça Europeia de Futebol». Num charco daqueles, os alemães, com o seu poder físico, estavam em clara situação de vantagem — declarou.

PRÉMIO

No caso de a Itália ganhar o próximo Campeonato Mundial de Futebol, cada um dos homens da «squadra azzurra» receberá uns 30 milhões de liras (1200 contos).

Esta é a soma dos prémios previstos, segundo transpirou em meios bem informados: oito milhões de liras pela passagem às meias-finais, 10 milhões pela chegada à final e 12 milhões pelo título.

No campeonato disputado no México, os jogadores italianos receberam no total 12 milhões de liras cada um, por terem chegado à final. Se tivessem ganho ao Brasil, os seus proventos teriam ascendido a 19 milhões de liras.



motor

CARTAS NA MESA

Jogadores do CIF apontam erros do nosso basquetebol

Um grupo de jogadores de basquetebol do C.I.F. (Clube Internacional de Futebol) apontam, com o pedido de publicação a seguir, missiva:

Contrariamente ao que se verifica na 1.ª Divisão Nacional de Basquetebol, na 2.ª Divisão uma equipa que jogue fora da área de Lisboa (Algarve, por exemplo) tem que pagar uma elevada importância se quiser ter árbitros neutros nos desafios que lá disputa, ou então submeter-se à parcialidade dos árbitros locais. Vencer um jogo em Faro, com árbitros da «casa», tornou-se de há tempos para cá uma verdadeira impossibilidade, o que se pode atestar atendendo a que, na presente época, apenas Sacavense e Queluz, que levaram policiamento e equipa de arbitragem lograram passar essa barreira.

Recentemente o C.I.F. deslocou-se ao Algarve, a fim de disputar um jogo com o Farense, respeitante à 11.ª jornada do Campeonato Nacional. Na assistência, alguns acompa-

nhantes da nossa equipa (que a aplaudiam e incitavam) foram ostensivamente e com ameaças mandados calar pelos seus vizinhos de bancada. Entretanto, a equipa de arbitragem comete erros sobre erros, numa tentativa bem clara de desequilibrar um jogo que, até aí, se antevia interessante e bem disputado. Erros, que iam desde «passos» imaginados e bolas supostamente «fora», nas quais prevalecia a opinião de um deles, o que contraria claramente os regulamentos e o espírito de jogo. Tudo isso foi provocando um ambiente hostil e, em determinada altura o jogo tinha mais de batalha campal do que de Basquete.

Em dado momento, um atleta nosso que está a fazer o aquecimento habitual junto ao «banco» e fora dos limites do recinto de jogo, é impedido disso por um agente da autoridade, que alega estar ele a provocar o público (?).

Acontece que o Farense, a perder esse jogo, estaria praticamente na 3.ª Divisão, o que não lhe acontece há largos anos. Acreditamos por isso, que os árbitros (como naturais de Faro) se deixassem influenciar um pouco pela situação e pela pressão do público. Todavia, isso é contrário ao mais elementar espírito desportivo: e faz com que as equipas intervenientes (ou pelo menos uma delas) estejam a colaborar numa farsa que em nada dignifica o Desporto.

Não nos compete arranjar soluções para o problema, mas julgamos que ele se resolveria com um melhor policiamento dos recintos de jogos, com arbitragens neutras e imparciais em relação a ambas as equipas e com o envio, por parte da Federação, de um delegado ao jogo. Porque nem todos os clubes têm verbas para acarretar com a despesa da deslocação das equipas de arbitragem, cada vez que têm de jogar fora de Lisboa...

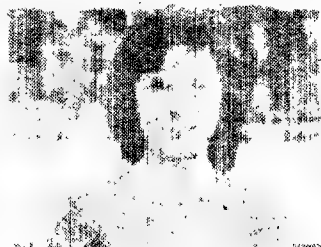
«Os jogadores do C.I.F.»

Laranjeira (aqui, entregue às mãos de Manuel Marques) volta amanhã a Londres, na companhia de Fraguito, para ser observado pelos médicos ingleses que operaram os dois futebolistas

Campeões escolares de badminton



Hermínio Duarte



Leonor Pilar e Elisabete Reis, (Colégio Teresiano de Braga) campeãs infantis em pares, após o torneio nacional escolar de «badminton».

ANDEBOL

A Associação de Andebol de Lisboa volta a realizar torneios (masculinos e femininos) abertos aos clubes e estabelecimentos de ensino, com acesso a praticantes a partir dos 10 anos de idade.

«OS CINQUENTENÁRIOS»

O convidado de honra, no almoço hoje promovido pelo grupo «Os Cinquentenários» (do Sporting) é Alvaro Cardoso, antigo «internacional» de futebol.

OEIRAS

A 21 de Abril, a Associação Desportiva de Oeiras comemora mais um aniversário, com vasto programa de actividade que inclui desfile de várias secções: hóquei, futebol, ginástica, judo, basquetebol, ténis de mesa, andebol, «badminton», «ballet», iniciação musical, voleibol e iniciação às artes plásticas.

PESCA

Informa-nos o Clube Amadores de Pesca de Lisboa que o troféu «Diário de Lisboa» premiou o pescador Manuel Rocha (do Alhandra) quarto classificado, entre 400 concorrentes (de 34 colectividades) no quinto «Concurso de Pesca Desportiva de Rio».

BILHAR

Hoje e amanhã, com sessões à tarde e à noite, disputa-se o Lisboa-Porto em bilhar (às três tabelas), para disputa da Taça «Dr. Henrique Marques». Lisboa alinha com António Vinagre, Ilídio Gomes, Victor Hugo Leal e José Theriaga. O Porto apresenta-se com Mário Machado, Wilson Neves,

BASQUETEBOL

O clube italiano «Atlético

notícia: a renovação do contrato do ciclista profissional Custódio Gomes. Em contrapartida, mantém-se a dificuldade de entendimento entre a secção da colectividade e a dupla Joaquim Andrade-Manuel Gomes,

decorrer da Assembleia Geral que elegerá a nova gerência do organismo.

OLIVAR
AV. MADRID, 16-B
TEL. 714.191-71.538

AUTOMÓVEIS de ALUGUER



DIVISÃO METALOMECÂNICA DA ACTA

CONSTRUÇÃO CIVIL

A INSA NECESSITA ADMITIR UM RESPONSÁVEL PARA A GESTÃO DO GRUPO DE PRODUTOS DESTINADOS À PRÉ-FABRICAÇÃO DA CONSTRUÇÃO CIVIL.

RESPOSTA MANUSCRITA REF.: 1101
APARTADO 21 — QUELUZ DE BAIXO

Medalha de ouro para Cuba

A cubana Clara Elena Bello, saltadora para a água, distinguida com medalha de ouro nos jogos da América Central e das Caraíbas, que estão a decorrer em São Domingos, na República Dominicana

cinemas

LISBOA

TURNO G1

(TODA A NOITE)

ALCANTARA
Bairro: Rua Príncipe Real, 11. Tel. 65.12. Biograf.
Rua: João de Castro 27-B. Tel. 638824

ALVALADE
Zil: Avenida da Igreja 90. Tel. 71780. Roma: Avenida da Roma 85-B. Tel. 772466

AREIRO
Imperial: Av. Guerra Junqueiro 30-B. Tel. 726860

AVENIDA LIBERDADE
Fernandes: Rua de S. José 87. Tel. 326476

AVENIDAS NOVAS
Alcantara: Av. da República 74-A. Na Entrecamadas. Tel. 77379

BAIRRO ENCARNACAO
Ascenso: Praça do Norte. Tel. 31216

BENFICA
Lavinha: Rua de Paço de Sousa 11. R. C. promissora e Rua da Casquinha 28-A. Tel. 708242. Alegria: Est. Benfica 80-A/5. Tel. 78051

CAMINHOS DE FERRO
Frazão: Rua C. L. de Santa Apolonia 90-92. Tel. 847019

CAMPOLIDE
Pinto: Rua de Campolide. Tel. 68250

CAMPO GRANDE
União: Rua Saravia de Carvalho 45-F. Tel. 663643

CHELAS
Banha: Est. de Chelas 13. Tel. 38224

ESTEFANIA
Mundial: Largo de Estefania 41-T. Tel. 45578

LAPA
Eduardo Cesar: Rua das Telas 27. Tel. 66261

LUMIAR
Douro: Av. de S. Carlos 15. Tel. 74333

S. NAMEDE
Albano: Rua Escola Politécnica 54-T. Tel. 326750

S. SEBASTIAO DA PEDREIRA
S. Sebastião: Largo S. Sebastião. Pórtico 9. Tel. 48542. Sousa Martins: Rua Sousa Martins 25. Tel. 513468

TURNO G2
ATE AS 22 HORAS

AJUDA
Moura: Travessa da Moura 10. Tel. 610444

ALVALADE
S. João de Deus: Rua Príncipe Real 11. Tel. 6512

ANJOS
Confiança: Av. de A. Maria 4. Rua 45-T. Tel. 62653

AREIRO
Garantia: Av. de S. Martinho 10. Tel. 773043

AVENIDAS NOVAS
Vale: Av. Marquês de Pombal 45-49. Tel. 773043

BAIRRO DA LIBERDADE
Salutar: R. de S. A. B. T. Tel. 683644

BAIXA
Azevedos Filhos: Praça de S. Francisco 11. Tel. 327454

BENFICA
União: Est. Benfica 192. Tel. 773043

CAMPO DE OURIQUE
Lobos: Rua Infante 6-98. Tel. 688807

CASTELO
Ziter: Rua S. Tome 54-56. Tel. 862635

ESTRELA
Andrade Ribeiro: Av. Infante Santo 66-B. Tel. 66597

LUMIAR
Central do Lumiar: Rua do Lumiar 77. Tel. 790480

DE VAIS
Olivais: Rua de S. João 11. Tel. 773043

PICHELEIRA
Luzmar: Rua de S. João 11. Tel. 773043

POÇO DO BISPO
Freitas: Rua de S. João 11. Tel. 773043

REGO
Baptista: Rua Francisco Tomás da Costa 3-A. Tel. 773043

SANTO AMARO
Correia: Av. de Azevedo Reis 98. Tel. 2430090

ALGÉS
Miraflores: R. Antonio Granjo 2. Tel. 213161

CAXIAS
Nova: R. Bernardim Ribeiro 1-A. Tel. 242839

PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva: Av. Patrão Lopes 2. Tel. 2432039

QUEIRAS
Godinho: R. Candido dos Reis 98. Tel. 2430090

PAREDE
Grincho: Av. da República 87. Tel. 2471204

S. JOÃO DO ESTORIL
S. João: Tel. 261186

ESTORIL
Marques dos Santos: R. Ferreira, J.A. 15. Tel. 260116

CASCAIS
Marginal: Av. Marginal. Tel. 280078

AMADORA
Cavaca: R. Elias Garcia 209. Tel. 930019

S. SEBASTIAO DA PEDREIRA
S. Sebastião: Largo S. Sebastião. Pórtico 9. Tel. 48542

DAMAIA
Damaia: P. Alexandre Gusmão 9-A. Tel. 970523

QUELUZ
Gil: Av. Miguel Bombarda 28. Tel. 950117

CACEM
Araújo e Sá

MEM MARTINS
Quimica: Est. de Mem Martins 285. Tel. 2910012

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim: Tel. 980456

SINTRA
Marras: L. Afonso Albuquerque (tel. 980058)

COLARES
Abreja: Tel. 299088

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes: L. Coronel Ramos da Costa 40. Tel. 234137

ALHOS VEDROS
Gusmão: R. Candido dos Reis 30. Tel. 224020

ALMADA
Galeno: R. Capitão Lencão 85. Tel. 2780565

BAIXA DA BANHEIRA
Alfama: Est. Nacional 174. Tel. 224302

BARREIRO
Soares: Av. da República. Tel. 2073023

COVA DA PIEDADE
Ramalho Santa: Est. das Barracas 50-A. Tel. 2760182

MOITA
Silva Rocha: P. da República 16. Tel. 235029

MONTIJO
Graças: R. Almirante Reis 45. Tel. 230008

SESIMBRA
Leão: Av. de S. João 11. Tel. 22794

SETUBAL
Lisboa: R. de S. João 11. Tel. 22748

SEIXAL
Godinho: L. da Igreja 51. Tel. 221580

PORTO

1º TURNO

SUB TURNO A

Alves da Silva: Av. da Boavista 1016. Azevedo (del. Rua do Mar 303. Gomes Ferreira: Rua Fátima Guimarães 449. Nova Vicência: Rua da Trindade 723. Ordem da Trindade: Rua de S. Maria Angélica 57. Terra: Rua da República 21

SUB TURNO B

Antas (das): Av. Fernando Magalhães 1076. Ant. Porto do Olival: Matos da Pólvora 122. Faísca: Rua de S. Bento 10. Ferreira: Rua de S. Bento 10. Lousada: Largo de S. João 62

COIMBRA

Montes Claros: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

ROXY: Tel. 48660

MUNDIAL: Tel. 538743

SEIXAL: Godinho: L. da Igreja 51. Tel. 221580

PORTO

1º TURNO

SUB TURNO A

Alves da Silva: Av. da Boavista 1016. Azevedo (del. Rua do Mar 303. Gomes Ferreira: Rua Fátima Guimarães 449. Nova Vicência: Rua da Trindade 723. Ordem da Trindade: Rua de S. Maria Angélica 57. Terra: Rua da República 21

SUB TURNO B

Antas (das): Av. Fernando Magalhães 1076. Ant. Porto do Olival: Matos da Pólvora 122. Faísca: Rua de S. Bento 10. Ferreira: Rua de S. Bento 10. Lousada: Largo de S. João 62

COIMBRA

Montes Claros: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

ESTUDO APOLO: Tel. 753179

SEIXAL: Godinho: L. da Igreja 51. Tel. 221580

PORTO

1º TURNO

SUB TURNO A

Alves da Silva: Av. da Boavista 1016. Azevedo (del. Rua do Mar 303. Gomes Ferreira: Rua Fátima Guimarães 449. Nova Vicência: Rua da Trindade 723. Ordem da Trindade: Rua de S. Maria Angélica 57. Terra: Rua da República 21

SUB TURNO B

Antas (das): Av. Fernando Magalhães 1076. Ant. Porto do Olival: Matos da Pólvora 122. Faísca: Rua de S. Bento 10. Ferreira: Rua de S. Bento 10. Lousada: Largo de S. João 62

COIMBRA

Montes Claros: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

Vieira: R. de S. João 11. Tel. 22054

POLITEMA: Tel. 326305

SEIXAL: Godinho: L. da Igreja 51. Tel. 221580

PORTO

1º TURNO

SUB TURNO A

Alves da Silva: Av. da Boavista 1016. Azevedo (del. Rua do Mar 303. Gomes Ferreira: Rua Fátima Guimarães 449. Nova Vicência: Rua da Trindade 723. Ordem da Trindade: Rua de S. Maria Angélica 57. Terra: Rua da República 21

SUB TURNO B

Antas (das): Av. Fernando Magalhães 1076. Ant. Porto do Olival: Matos da Pólvora 122. Faísca: Rua de S. Bento 10. Ferreira: Rua de S. Bento 10. Lousada: Largo de S. João 62

DL/GERAL

DL

RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIO DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185 1.º 2.º E 4.º
TELEF. 654531/2 3 4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA 57
END. TEL. 01604 TELEF. 2365
LISBOA PORTUGAL

NOTAS POLÍTICAS

NOVA ETAPA NO
DOMÍNIO DA SEGU-
RANÇA SOCIAL

No prosseguimento da sua visita ao Nordeste Transmontano, o ministro das Corporações e Segurança Social visitou ontem, em Bragança, o novo bairro de casas de renda económica, em adiantada fase de acabamento, o qual compreende 86 fogos, distribuídos por cinco blocos. Já em Miranda do Douro, o dr. Silva Pinto deu a conhecer o plano definitivo do início de construções de sedes e pavilhões desportivo-recreativos das Casas do Povo da região, isto é, de Bragança, Torre de Moncorvo, Vinhais e Mirandela. Aquele membro do Governo deslocou-se também a várias tribas de assistência social. A propósito, disse: «A Previdência veio juntar-se a Assistência Social, uma e outra elementos essenciais de uma segurança social, concerto este que, com muita oportunidade, relega para segundo plano aquelas duas variáveis. (...) Iniciou-se, entre nós, uma nova etapa no domínio da segurança social, no centro da qual é colocada, necessariamente, a pessoa humana e a sua própria dignidade».

SERVIÇOS SOCIAIS

O ministro de Estado, no Palácio de S. Bento, deu posse aos órgãos dos Serviços Sociais da Presidência do Conselho e dos Ministérios do Interior e dos Negócios Estrangeiros. Dos Serviços Sociais da Presidência do Conselho é presidente o dr. Casimiro Pires, director dos Serviços Administrativos

da Emissora Nacional, Manuel Pereira, inspector superior da Direcção-Geral de Administração Local, presidente dos Serviços no Ministério do Interior; José Augusto da Silva Rosa, chefe de secção da Secretaria-Geral da Presidência; António de Oliveira Cordeiro, técnico da mencionada Direcção-Geral e dr. Diamantino Real, chefe da Repartição do Pessoal da Direcção-Geral dos Serviços Centrais do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Afirmou-se que «tudo se fará para tirar o maior proveito da instituição».

CÂMARA CORPORATIVA

Reuniu-se na Câmara Corporativa, sob a presidência do prox. Almeida Costa, a Secção de Interesses de Ordem Espiritual e Moral, a fim de designar relator para o parecer a emitir sobre a proposta de lei acerca do regime de assistência particular. Foi escolhido o procurador José Augusto Frausto Basso.

POLITÉCNICO DE VILA REAL

Na presença do prof. Veiga Simão, em Vila Real, foi discutida a próxima instalação naquela cidade de um Instituto Politécnico. «Será muito importante — afirmou-se — para o desenvolvimento da região». Dos intervenientes na discussão, pode depreender-se que o principal objectivo, a curto prazo, do Instituto Politécnico, «é o de criar técnicos para resolver as necessidades locais». Quanto ao início do funcionamento ainda nada está decidido, «podendo mesmo haver sectores do ensino que comecem mais cedo do que outros».

Militares mortos
em combate

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreram em combate os seguintes militares: no Estado de Angola, o furiel miliciano n.º 097813/72, João Diogo Ramos Lourenço, natural de Salvaterra do Extremo, concelho de Idanha-a-Nova, filho de João Lourenço e de Natividade Flores Ramos; soldado n.º 072772/72, Fernando Agostinho de Jesus, natural de Ponta Delgada, filho de Manuel dos Reis de Jesus e de Cecília Agostinho de Jesus; no Estado de Moçambique, soldado n.º 161298/71 José Carlos Serra Teixeira, natural de Amora, concelho de Seixal, filho de José Joaquim Silva Teixeira e de Maria Evangelina Gaspar Serra, casado com Maria Natividade Rodrigues Santos; soldado n.º 014255/71, António Augusto Castilho, natural de Vilarelhos,

concelho de Alfândega da Fé, filho de António Augusto Castilho e de Maria dos Anúncios e na Província da Guiné, o 1.º cabo n.º 005056/72, José Martins, natural de Vila Nova das Infantas, concelho de Guimaraes, filho de José Martins e de Maria Martins, casado com Maria Alzira Pereira Galos e o soldado n.º 141828/72, Adriano Moita Alexandre, natural de Moita, concelho de Alcobaça, filho de José Alexandre e de Maria Joaquina.

O ATENTADO
EM BISSAU

À lista que ontem divulgámos de militares feridos em consequência do recente atentado à bomba num café de Bissau, há a acrescentar mais os seguintes feridos ligeiros: furiel miliciano Reinaldo Santos Reis e 1.º cabo Feliciano Santos Silva.

A tentativa de Heath para se manter
no poder choca a nação inglesa

Continuação da pag. 1

Um dos pontos mais controversos não poderá tardar: O orçamento. É natural que na presente situação o Governo aproveite esses riscos para correr outros ao mesmo tempo, apresentando de uma só vez diversos pontos perigosos.

Mas mais tarde ou mais cedo um Governo minoritário poderá ser derrotado. Claro que pode escolher um assunto popular e desafiar a oposição a derrotá-lo, sabendo de antemão que poderá contar com a vantagem de mais votos a partir do assunto escolhido. Nesse caso, levanta-se a questão constitucional: o primeiro-ministro pode pedir à rainha para voltar a dissolver o Parlamento o que significará novas eleições. Ou pode aconselhá-la a chamar directamente o chefe da oposição. Em qualquer dos casos, a rainha fará aquilo que lhe pedirem porque a monarquia britânica é constitucional, quer dizer: em assuntos políticos o soberano faz aquilo que os seus ministros lhe aconselham.

Em teoria, a rainha dispõe de poderes que pode aplicar em circunstâncias difíceis. Quando não há risco constitucional, os conselheiros da coroa tentam apurar qual o partido ou grupo de partidos que poderá comandar uma maioria no Parlamento, como aconteceu em 1931. Este ano, essa possibilidade pode levantar-se mas apenas em termos teóricos. Aquilo que vier a ser decidido será com base em considerações políticas e não constitucionais. De qualquer modo, esta situação é totalmente nova.

O PROCESSO ELEITORAL

Embora como quase sempre sucede neste país, as eleições decidem-se entre conservadores e trabalhistas com os liberais no meio. Mas para além destes três grandes partidos tradicionais há muitos outros que vão desde o Partido Comunista britânico (pró-Moscou) à Frente Nacional, da extrema direita. Quase todos estes partidos concorrem normalmente com cerca de 40 candidatos, mas muito raramente um deles consegue ser eleito, por este eleitorado de mentalidade conservadora e muito re-

ceoso de inovações bruscas. Desde 1950 que um comunista não é eleito para o Parlamento de Westminster.

Mas apesar de tudo se decidir entre os três principais partidos, este ano chegou-se a uma situação em que o ramalhete de liberais e de partidos pequenos pode decidir o equilíbrio do poder. Muitos destes partidos têm carácter regionalista e entre estes figuram os nacionalistas escoceses e irlandeses que nestas eleições conquistaram entre si uma boa mão cheia de lugares. Há também que contar nesta categoria os diferentes partidos do norte Norte onde este ano os unionistas (direitas) conseguiram importantes vitórias que eventualmente poderão decidir a tentativa de permanência de Heath no Poder. Curiosamente, norte-se que Bernardette Devlin, a conhecida deputada católica do Ulster, perdeu o seu lugar a favor de um unionista. Os liberais aumentaram o seu número de lugares na Câmara mas não foram bem sucedidos como previram.

A injustiça deste sistema eleitoral para os pequenos partidos poderá ser amplamente debatida em breve e eventualmente o processo poderá ser alterado. Desde há muito que os liberais, os principais atingidos, falam nisso e também é natural que desta vez os conservadores venham a levantar a questão. Nestas eleições, os conservadores têm um bom argumento (ou pretexto) para o fazer: apesar de batidos em número de lugares, eles receberam cerca de 300 mil votos a mais do que os trabalhistas.

EXCÊNTRICOS

Além dos candidatos que representam partidos com maior ou menor força dentro de certos grupos minoritários, aparecem sempre nas eleições britânicas defensores de causas que vão das mais nobres às mais excêntricas. Este ano, concorreram em diversos círculos candidatos defensores de causas excêntricas. Entre eles, podemos destacar uma jovem de Oxford que defende o cultivo dos próprios alimentos, um indiano que é contra o capacete obrigatório para motociclistas por cau-

sa do uso religioso do turbante na sua raça Sikhi e um nobre inglês que defendia a autodeterminação de Wessex, o seu rincão no sudoeste da Inglaterra. Havia também um outro que defendia a maior segurança nas estradas e no ar. Todos estes candidatos receberam como se calcula publicidade compensatória para as suas intenções nas perdas do depósito.

Não há dúvida de que os britânicos têm um fraquinho pelas excêntridades. E daí estes can-

didatos serem sempre bem vindos às eleições, onde constituem uma nota simpática e alegre. E pouco têm a perder. Apenas os nove contos de depósito que qualquer candidato individual ou por um grupo político tem de fazer para demonstrar tacitamente a boa fé das suas intenções eleitorais. Se não conquistar um oitavo dos votos do seu círculo, o candidato perde o depósito.

J. I.

PÂNICO NA BOLSA

Três mil milhões de libras foram ontem retiradas da Bolsa de Londres — uma das mais importantes da Europa — quando investidores entraram em pânico com o impasse alcançado nas eleições.

Esta foi a maior queda num só dia na bolsa de Londres. Também a libra desceu três centimos em relação ao dólar americano enquanto o preço do ouro saltava cerca de 9 dólares em cada onça.

O primeiro-ministro
procura obter
o apoio dos liberais

Edward Heath vai passar o fim-de-semana a procurar o apoio dos liberais para aquilo que começa a ser chamado como uma frente antisocialista que poderá impedir os trabalhistas de ascenderem ao poder.

De acordo com as primeiras informações, quer Edward Heath quer Jeremy Thorpe voltaram com a sua palavra atrás ao darem este passo. No início da campanha e ao longo desta, sempre afirmaram não estarem interessados numa coligação e Thorpe disse não estar disposto a servir com nenhum dos chefes dos dois principais partidos.

Esta manhã, Thorpe teria dito estar disposto a considerar o pedido conservador. Entretanto, os unionistas do Ulster anunciaram ir formar um Governo completamente à parte em Westminster.

Falta preencher
um lugar

LONDRES, 2 — (F.P. e U.P.I.-A.N.I.) — As 23 e 30 T.M.G. (0 e 30 de Lisboa) a situação era a seguinte:

Conservadores: 296 lugares (ganhos 3, perdas 18);
Trabalhistas: 301 lugares (ganhos 11, perdas 8);
Liberais: 14 lugares (ganhos 3, perdas 2);
Diversos: 23 lugares (ganhos 13, perdas 2).

Os restantes votos serão anunciados hoje de manhã, pois falta preencher um lugar.

Conservadores: 11 916 319 votos (38,1 por cento).
Trabalhistas: 11 657 461 votos (37,2).

Liberais: 6 056 713 votos (19,3).
Diversos: 1 679 669 votos (5,4).

OS OUTROS PARTIDOS

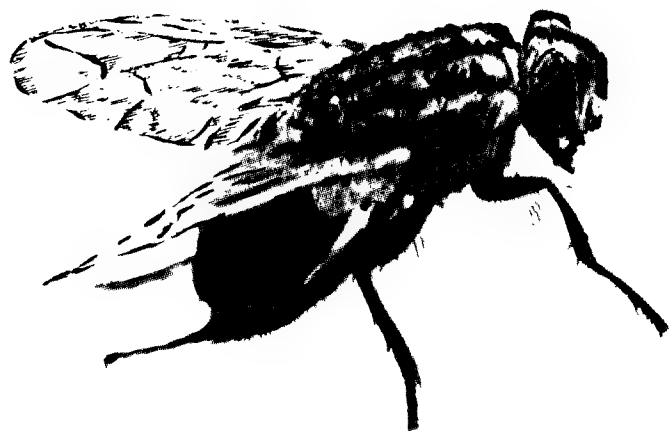
Os diversos dividem-se em:
Realistas do Ulster, 11 lugares;
Partido Democrático Social e Trabalhista da Irlanda do Norte, 1 lugar;
Trabalhista Independente, 1;
Trabalhista Democrático, 1;
Partido Nacional Escocês, 6 lugares;
Nacionalistas, 2;
Presidente da Câmara dos Comuns, 1 lugar.

Agravamento de multas
nos regulamentos policiais

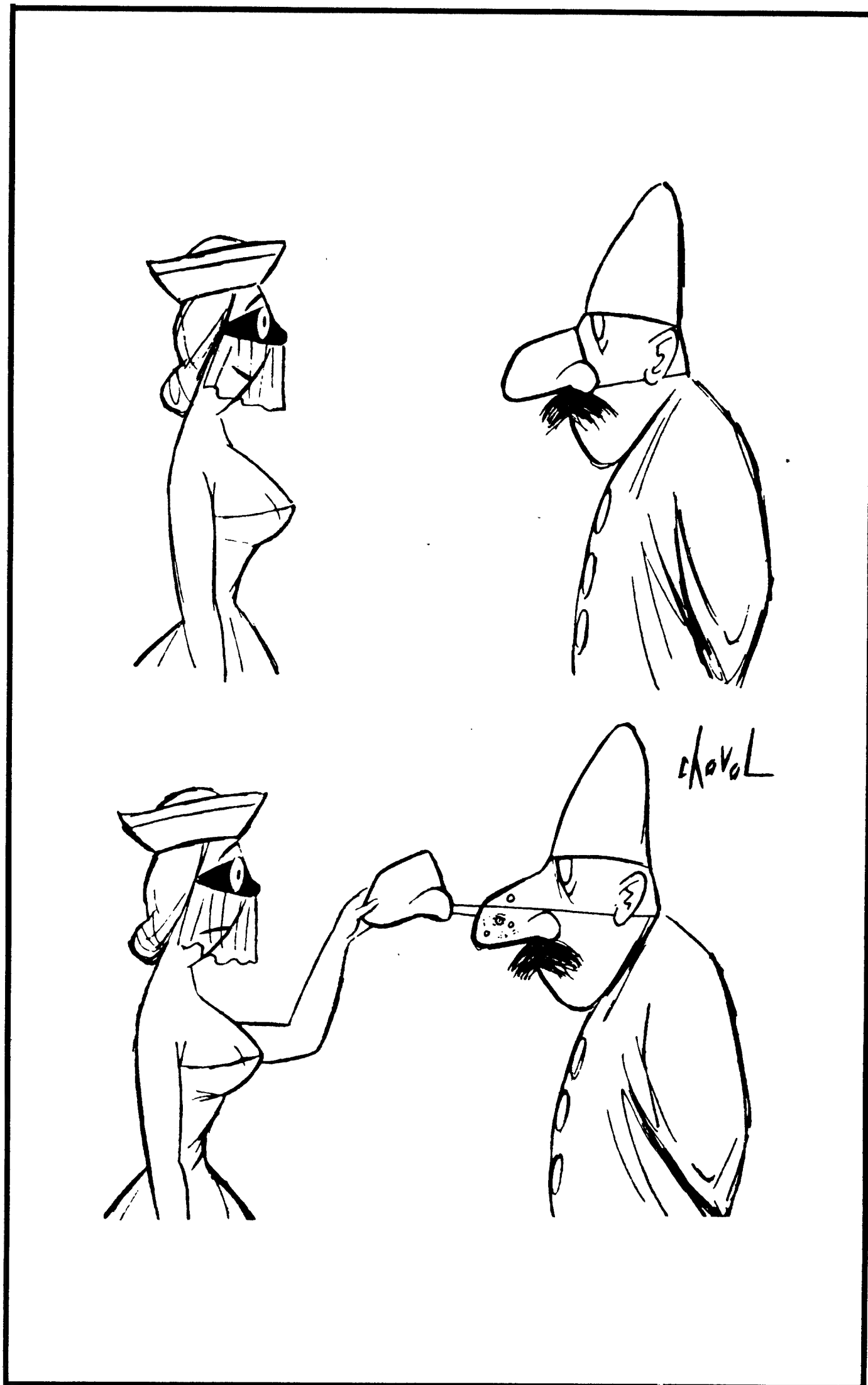
Pelo Decreto-Lei n.º 77/74, hoje publicado no Diário do Governo, são agravadas as multas previstas no Código Administrativo em função das posturas policiais das Juntas de Freguesia, Câmaras Municipais e Governos Civis.

Assim, é alterada a redacção do n.º 2.º do Artigo 52.º daquele código, de modo a agravar de 500 para 2000\$00 as multas aplicáveis de acordo com as posturas municipais; nas áreas dos concelhos de Lisboa e Porto (Art.º 99.º, Parágrafo Único) essas multas poderão ir, agora, até 10 000\$00 (2500\$00 no Código administrativo até hoje vigente); as contrações às posturas das Juntas de Freguesia, até agora puníveis directamente com multas de 100\$00, passarão a ser possíveis de agravamento até 500\$00.

Finalmente, é alterada a redacção do Parágrafo 1.º do Artigo 408.º, que estabelece as atribuições policiais dos governadores civis. Os regulamentos propostos pelos mesmos e aprovados pelo Governo passam a poder cominar sanções de multa até 5000\$00, acrescida de um terço por cada reincidência, bem como a de encerramento de estabelecimentos que funcionem sem as licenças exigidas por lei ou regulamento e nos demais casos especialmente previstos nos regulamentos a que se refere este parágrafo. A desobediência à ordem de encerramento será punida nos termos do Artigo 188.º do Código Penal.



**O CARNAVAL
DO
LISBOETA**



Suplemento de «Diário de Lisboa», 2 de Março de 1974

Mosca

nota de apresentação

Lá se foi o Carnaval, como tantas outras coisas. Do curso que tinha lugar na avenida e que tanto entusiasmava as «senhoras» de outrora não resta nada. Andámos por lá e esbarámos com polícias entregues à sagrada tarefa de multar in-

cautos mas pandegos atirando flores e serpentinas, nem um... Também se sumiram, de vez, os «assaltos» que tanto divertiam a burguesia lisboeta. Com as coisas pelos seus preços actuais, só um inconsciente se lembraria de assaltar a casa fosse de quem

fosse. Não nos espantava nada que um assaltante carnavalesco fosse recebido a tiro pelo assaltado...

Mascaradas? Divertimentos na via pública? Tudo isso são coisas dum passado que não voltará. Se não fosse o facto de os locutores da

rádio insistirem em atirar para o ar musicinhas brasileiras num tom de voz a que tentam, em vão, dar um ar festivo, ninguém daria pelo Carnaval.

Que resta dos grandes festejos de outrora? Um grupo de mascarados, aqui

e além, tentando divertir-se e divertir um público apático e indiferente e, também aqui e além, um grupo de criancinhas que bisnagam os transeuntes e que, de quando em quando, levam um pontapé no traseiro para aprenderem a não chatear o próximo.

Só os cinquentões é que ainda se lembrarão — e, mesmo assim, com dificuldade — do que era o Carnaval lisboeta.

Diga-se, em abono da verdade, que não se perdeu grande coisa, pelo menos no respeitante aos folguedos. Lisboa é uma cidade triste, chata, monótona, em que não apetece viver.

Quem se der ao cuidado de estudar as expressões de quem trabalha, de quem anda na rua, de quem entra nas lojas e, até, de quem se diverte, ficará com a impressão de que os habitantes de Lisboa estão,

sempre, a participar num cortejo funerário.

A graça lisboeta é azeda, maldosa, destinada a destruir. As anedotas lisboetas são más, verrinosas, reveladoras de complexos e de frustrações que a ninguém poderão passar despercebidos. Se alguém se ri em público nesta cidade de vil tristeza feita, é olhado a medo por quem passa. Até os namorados que andam na rua, de braço dado, tem o ar grave e pomposo de quem está a cumprir um dever doloroso.

Não choramos o Carnaval que se foi porque não acreditamos em alegrias com data marcada — só os tristes é que se riem com horário fixo e só os tristes é que têm necessidade de se rir três vezes por ano. Os alegres, os felizes, riem naturalmente, a toda hora e todos os dias.



8,8 litros de Super. Revisão aos 15.000 km. Diagnóstico VW

Passat. Não será fácil encontrar um carro mais económico

Comprar um carro não significa empatar dinheiro em quatro rodas e um motor em troca de um pouco mais de mobilidade. Comprar um carro é investir. O Passat, para além de ser um Volkswagen, representa um conceito técnico moderno. Logo, é um bom investimento. A economia do Passat começa logo que é adquirido. O seu preço está na medida exacta do que ele apresenta e do que vai proporcionar. Em segurança, beleza e conforto. A economia do Passat continua quando se fala na sua manutenção. As suas revisões são efectuadas a cada 15.000 km ou anualmente. O Passat é um carro resistente e de excelente qualidade. Foi feito para andar e não para passar o tempo na oficina. Assim, rende muito ao seu proprietário.

Quanto ao consumo, o Passat continua a ser um carro económico. Mesmo a sua versão mais potente, com 85 cv, exige apenas 8,8 litros de Super aos 100 km.

Quando o Passat precisar de peças, também será económico. À sua disposição está o mundialmente famoso Serviço Volkswagen. E esta fama foi conquistada pela qualidade e pelo preço. O Passat poderá contar com peças legítimas que têm a garantia VW. E a um preço baixo. Neste Serviço está incluído o infalível Diagnóstico VW, que aponta directamente as possíveis reparações necessárias. E isto representa economia de tempo e dinheiro, juntos.

Compare o Passat com os outros carros da sua classe. Experimente o Passat.

Conheça esta nova geração Volkswagen. Estamos certos que, depois de conduzir um Passat, você o achará ainda mais económico.



Passat:
o mais puro prazer de conduzir

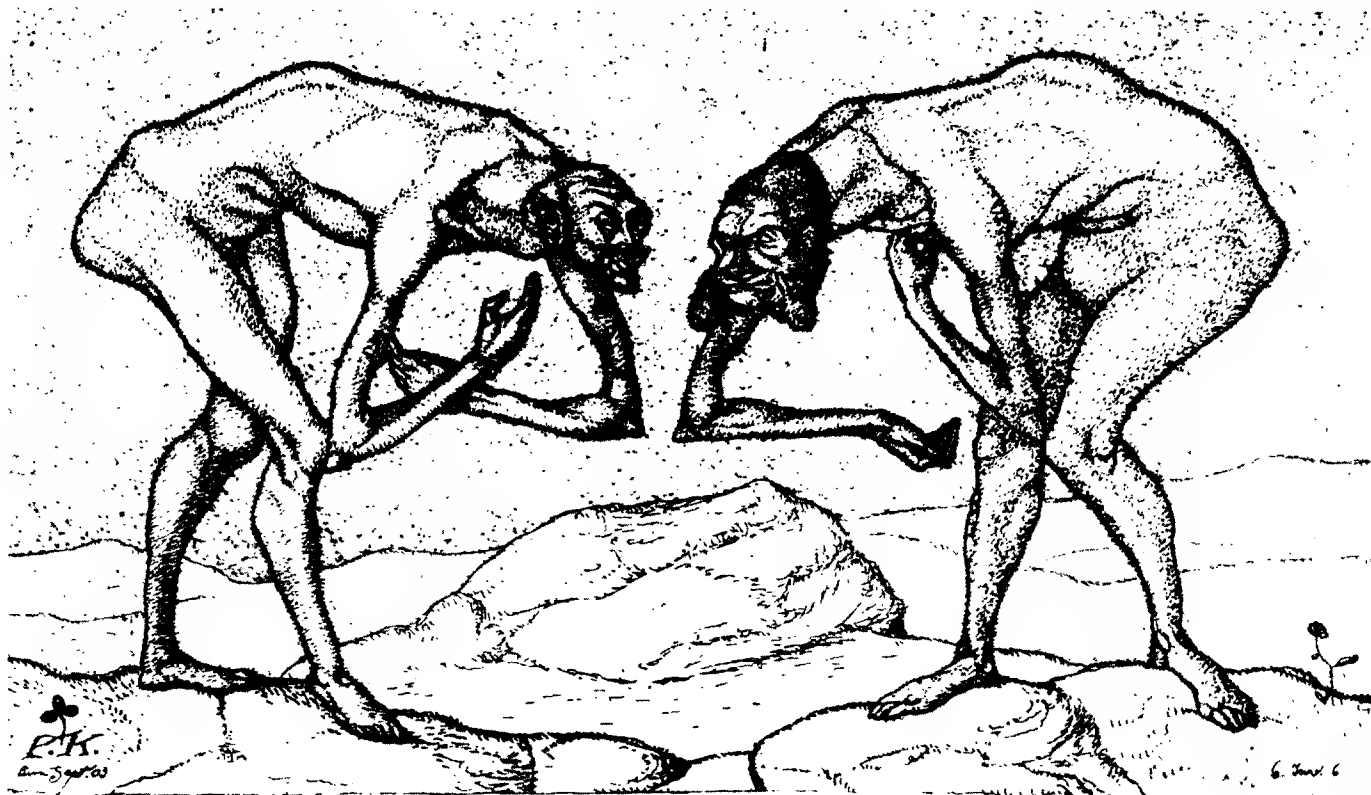
Para mais informações, dirija-se ao Agente VW mais próximo.

Volkswagen de Portugal Automóveis, Lda.

Em exposição em todos os stands VW do País



AMIGOS TÍPICOS DO REINO



O AMIGO GENEROSO

Normalmente é conhecido pela sua grande capacidade de compreender todos os nossos problemas. É afável, exterioriza grande experiência e depois de nos ouvir com grande atenção, sugere sempre soluções, onde nós perdemos outros amigos ou alguma pequena quantidade de dinheiro e tempo traduzido por trabalho gratuito.

Tem uma situação social estável e quase sempre um sorriso para todas as ocasiões. Uma das frases preferidas é: Vamos ver isto com calma!

O AMIGO BENEMÉRITO

Põe a bolsa à nossa disposição para pequenas contas ou propõe-se solucionar as grandes por meio de crédito bancário. Os juros, os cumprimentos de prazo e tudo o resto fica por nossa conta. O saldo é todo o reino saber que se não fosse ele, nós tínhamos ficado de pernas para o ar.

O AMIGO DAS ÍNDIAS

Convida-nos para a sua casa que cheira a arcas de cânfora. Faz-nos tropeçar em dentes de elefante desde a entrada da porta até à sala de estar. Inteira-se dos nossos negócios e conhece as nossas ambições. Indica mais ou menos o processo de, como ele, vencermos na vida. Despede-se com aperto de mão forte e três meses depois descobrimos que o sucesso dele se não deve ao método que nos ensinou.

O AMIGO DE INFÂNCIA

Conhece-nos desde pequeno e encontra-nos ao fim de 20 anos numa esplanada ou a atravessar a rua. Diz-nos: Como vai isso? e convida-nos para jantar. Como ele é presidente de administração e nós, empregados de qualquer outra, só nos tornamos a ver num espectáculo público. Frase preferida: Felicidades, meu rapaz!

O AMIGO ÍNTIMO

Não pode fazer nada por nós, nem nós por ele. Quando muito ajuda-se na renda da casa, ou trocam-se impressões sem conseguir alguma coisa mais barata. Quando há separações, temos que aturar a mulher à segunda, quarta e sexta e o marido à terça, quinta e sábado porque ao domingo cada um vai ao seu.

O AMIGO DE PENICHE

Denominação popular para todos aqueles que de uma forma ou doutra, tramam todos os outros.

O AMIGO DA FAMÍLIA

Manda um cartão de Boas Festas e encontra-se vulgarmente nos funerais comuns.

OS AMIGOS DOS NOSSOS AMIGOS

São os que nossos amigos não são.

OS AMIGOS QUE NOS ADMIRAM

São aqueles que jamais desperdiçam uma oportunidade de conseguir um bocado muito concreto daquilo que temos e que foi conseguido com grande esforço. Costumam convencer-nos de que nos falta ainda qualquer coisa mais para a nossa realização pessoal, e que eles nos podem dar e que isso custa a seu favor ou, uma parte dos nossos conhecimentos, da nossa sociedade, ou da nossa carteira. Como frase típica, costuma utilizar: Não vejo o motivo porque razão um homem como tu anda a perder tanto tempo!

Estes amigos são sempre traudzíveis em termos de percentagem ou numa coluna de vantagens subjectivas no balanço que normalmente se efectua depois de cometermos a asneira.

OS AMIGOS DA CORDA

São os que nos bebem, nos comem e nos contam anedotas durante um certo tempo até irem para afalência ou emigrarem.

OS AMIGOS SÉRIOS

Normalmente riem-se pouco, falam de ética, discutem filosofia, não passeiam com outras mulheres sem ser a legítima, partilham connosco as suas preocupações e no final resolvem-nas à nossa custa.

AMIGO

Condição extremamente difícil de adquirir especialmente em sociedades de consumo em vias de desenvolvimento onde as palavras são sempre orientadas segundo o plano de Marketing a que todos são obrigados para manter as calças seguras, a bucha que alimenta e o conforto das tantas assoalhadas.

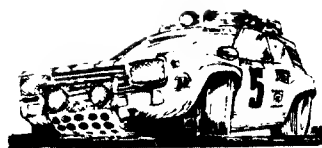
O VERDADEIRO AMIGO

Aquele que na realidade não convive muito connosco, desconhece as nossas misérias, só ouve falar na nossa mulher não dá pontapés nos cães e não se preocupa com a vida alheia. As frases predilectas devem ser: Bom dia ou Boa tarde e Até qualquer dia!

Quando muito: Festas Felizes!

RUI DE BRITO

À VENDA EM TODO O PAÍS
MAIS UM NÚMERO
DE
motor



o valor da terra

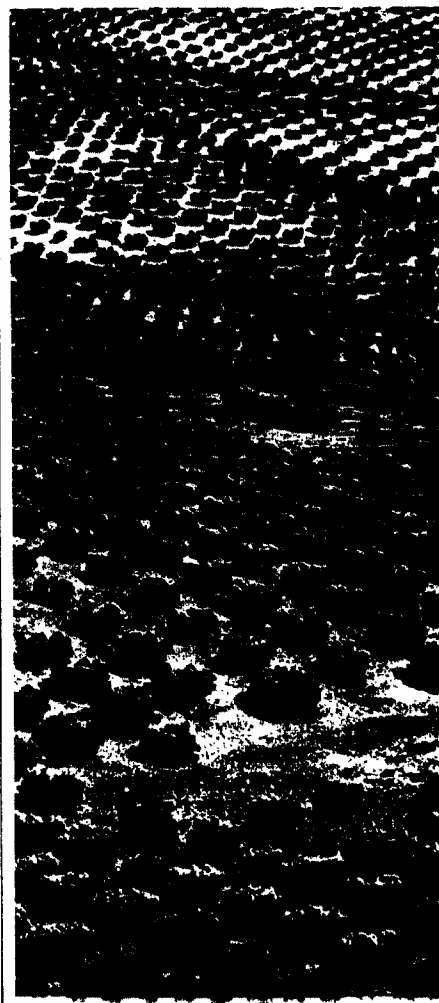
A terra riqueza que nunca se perde que se valoriza através dos tempos que bem aproveitada vê aumentado o seu valor de ano para ano.

A terra é uma certeza de futuro.



A Torralta projecta-se no futuro. Antecipa o futuro. Vive já o futuro. Realiza, pensa e programa o turismo que continuará actual no próximo século. A obra já realizada ou em vias de conclusão em Troia, no Alentejo, no Algarve, na Serra da Estrela, obedece a uma planificação que prevê as exigências e necessidades, de uma programação turística que se projecta no futuro.

Procuramos ter a antevisão dos problemas para lhe darmos uma solução a longo prazo.



O surto de desenvolvimento que o turismo conheceu nas últimas décadas no nosso País e o ritmo cada vez mais acelerado em que este desenvolvimento se processa exige uma programação extremamente cuidada e em termos de futuro de toda uma infraestrutura turística adequada. Com este objectivo a Torralta confirmando a confiança dos seus 18 000 accionistas iniciou na década de 70 um projecto de expansão de actividades de interesse para o País.

São milhares de hectares de terreno que se destinam à realização de obras para exploração directa ou indirectamente turística. Constituem uma riqueza inestimável que progressivamente vai aumentando.

O grande património da Torralta representa uma imensa riqueza que constitui uma certeza de continuidade, de futuro para os seus accionistas.



TORRALTA um lugar para si numa sociedade para todos

O HÓSPEDE

Um conto de ROALD DAHL

Billy Weaver chegou a Bath depois de ter passado a tarde no comboio e de ter tomado um autocarro em Reading. Eram quase nove da noite e a lua já tomara o seu lugar no céu, rodeada de estrelas, iluminando com os seus raios os telhados das casas da região. O vento soprava, frio como se estivesse armado de mil lâminazinhas cortantes:

— **Desculpe-me isto de lhe falar sem o conhecer, mas estou de visita à cidade e não sei onde ficar. Será capaz de me indicar um hotelzinho barato que não fique longe?**

— **Vá ao «Sino e o Dragão», que não é mau e que é acessível. Talvez encontre lugar. Fica a quinhentos metros de aqui.**

Dizendo isto, o chefe da estação apontou para o fundo da rua num gesto explicativo. Billy agradeceu-lhe e, pegando na mala, seguiu rua abaixo à procura do hotel. Nunca tinha vindo a Bath e não conhecia ninguém na cidade mas o senhor Greenslade, na directoria, tinha-lhe dito que ia gostar: **assim que estiveres instalado, vai apresentar-te ao director da sucursal, vais ver que te dás bem.**

Billy tinha dezassete anos, um sobretudo azul escuro novo e um fato castanho escuro também novo. Sentia-se seguro de si. Há coisa duns dias que se esforçava por fazer tudo com energia por entender que a energia era a principal característica dum homem de negócios digno desse nome. Foi por isso que se afastou da estação com um passo enérgico, recordando que os funcionários da empresa, na sede, faziam tudo com energia, com tanta energia que às vezes se tornavam cansativos.

Não havia uma única loja na rua, apenas duas fileiras de casas altas igualzinhas umas às outras, com pequenos pórticos sustentados por colunas e entradas situadas em pequenas elevações a que se chegava subindo escadarias ainda com vestígios de melhores dias. Apesar da escuridão, Billy via que a tinta dos prédios estava a cair e que as suas paredes, tal como as suas portas e as suas janelas, pareciam chorar a brancura perdida.

Subitamente, na janela dum rés do chão iluminado pela lua, Billy viu um letreiro apoiado contra a vidraça: «Quarto e pequeno almoço». Ao lado do letreiro, um vaso repleto de belos crisântemos, amarelos.

Aproximou-se e viu que o interior da casa estava escondido por boas cortinas de veludo pesado que valorisavam o amarelo dos crisântemos do vaso.

Elevando-se nos bicos dos pés, Billy espreitou para o interior da casa por uma nesga situada na junção das cortinas e viu uma



bela lareira acesa. Em frente da lareira, um basset alemão dormitando sossegadamente. Não lhe foi possível ver o quarto todo mas depreendeu, pelo que pôde ver, que estava bem mobilado, já que tinha um belo piano de cauda, um sofá e dois cadeirões confortáveis, para não se falar duma gaiola vazia, de papagaio, a um canto. Terminado o exame, Billy concluiu pra sim mesmo: **«A presença de animais numa casa destas é bom sinal»**. Acorreu-lhe imediatamente uma pergunta: **«Isto não será melhor do que «O Sino e o Dragão»?** É claro que um hotel tinha, necessariamente, de ser mais divertido do que uma pensão porque à noite sempre haveria cerveja e jogos. Cerveja, jogos e gente com quem falar. Além disso era capaz de ser mais barato. Billy tinha passado duas noites num hotel e guardava, delas, boas recordações. Pouco ou nada sabia, por outro lado, de pensões de família e a ideia de permanecer uns dias numa atmorizava-o. Associava-as a couve lombarda mal cozida e aguada e a donas de casa faladoras, ambas as coisas cheirando a arenques fuma-

dos. Depois duns instantes de hesitação, resolveu ir até ao hotel dar uma espreitadela e afastou-se da janela. Nesse momento, porém, aconteceu-lhe uma coisa estranha. Por mais que fizesse não conseguia tirar os olhos do letreiro que dizia «Quarto e pequeno almoço». Mais: o letreiro parecia repetir a frase — **Quarto e pequeno almoço, Quarto e pequeno almoço, Quarto e pequeno almoço**. Cada uma das palavras parecia transformar-se num olho humano que o fixava duma forma misteriosa, impedindo-o de sair dali, de abandonar o pequeno rectângulo ajardinado em que se encontrava.

Ainda tentou dar uns passos, mas não conseguiu afastar-se. Levantou a mão e tocou à porta. O ruído da campainha, tocando ao longe, no interior da casa chegou-lhe, abafado, aos ouvidos. A porta abriu-se imediatamente, antes mesmo que ele tivesse tempo de tirar o dedo da campainha e Billy enfrentou uma mulher dos seus quarenta ou quarenta e cinco anos. Normalmente, quando se toca a uma porta, tem de esperar-se uns minutos até que abram, mas aquela mulher aparecera-lhe como se tivesse uma mola debaixo das solas e não lhe deu tempo a falar.

— **Entre se faz favor.**

A mulher afastou-se para o deixar passar. Tinha uma voz simpática e quente que não lhe desagradou. Constrangido mas cheio de curiosidade, Billy entrou na casa murmurando:

— **Vi o letreiro que tem à janela...**

— **Eu sei.**

— **Ando à procura dum quarto...**

— **Tem um à sua espera.**

A mulher tinha uma cara redonda, cor de rosa e olhos dum azul muito meigo.

— **Ia a caminho do hotel mas o seu letreiro prendeu-me a tenção...**

— **Mas porque não entra, meu caro senhor?**

— **Quanto custa o quarto?**

— **Cinco e seis por noite, incluindo o pequeno almoço.**

Billy julgou não ter ouvido bem. A quantidade mencionada pela mulher era menos de metade da que ele estava preparado para pagar.

— **Se acha que é caro, posso fazer uma redução. Quer um ovo ao pequeno almoço? Os ovos estão caros nesta altura do ano. Se não quer ovo, posso levar-lhe só cinco shelins...**

Não está perfeitamente bem. Cinco shelins e seis é o que fica combinado. Gosto muito de ficar cá.

— **Já o sabia. Entre, se faz favor.**

Não havia dúvida. Ela era duma ternura imensa. Dir-se-ia tratar-se da mãe dum colega de escola que o tivesse convidado a passar as férias e que estivesse ansiosa de o saber feliz e bem disposto.

— **Entre e deixe-me ajudá-lo a tirar o casaco.**

Billy notou que não havia nada pendurado no cabide da entrada, nada — nem um sobretudo, nem um casaco, nada.

Continua na página seis

ANTOLOGIA DO HUMOR

O HÔSPEDE

Continuação da página cinco

A mulher pareceu compreender o seu espanto e explicou, sorrindo:

Temos a casa inteira só para nós.

Já a caminho dos andares de cima, continuou:

Como vê, nem sempre tenho o prazer de introduzir um viajante no meu ninho.

Billy pensou que ela exagerava mas achou que, atendendo ao preço pedido, o exagero se justificava plenamente.

Pois eu diria que você tinha milhões de pedidos de pessoas interessadas em ficar aqui...

E tenho, meu bom senhor, e tenho! Milhões de pedidos! Só que sou uma pessoa difícil, não sei se me entende...

Difícil?

Mas estou sempre pronta para receber, sempre, noite e dia. Toda a casa está pronta para o caso de bater à porta um jovem que me agrada e que eu entenda digno de ficar cá. Não imagina a alegria que eu sinto quando abro a porta e dou com alguém que me satisfaça.

Os olhos azuis da mulher percorreram o corpo de Billy da cabeça aos pés e dos pés à cabeça. No patamar do segundo andar, veio outro esclarecimento:

— Este andar é o meu.

Detiveram-se no patamar do terceiro andar.

Este é o seu. Cá está o seu quarto. Espero que lhe agrade.

Fê-lo entrar num quarto pequeno com uma janela deitada para a rua e, ao abrir a porta acendeu a luz.

— Tem sol toda a manhã, senhor Perkins. Chama-se Perkins, não é?

Não minha senhora. Chamo-me Weaver.

— Desculpe, senhor Weaver. O seu nome é muito bonito. Meti-lhe uma botija na cama. É tão agradável, uma pessoa meter-se na cama e dar com uma botija quente, não é? Se tiver frio, acenda o gaz, seja a que horas for.

Muito obrigado, muito obrigado. A senhora é muito amável.

Dizendo isto, Billy notou que o edredon estava dobrado ao meio e que a cama estava aberta, pronta para receber uma pessoa.

Sinto-me muito satisfeita por saber que está tudo ao seu gosto.

Billy notou que ela não tirava os olhos dele e começou a ficar assustado.

Esqueci-me de lhe perguntar uma coi-

sa: quer jantar? Quer, ao menos, comer qualquer coisa?

Não tenho muita fome. Prefiro deitar-me o mais cedo possível porque amanhã tenho de me levantar cedo para me apresentar no escritório.

— Como queira. Agora deixo-o sózinho, mas antes de se deitar, gostaria que fosse lá abaixo assinar o livro de registo dos hóspedes.



des. É uma coisa que toda a gente devia fazer para cumprir a lei e não há nada como cumprir a lei.

Fazendo um pequeno sinal amigável com a mão, a mulher deixou-o só. Billy pensando com os seus botões que ela devia estar um pouco desarranjada da cabeça, desfez a mala. Estava inteiramente sossegado por estar certo de que a mulher, apesar de ligeiramente desparafusada, era boa e generosa.

Cumprindo o pedido feito, desceu a escada e entrou na sala onde apenas se encontrava o cão, dormitando em frente da lareira.

Esfregando as mãos à lareira, Billy pensou que tivera uma sorte imensa em ter encontrado aquela casa bem aquecida e confortável. O livro dos hóspedes estava aberto sobre o piano e ele, assinou-o no local apropriado, escrevendo a morada debaixo do nome. O livro apenas continha duas assinaturas além da sua e, um pouco distraído, Billy leu os nomes dos hóspedes que o tinham antecedido. O primeiro fora um tal Christopher Mulholland, de Cardiff e o segundo um cidadão de Bristol que assinara Gregory W. Temple.

Ao ler aqueles nomes, Billy estacou. O nome de Mulholland dizia-lhe qualquer coisa. Tratar-se-ia do nome dum colega de escola? Dum amigo de seu pai? Já ouvira aquele nome, disse estava certo, certíssimo. Voltou a examinar o livro, agora com atenção.

Christopher Mulholland ... Rua da Catedral, 21, Cardiff.

Gregory W. Temple ... Avenida das Acaicas, 27, Bristol.

Subitamente, o segundo nome também lhe pareceu familiar, tão familiar como o primeiro.

Coçando a cabeça, murmurou alto:

— Gregory Temple? Christopher Morland?

A voz da mulher comentou, vinda da porta:

— Dois rapazes encantadores. Voltando-se rapidamente para trás, Billy viu-a entrar na sala trazendo um serviço de chá de prata num tabuleiro. Trazia-o muito afastado do corpo como se estivesse a conduzir um cavalo de rédeas esticadas.

Billy comentou:

— Estes dois nomes dizem-me qualquer coisa.

... A sério? Que engraçado.

— Tenho a certeza de já os ter ouvido em qualquer sítio... Seria no jornal? Será que

...eles são célebres, como os jogadores de futebol ou de cricket?

A mulher respondeu-lhe, pousando o tabuleiro do chá:

— Célebres? Não o creio... O que eles eram ambos eram muito bonitos. Eram altos, jovens e belos, exactamente como o senhor, meu caro amigo.

Billy voltou ao livro e disse, apontando para a página em que se encontrava o registo dos nomes.

— O último registo tem dois anos...

— Tem?

— Tem. O do Gregory Temple é ainda mais antigo — tem três anos.

A mulher suspirou.

— Meu Deus, como o tempo passa a correr! Passa ou não passa, senhor Wilkins?

Billy rectificou, dizendo o seu nome e decompondo-o letra por letra:

— Weaver, Weaver! W.E.A.V.E.R.

— Desculpe o meu engano, mas que quer, sou assim! As coisas entram-me por um ouvido e saem-me pelo outro! Nem sei onde tenho a cabeça!

— Sabe porque é que estes nomes me intrigam?

— Como é que hei-de saber?

— Temple e Mulholland, Temple e Mulholland. Qualquer deles me diz qualquer coisa quando penso neles separadamente mas, não sei porquê, associo-os a qualquer coisa, lá o que não sei, mas era capaz de jurar que há qualquer coisa de comum entre ambos... Quando penso neles aparecem-me associados, como... como, por exemplo, os de Churchill e de Roosevelt!

— Não nego que isso tenha a sua graça, mas agora esqueça-se e venha sentar-se ao pé de mim. Não vai dizer que não a uma chávena de chá e uns biscoitos de gengibre antes de se deitar, pois não?

Em pé, atrás do piano, Billy desculpou-se:

— Estou a incomodá-la demais.

A mulher servia o chá com as suas mãos frágeis e nervosas.

— Tenho quase a certeza de ter lido estes nomes nos jornais...

Não há nada de mais enervante do que uma ideia que se instala na cabeça duma pessoa e que fica lá às cambalhotas sem autorização. Billy não queria dar-se por vencido. Aqueles dois nomes diziam-lhe qualquer coisa e enquanto não se lembrasse deles não descansaria.

— Espere... espere... Christopher Mulholland, Christopher Mulholland... Não era um estudante de Eton que andava a percorrer a pé o País de Gales que, de repente...

— Leite? Açúcar?

— Ambos, obrigado. E de repente...

— Um estudante de Eton? É muito improvável, meu caro amigo, muito improvável. O meu senhor Mulholland não era, com certeza, um estudante de Eton quando aqui esteve. Andava a formar-se em Cambridge. Mas deixe-se dessas meditações e venha sentar-se aqui



ao pé da lareira. Vá, o seu chá está pronto!

Dizendo isto, batia no sofá com a mão, para indicar a Billy o lugar em que ele se devia sentar. Billy começou a beber o chá em goladas pequenas, acompanhando-a. Durante uns instantes ninguém falou, mas Billy nunca deixou de sentir o olhar dela. De quando em quando, parecia-lhe que o corpo dela emanava um perfume estranho — seria a nozes, a coiro recentemente curtido ou a... corredor de hospital?

Subitamente, ela rompeu o silêncio:

— O senhor Mulholland era um grande apreciador de chá. Nunca vi beber tanto chá como bebia aquele adorável senhor Mulholland.

— Calculo que ele tenha partido recentemente, não?

Em cada minuto que passava, Billy adquiria uma certeza mais radicada de que lera aqueles dois nomes na primeira página dum jornal.

— Partiu? Que ideia! Nem ele partiu nem o senhor Temple partiu! Estão ambos cá, no quarto andar!

Billy pousou a taça e olhou atentamente para a mulher. Esta sorriu novamente e, estendendo o braço, fez-lhe uma festa reconfortante no joelho.

— Que idade, tem você, meu filho?

— Dezassete anos.

A notícia alegrou-a.

— Dezassete anos! Mas está na idade ideal! O senhor Mulholland também tinha dezassete anos! Julgo é que era ligeiramente mais baixo e além disso não tinha os dentes tão,

tão, brancos como os seus. Você tem os dentes mais belos do mundo, senhor Weaver. Nunca lho tinham dito?

— Não são tão bons como parecem. Lá por trás, alguns estão chumbados.

O senhor Temple é que era um pouco mais velho. Tinha vinte e oito anos, mas eu nunca lho daria se ele me não tivesse dito. De corpo, estava uma perfeição.

— Estava uma quê?

— Tinha um corpo lindo, lindo, uma pele branca, macia...

O silêncio voltou à sala. Billy levou outra vez a taça à boca aguardando novas revelações, mas ela parecia ter-se afastado mentalmente e estar noutro sítio. Billy olhava para a frente mordiscando os lábios. Subitamente, Billy voltou à fala:

— Aquele papagaio! Enganei-me quando o vi pela primeira vez da janela. Parecia vivo.

— Mas já não está...

— Olhe que é um trabalho perfeito. Pode saber-se quem é que o embalsamou?

— Fui eu.

— Você?

— Eu, pois! E que me diz do meu Basílio? Já o viu?

Com um gesto de cabeça, apontou para o basset alemão que dormitava em frente da lareira.

Billy observou o cão e só então se apercebeu de que ele estava tão imóvel como o papagaio. Depois, num gesto lento, estendeu o braço e tocou-lhe ao de leve nas costas. O animal estava frio e Billy, afastando o pelo, verificou que a sua pele se tornara cinzenta e dura embora estivesse perfeitamente bem conservada.

— Isto é fascinante!

Abandonando o cão, olhou para a mulherzinha que estava à sua frente sentada no sofá.

— Deve ser difícil fazer um trabalho destes com esta perfeição!

— Não é nada difícil. Encarrego-me de embalsamar pessoalmente todos os meus queridos mal eles entregam a alma ao criador. Quer outra chávena de chá?

Billy recusou a oferta por o chá ter um sabor desagradável a amendoas amargas.

— Assinou o livro como deve ser?

— Pode estar descansada.

— Ótimo. Se algum dia esquecer o seu nome, basta-me descer a escada para o lembrar. Quase todos os dias faço isso em relação aos senhores Mulholland e Temple.

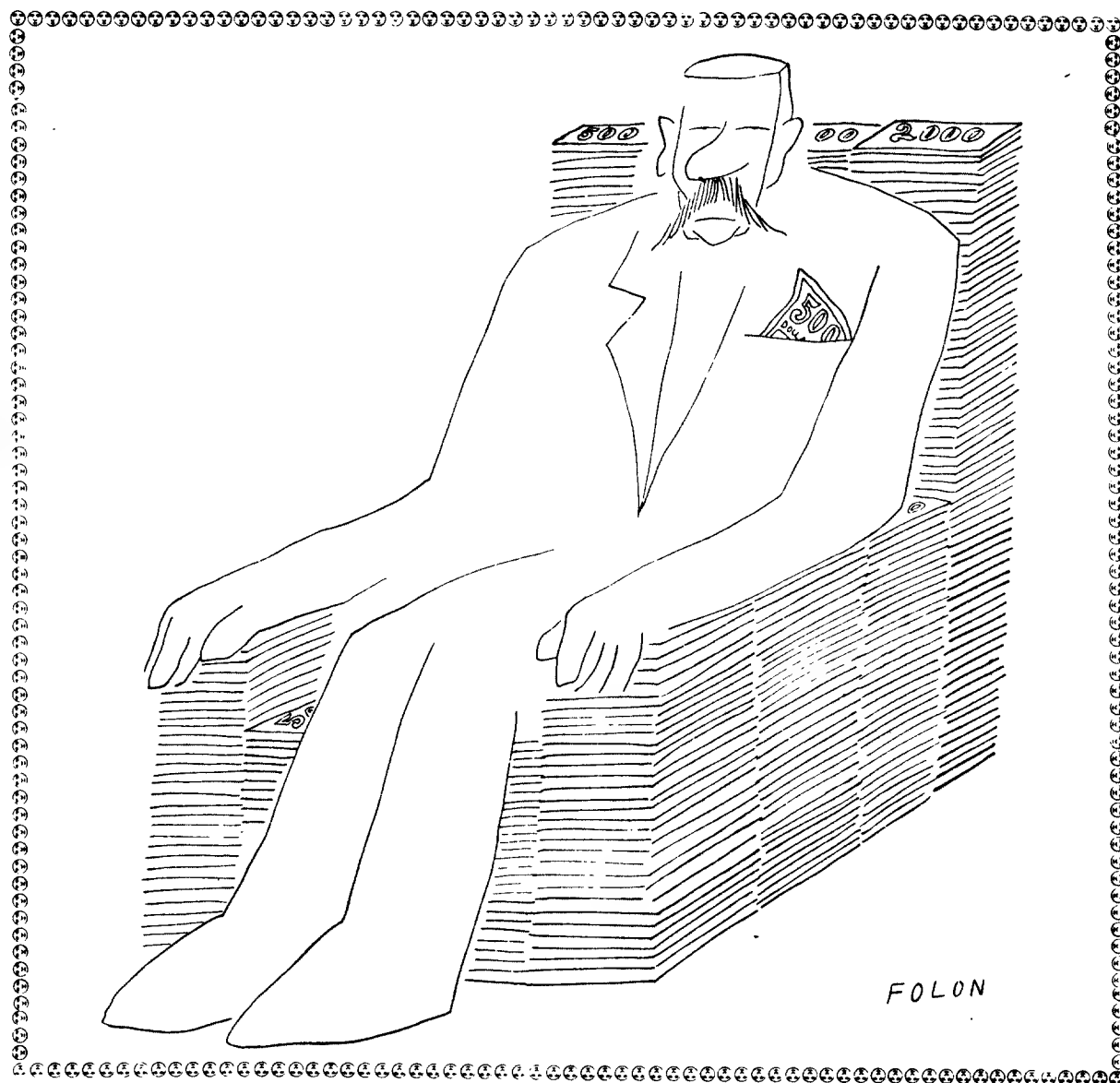
Não desejando interromper a conversa, Billy fez outra pergunta:

— Desculpe a minha curiosidade, mas já alguma vez teve outros pensionistas ou só teve esses dois?

Olhando-o bem de frente, ela inclinou-se um pouco e respondeu com um sorriso encantador:

— Você é o primeiro depois deles, meu querido amigo.

O CASO DA JOVEM SECRETÁRIA PARA VILAMOURA



Como os leitores devem estar recordados, no último número demos notícia da visita de um senhor que nos disse ser o autor de um anúncio vindo no nosso colega «Diário de Notícias», de 13 de Fevereiro passado, em que se pedia uma secretária, jovem, alegre sabendo inglês (facultativo) para acompanhar director de empresa numa vivenda em Vilamoura. Pedia-se fotografia e informava-se das datas de estadia no Algarve (as férias do Carnaval) e que as passagens eram de avião.

Esse senhor visivelmente emocionado mostrou-nos as respostas que denotavam, segundo ele, o baixo nível profissional e a falta de evolução dos costumes da nossa sociedade. Mal pensamos que o caso se viesse a avolumar, em processo de inflação e, tal como o nosso governo, com respeito a esta, ficamos atentos. Aqui vão algumas cartas em primeiro lugar a mais extensa e profunda:

Exm.^o Sr. Director de «A Mosca»: Numa interessante «charla» acerca de um anúncio para uma secretária, deparei no entanto com uma referência, em meu entender deprimosa, para os meus amigos Dr. Geraldo Lane, director do Grémio Literário e dr. Jorge Gonçalves Pereira Presidente do Conselho de Administração do Crédito Predial Português. É inteiramente justo fazer humor e crítica social e de costumes, mas já-me parece desleal inventar personagens (como aquela imbecil candidata ao título de Miss Portugal) para atingir pessoas do maior respeito e consideração, dando a entender que a contribuição cultural do Grémio e do Crédito Predial disseram respeito apenas a promoções deste tipo.

Com efeito, é do conhecimento público a acção cultural a todos os títulos notável, exercida de há uns tempos para cá pelo Grémio

Literário.

Todos lembramos por exemplo, a série de conferências lá proferidas acerca do Século XIX em que se mostrou à saciedade (e, passe o trocadilho, à sociedade aí fortemente representada) a influência das erradas estruturas desse século na actual falta da nossa industrialização e evolução social. Parafraseando Leon Daudet, que o designava pelo «estúpido século XIX», diríamos que os drs. Joel Serrão, José Tengarrinha e José Augusto França, os autores destas conferências, merecem ser — no que respeita ao caso português — lidos continuadores do pensador francês e como consequência do pensamento e da cultura ocidental.

Todos lembramos também, a categoria da conferência de um Giscard d'Estaing e as promoções culinárias italianas e francesas em hora feliz levadas a termo.

Poderá algum português digno desse nome, esquecer o requinte das flores, vindas especialmente de França, a profusão de luzes e de brilho social?

Como esquecer a elegância do teatro francês que o Grémio recentemente trouxe até nós, recapitulando a cultura gaulesa, desde Roussin (esse satírico dos «boulevards») até Molière?

Como esquecer o brilho dos «black-tyes» e dos vestidos multicores das senhoras (justamente tornados obrigatórios desde a prova das delícias culinárias francesas e italianas até à audição do verbo de Giscard d'Estaing) dos castiçais, fantasias e outros «décors» do Grémio?

E, do grémio em si próprio, quem ousará criticar o requinte e o luxo, por exemplo, dos lavabos dos homens e as suas obras de arte que mostram o contributo da instituição

para que Lisboa rivalize com as grandes capitais, Madrides, Paris ou Londres e que o nosso nível de vida e cultural está em imparável ascensão?

Pois o arquitecto de todas estas promoções é o dr. Geraldo Lane. Basta ter a honra de ser sócio para verificar o requinte com que ele goza, com razão, também aquilo tudo.

Parafraseando Eça de Queiroz, pelo boca do imortal João da Ega diríamos que o facto de Carlos da Maia se vestir bem e governar com elegância o seu «phaeton», constituem só por si valioso contributo para a civilização dispensando-o de outras promoções e canseiras.

Ora, nesta linha, das diversas promoções do Grémio, estão os concursos de «Misses» que só por si — independentemente das vantagens para o turismo que os seus promotores constantemente salientam — contribuem para a elegância e por conseguinte para a civilização. O baixo nível cultural daquela candidata ao emprego (e também ao concurso) não anula o interesse sob todos os aspectos da promoção que o Banco Nacional Ultramarino fez (que a parva confundiu com um banqueiro através das suas iniciais anulando parte do objectivo da promoção que era divulgar o bom nome do Banco) e à qual o Grémio deu a sua colaboração.

Também o facto de o Crédito Predial Português ter colaborado em idêntica promoção (aliás da iniciativa do «Diário de Lisboa») no gracioso concurso das «teen-agers» só mostra como ambas as administrações estão preocupadas (apesar dos graves problemas específicos no primeiro caso, de difícil emissão de moeda e os problemas da sua não equivalência com o escudo e no segundo caso, os altíssimos juros que ousam dar aos pequenos depósitos e os problemas complicadíssimos dos empréstimos a médio prazo), com os problemas de relações públicas.

No caso do também meu amigo dr. Jorge Gonçalves Pereira, podemos dizer que lhe bastaria ser, parafraseando novamente Eça de Queiroz, e tal como seu irmão prof.^o André não um d'Orsay, a quem Carlos da Maria equivalia «a coisa melhor que se via em Lisboa» (na Lisboa «queiroziana») mas o equivalente na Lisboa «Passadarquiana», a um Jean Luis de Vilalonga, a um Rostchild ou a um Porfírio Rubirosa. Apesar disso resolveu enveredar pelo campo árduo das relações públicas, promovendo uma recepção em sua própria casa («noblesse oblige») das graciosas pequenas para prestígio da instituição bancária a cujos destinos preside agora na Assembleia Geral.

Para se ter ideia do baixo nível de cultura e incompreensão do nosso público, basta ter verificado os dichotes e apupos com que parte (façamos justiça) do nosso público comentou o filme a esse propósito feito e exibido em cinemas da capital. Um conhecido meu que se diz profissional de Relações Públicas (um teórico certamente) teve o descaramento de me dizer que essa promoção era, se lhe pedissem, exemplo melhor que escolheria de promoção destinada a desprestigiar uma instituição bancária. Como ele confunde lamentavelmente o valor da promoção em si própria com o

baixo nível cultural da nossa gente, que não está preparada nem educada para esses requintes!

São, em resumo, sr. Director, as considerações um pouco logas, mas que creio justas, que me merece a vossa «plaisanterie» que seria inocente se não envolvesse embora sem intenção, nomes aos quais a cultura portuguesa tanto deve.

Com os melhores cumprimentos, António da Conceição Pereira e Abreu.

Nota da redacção — Pensamos que uma candidata ao título «Miss Portugal» pode perfeitamente dizer que conheceu determinadas pessoas sem ofensa para elas, uma vez que promoveram ou participaram em reuniões em que essas candidatas foram as convidadas principais. Cabe apenas aos visados desmentir ou confirmar o grau de conhecimento. Lembremos a propósito que «quem anda à chuva molha-se».

Recebemos também a propósito, cinco cartas dos Empreendimentos Turísticos de Vilamoura: — Uma agradecendo a publicidade que lhe fazíamos.

— Outra criticando-nos por contribuírmos para o desprestígio da sua instituição turística «afastando dela as famílias respeitáveis».

— Outra declarando que o alugar das vivendas bem como os quartos de hotel era rigorosamente seleccionados no sentido lato não podendo ser, no entanto, no sentido restrito (carta que não percebemos).

— Outra queixando-se da perturbação que o nosso comentário provocou naquela vila turística. Como dizia, fora de época estival, há pouco que fazer no Algarve, de tarde, e por isso grande multidão de pessoas andou à procura da vivenda do tipo do anúncio.

— outra finalmente ameaçava processar-nos por perdas e danos.

Verificamos, por inquirição directa que nenhuma das cartas, apesar de ser escrita em papel timbrado da empresa, foi de lá enviada. Trata-se de brincadeira de Carnaval de mau gosto.

Recemos também os seguintes telegramas: «Forças Vivas Quarteira, Nacionalista, Filarmónica e Associações de Loulé cumprimentam e felicitam vossa caxeirada justa maus costumes».

E outra de outra origem com o mesmo fim: «Cooperativa pró-progresso operário felicita vossa campanha muralização costumes nossa terra corrompida turismo».

RESPIGAMOS DE UM COLEGA REGIONAL

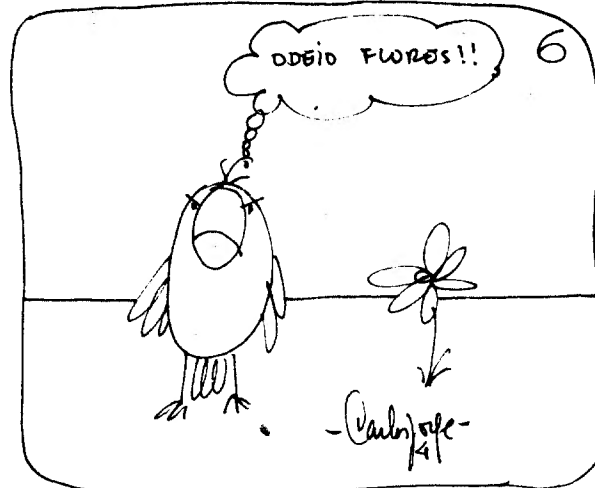
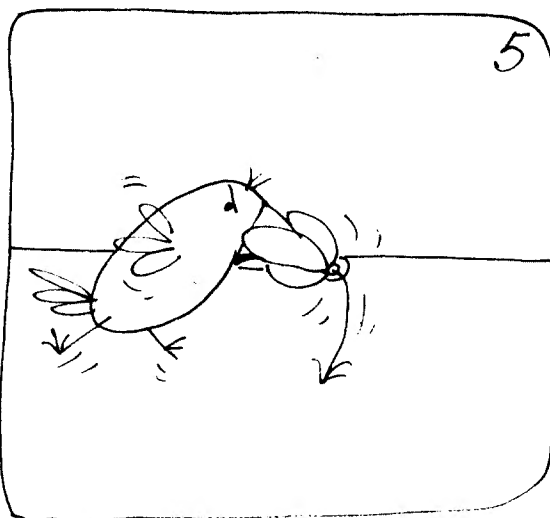
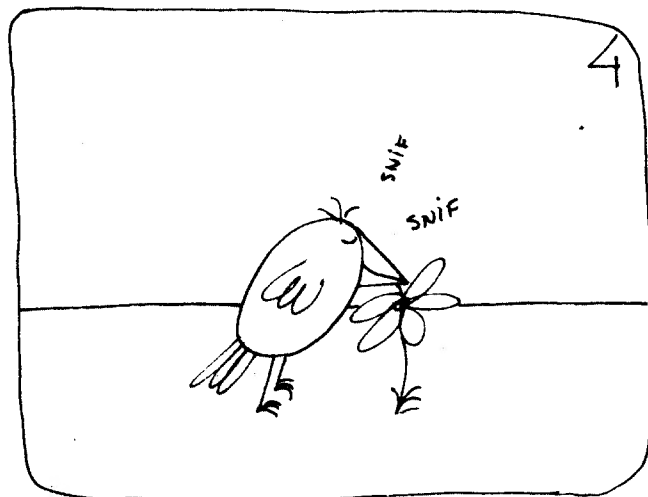
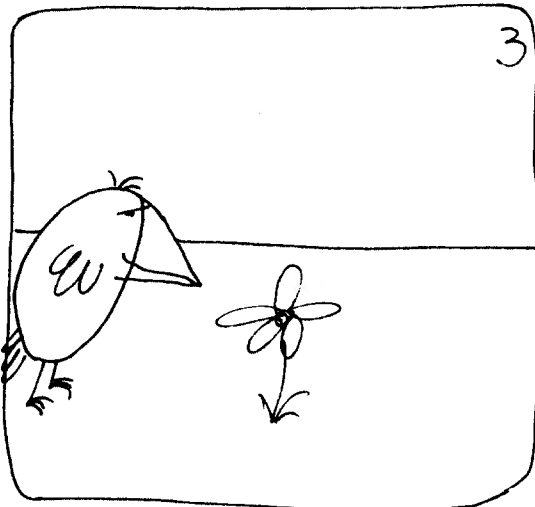
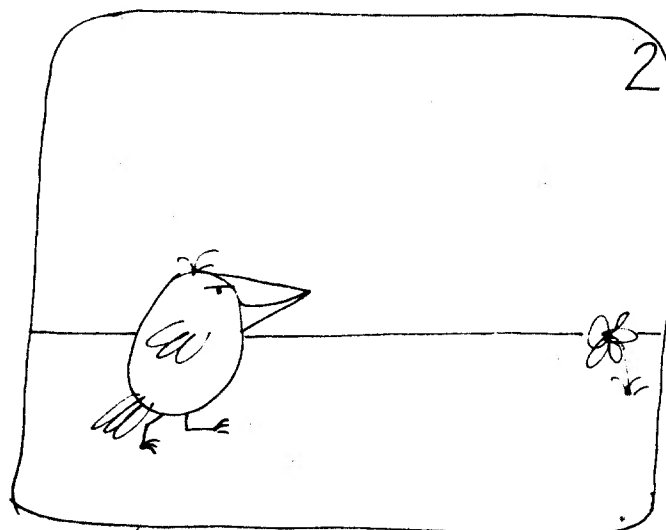
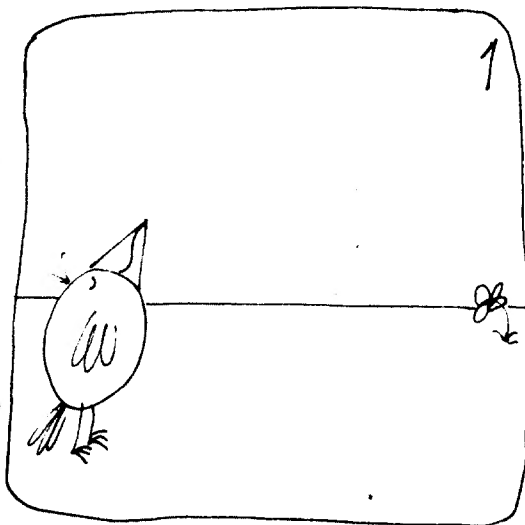
QUARTEIRA — 25. Está a verificar-se um movimento maior que o habitual sobretudo em volta das moradias de Vilamoura à procura daquela onde se instalou um sujeito com uma jovem e atraente secretária pedida por anúncio-C.

Nota da Redacção — Embora o senhor que nos procurou inicialmente não tivesse voltado a contactar-nos, soubemos de fonte segura que devido às circunstâncias anormais não ocupou a referida vivenda de Vilamoura tendo procurado outro local não sabemos se só — nada temos a ver com o assunto — se acompanhado.

Também recebemos cerca de cinco sujeitos que nos afirmaram ser autores do anúncio referido. Se recebemos o primeiro com cepticismo os outros foram imediatamente corridos. Não gostamos de brincadeiras com coisas sérias.

CARTONS DA MOSCA

Por CARLOS JORGE



SALDOS

JAO

PRAÇA DA FIGUEIRA, 11-1.º ANDAR

LOUÇAS, VIDROS, «MÉNAGE»
BRINQUEDOS, ARTIGOS PARA
BRINDES, ETC.

PARA RENOVAÇÃO DAS EXISTÊNCIAS ANTES DA
ABERTURA PRÓXIMA DA SUA LOJA RÉ-DO-CHÃO

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Sede: Calçada do Duque, 20 LISBOA

ADMINISTRAÇÃO

Relação de 20 obrigações da Antiga Companhia do Caminho de Ferro de Guimarães, 4 1/2 %, 1905, 2.ª Emissão, retiradas da circulação para efeito da amortização do ano de 1973, com os seguintes números:

11 425	11 502	11 503	11 547
11 548	11 556	11 580	11 582
11 583	11 593	11 721	11 722
11 723	11 724	11 725	11 858
11 859	11 860	11 872	11 958

Todas estas obrigações estão devidamente anuladas e deixaram de representar encargo da Companhia.

A MELGA NO PRATO



ODIVÉLIO SEABRA DA CRUZ

Quando recebi o convite que me leva a aparecer, hoje, nesta coluna de «A MOSCA», resolvi iniciar a minha colaboração gastronómica neste suplemento, por uma homenagem ao meu antecessor — o Manuel Pedroso — que dela se incumbiu, julgo que há três anos.

A não ser que eu me engane e a enganar-me, a culpa será dos redactores de «A MOSCA» que me informaram mal, a crítica gastronómica portuguesa teve o seu início na velha revista «ALMANAQUE», em 1959. Foi seu iniciador o mesmo Manuel Pedroso que viria a aparecer, anos depois, neste suplemento, o mesmo Manuel Pedroso que a partir de agora passo a substituir e a quem desejo prestar as minhas homenagens pelo esforço que desenvolveu em prol da cozinha portuguesa nos duzentos artigos que escreveu criticando o que se come e bebe nos restaurantes do país.

Esta homenagem tem, porém, de ser bem entendida. Ao prestá-la cumpro um dever para com uma pessoa que se bateu por um determinado tipo de cozinha e que não se deixou seduzir por nada que alterasse a sua linha de conduta mas não me confesso admirador dessa linha ou concordante com os pontos de vista do homenageado. Antes pelo contrário: entendo que o Manuel Pedroso foi excessivamente puritano nas

HOMENAGEM CRÍTICA AO MEU ANTECESSOR NESTA COLUNA DE “A MOSCA”

suas críticas e que não levou em linha de conta a evolução sociológica operada no país no decorrer dos últimos anos. Quem se der ao cuidado de ler com atenção os artigos críticos do Manuel Pedroso, não poderá deixar de encontrar neles um snobismo inteiramente injustificável neste momento e, sobretudo, um sentido de humor que até certo ponto se pode classificar de inaceitável. Manuel Pedroso ria-se da burguesia de Alvalade por ela não distinguir uma boa chispalhada duma porcaria qualquer servida num snack; mas as suas palavras revelavam estar ele a rir-se mais da própria burguesia do Alvalade do que da sua ignorância em matéria de chispalhadas, Manuel Pedroso ria-se de quem tomava um puré de batata aguado por uma «vichyssoise», mas o seu riso era dirigido mais à pessoa que se sentia satisfeita com o puré de batata do que ao cozinheiro que a servia, Manuel Pedroso ria-se da decoração dos snacks, mas o seu riso não tomava em linha de conta as características sócio económicas da camada populacional que os snacks se destinam a servir, Manuel Pedroso ria-se dos novos ricos que frequentam os bares e os restaurantes de Lisboa, como se ria dos pseudo cosmopolitas que frequentam os restaurantes chineses da capital, mas esquecia que essa gente foi educada pela televisão e que o seu gosto se formou nos foyers dos cinemas que tanto invectivava e de que tanto se ria.

Tenho à minha frente artigos do Manuel Pedroso criticando restaurantes em que o arroz é servido frio, em que o vinho tinto é servido gelado, em que, apesar do preço elevado, não há senão «queijo de bola» e, para ficarmos por aqui, em que a decoração é, no entender do crítico, «pretenciosa e pires».

Tivesse Manuel Pedroso estado mais atento ao que se passava à sua volta e teria compreendido que o país voltou mais uma página da sua história e que muitos dos seus pontos de vista já se não adaptam à realidade portuguesa.

Um exemplo: um restaurante Lisboa critica pelo meu antecessor por servir arroz frio e por ter uma lista monótona e destituída de imaginação, anda a publicar, agora, na Imprensa, anúncios em que se diz oposto à cozinha «à franciú» e em que se gaba de ter um «snobismo» novo. Perante este anúncio, como reagiria o meu antecessor? Estou certo de que afirmando

que o arroz «glacé» em que a casa se especializou não é de origem portuguesa, como estou certo de que continuaria dizendo que aquilo que nessa casa se serve nem é português nem é nada porque se alguém defendeu a cozinha portuguesa esse alguém foi precisamente o meu antecessor.

Acontece, porém, que ao defender aquilo que tomava por «cozinha portuguesa», ele cometia um erro grave: o de confundir o recitório tradicional com o moderno. É que o arroz que agora faz parte da cozinha portuguesa é mesmo frio, é que os bifes que o meu antecessor tomava por duros e mal feitos são os que, agora, fazem mesmo parte da cozinha portuguesa, é que o bacalhau com batatas e um ovo cozido é, mesmo, aquilo a que na moderna cozinha portuguesa se dá o nome de «bacalhau com todos», é que aquilo a que ele dava o nome de «cozinha destituída de imaginação» é, mesmo, a cozinha portuguesa da actualidade, é que os snacks que tanto o horrorizavam são, mesmo, os restaurantes mais adequados aos Lisboaetas que frequentam os restaurantes da capital.

Fiel aos seus princípios, Manuel Pedroso ria-se sem compreender que o país se transformara e que os Lisboaetas não tinham nem podiam ter padrões para saber se estavam a comer puré de batata da Maggi ou a tal Vichyssoise do exemplo acima dado.

Empedernido e duro de entendimento, Manuel Pedroso não compreendeu que o novo snobismo a que se refere o anúncio do tal restaurante de que vimos falando é o snobismo das novas camadas populacionais que agora frequentam os restaurantes, e novo snobismo que as leva a escolher comida mal feita (no entender do meu antecessor) e arroz frio. É nesse sentido que a minha crítica vai ser diferente daquela a que o Manuel Pedroso habituou os leitores de «A MOSCA». Natural da Avenida da Igreja e formado, gastronomicamente, no Vává e nos snacks da minha área, estive sempre atento a todos os indícios de evolução social e considero-me gastronomicamente apto a representar, nas colunas deste suplemento, a «nova escola» culinária do país.

Isto não obsta, repito, a que aproveite este meu primeiro artigo gastronómico para abraçar com amizade o Manuel Pedroso que me antecedeu e com quem aprendi muito.



À refeição LUSO

água puríssima

A SOLIDÃO DA TRISTE FIGURA

Na lufa-lufa para a vitória no «Grande Prémio R.T.P. da Canção», as editoras discográficas es-faltaram-se na promoção dos seus artistas. E se houve quem procurasse impingir-nos gato por lebre, sem poder, evidentemente, esconder o rabo do bichano também houve quem lançasse os produtos no mercado, sem as condições de embalagem necessárias para tapar a má qualidade da mercadoria.

Num «cocktail» especialmente organizado para o efeito, uma nacional-editora apresentou (?) a actriz Helena Isabel, agora metida a cançonetista no sorteio festivo. Uns comes, uns bebes, a malta do costume e que mais? Uma moça incapaz de dar duas para a caixa, sempre submetida à fiscalização do movimento de promoção limitada.

Poderemos pensar, num momento de ingenuidade (credo!...), que talvez essa submissão seja o preço pago por Isabel, à publicidade que lhe estão (?) a fazer. Mas que publicidade? Onde está, por exemplo, o disco do seu lançamento como cançonetista? Ou teria sido para a poupar (estes sentimentalões...) a mais tristes figuras, que nem sequer se tentou editar esse disco?

Por outro lado, «Canção Solidão» passa por ser uma das cantigas mais fracas do festival, partindo do princípio que existe uma ou duas que se distinguem, para melhor (ou menos pior) das restantes. Gostará Helena Isabel da canção que lhe oferecem numa bandeja?

Estará satisfeita com as perspectivas da sua participação na festa pós-carnavalesca?

Não, Helena deve (deveria) estar consciente da sorte que a espera, na sua nunca olvidada condição de ex-«miss». Helena deve (deveria) saber que se a canção fosse boa não escolheriam Helena. Helena só pode ter uma ideia, se isso for coisa que possa ter: a valorização do seu nome no

cartaz dos teatros de revista. Mas Helena deve (deveria) não esquecer que o que ela sabe foi aprendido (?) nos livros que outros escreveram para outros decorarem. Helena Isabel chama-se estão a apresentar como um ser não pensante. Que inspira, que expira. Que inspira que expira... Aliás, outra conclusão se não pode tirar dos piro-sos papelinhos propagandísticos que por aí

circularam (mal) e em que ficámos a saber que: Helena Isabel; nasceu em 6 de Fevereiro e é (quem diria?) do signo do Aquário; é honesta (quem não diria?); é egoísta; gosta de ser ela; prefere livros de banda desenhada; aprecia água e «whisky» sem ela (água); não gosta de pedras preciosas (brincalhona...) e — passem! — tem como pior recordação da sua vida a altura em que ar-

rancou os dentes.

Isto constitui uma pequena amostra de quanto pode a piroseira e a falta de senso. Mais do que canção fúnebre (Helena adora os ciprestes), a presença da prometadora actriz no palco do «Maria Matos», na próxima quinta-feira, não pode deixar de ser a desoladora demonstração de ridículo, que nem a concorrência de Farri, Xico, Verónica e Garcia, apa-

gará da recordação das pessoas.

O jogo de «Canção Solidão», dá, de imediato, uma certeza a Helena Isabel: ela estará só, face atirada contra milhões de espectadores, prontos a devorá-la em três minutos. Muito tempo para uma solidão. Tempo insuficiente para que alguém nos cante a canção do bandido.

JONE DOS PAIS

NECESSITA DE UMAS PEQUENAS FÉRIAS DE INVERNO?

Venha a Londres - é fácil e barato!

Aproveite as oportunidades que as Agências de Viagens e as Companhias Aéreas lhe proporcionam. E poderá estar em Londres no próximo fim-de-semana!

Londres - tanta coisa para ver durante o dia!

A tradição histórica torna-se História viva. O Rerender da Guarda em Buckingham Palace, os Beefeaters na Torre de Londres - tudo nos evoca um passado grandioso!

Ah, os museus e as galerias de arte de Londres! A National Gallery, a Tate, o British Museum, o Victoria and Albert, o Museu da Ciência - a história da arte e a grande aventura do Homem no mundo que o cerca!

A «season» inclui uma exposição de Arte Chinesa, na Royal Academy, e outra de desenhos de Miguel Angelo, Rafael e Leonardo da Vinci, na Queen's Gallery.

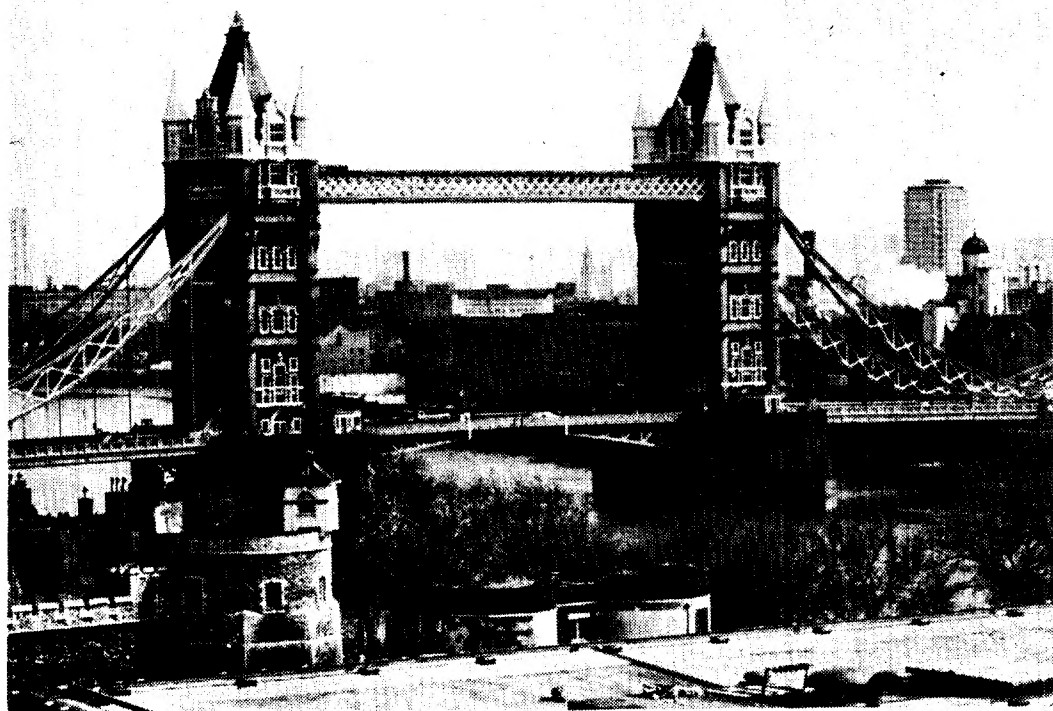


• Londres - o paraíso de quem gosta de comprar bem.

As compras! «Shopping in London» é algo excitante. Verifique como o seu dinheiro vale mais em Londres e como até pode «perder a cabeça»...

Um fato de lã em Regent Street por 25 libras; camisolas de caxemira por 6 libras; uma camisa, 100% algodão, no mais moderno corte, por 2,5 libras... e assim por diante.

Na Europa, Londres é a «capital das compras». É a cidade onde o seu dinheiro vai longe!



• Com um pouco de sorte poderá ver a «Tower Bridge» abrir-se e deixar passar um navio. A maquinaria que acciona a ponte nunca falhou em 80 anos de serviço.

Corridas de cavalos em Ascot. Todos os sábados em Londres há cinco desafios de futebol da Primeira Divisão.

Londres - tanto para viver durante a noite!

52 teatros proporcionam-lhe uma enorme variedade de géneros. Angela Lansbury em «Gipsy», no Piccadilly Theatre, Sir John Gielgud dirige «Vidas Privadas» de Noel Coward, «Jesus Cristo, Superstar», bate todos os records de bilheteira. E, claro, «The Mousetrap», a peça de Agatha Christie, há 21 anos consecutivos em cena.

O «Covent Garden» inclui nesta temporada o «D. João» de Mozart e a «Tosca», com Tito Gobi.

Concertos diários no Royal Festival Hall e noutras salas.

Os grandes nomes do music-hall passam pelo «Palladium». A vida nocturna cintila nos cabarets do Soho e na alegria dos Pubs.

Londres brilha de noite, tanto quanto as suas luzes de Piccadilly Circus!

Dê um pulo a Londres, este Inverno. E se, depois, ficar com vontade de voltar a Inglaterra, não se admire!

Solicite-nos este folheto explicativo. Através dele, veja como é fácil e barato viajar em Inglaterra.

CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS.

Receba grátis um magnífico folheto colorido sobre a Grã-Bretanha.

Cole este cupão num Bilhete Postal e envie para:

TURISMO BRITÂNICO Apartado 2133 Lisboa 2.

NOME _____

MORADA _____

LOCALIDADE _____

BRITAIN



GRÃ-BRETANHA • O MUNDO VIVO DA HISTÓRIA

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES CONCURSO

Para a construção, apetrechamento e exploração de um snack-bar na estação de SINTRA

Até às 16 horas do dia 18 de Março de 1974, esta Companhia aceita propostas para a construção, apetrechamento e exploração de um snack-bar na estação de Sintra, sendo todas as despesas a cargo dos interessados.

A anuidade mínima a oferecer pela exploração do restaurante é de 36 contos e cada concorrente efectuará previamente um depósito de 6000\$00 em qualquer estação da Companhia.

As propostas, em carta fechada, deverão ser feitas com base no Programa do Concurso e Caderno de Encargos que os interessados poderão consultar nas estações e locais indicados em AVISO afixado nas principais estações, endereçando-as em seguida ao Serviço Comercial de Passageiros da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses - Rua Victor Gordon, 45 - Lisboa-2. Na parte exterior do sobrescrito, a seguir a este endereço, deverá indicar-se o seguinte:

«Proposta para a construção, apetrechamento e exploração de um snack-bar na estação de Sintra».



SCOTLAND YARD EM APUROS

Um conto policial humorístico
de ROBERT BENCHLES

Quem é que mandou o arenque envenenado ao general de brigada Ha Hannafield? Teriam sido os cavaleiros gauleses do rei?

É este o grande mistério que preocupa a Scotland Yard no momento presente e quem detém a chave do mistério é, evidentemente, o próprio general de brigada Hannafield. Acontece, porém, que o general de brigada Hannafield está morto. (Pelo menos não responde ao telefone...).

Aqui vão os detalhes todos da questão. É pegar ou largar. Caso o leitor prefira largar, agradecemos que os deixe no vestuário e que chame o Martin pondo-o a par da sua decisão — ele saberá o que fazer deles.

Há coisa de três semanas, num sábado, depois de um jantar oferecido pelos cavaleiros gauleses do rei em honra da Guarda Real da Alfândega, o general de brigada Hannafield chegou a casa a tempo de tomar um pequeno-almoço tardio que, na realidade, lhe não apetecia. Quando a mulher lhe disse, num tom que reconhecemos ter sido glacial. «**Julgo que já tomaste o pequeno-almoço, atendendo a que é de manhã**», o general de brigada Hannafield respondeu secamente: «**agradeço-te que não voltes a fazer qualquer referência, ainda que superficial, a pequenos-almoços, almoços ou jantares, sem que eu te fale nisso**». Tendo ouvido esta resposta, a mulher do general de brigada Hannafield fez as malas e regressou a casa de seus pais na Nova Zelândia.

Apesar desta afirmação peremptória, lá para as onze da manhã, o general de brigada Hannafield resolveu «despendurar-se» do cabide em que se pendurara inadvertidamente antes de adormecer e saciar a fome tenebrosa que sentia. Acontece, porém, que era domingo e que, por isso, as lojas estavam fechadas sendo-lhe impossível, por outro lado, mandar alguém a Londres às compras por uma razão óbvia: não tinha ninguém a quem mandasse.

À mão só tinha a água da torneira mas a verdade é que o precioso líquido não correspondia exactamente aos seus desejos nem se mostrava capaz de satisfazer as suas necessidades.

Como não podia deixar de ser, o seu espírito voltou-se para a hipótese de satisfazer a fome do corpo com um arenquezinho salgado. Há um velho provérbio segundo o qual a mordedela de um cão se deve curar com pêlo do mesmo cão e este provérbio, apesar de velho, é perfeitamente satisfatório. Toda a gente sabe que não há como um arenquezinho salgado para curar uma ressaca.

Chegando à janela da sala, o general de brigada Hannafield chamou o jardineiro que estava a tratar de uma dália e disse-lhe que entregasse a dita dália ao seu destino e tratasse de lhe arranjar um arenquezinho bem salgado, ordem que o jardineiro acatou, como não podia deixar de ser.

Segundo narram as testemunhas, ao receber o arenque, o general de brigada Hannafield lançou-se sobre ele com o seu apetite devorador e comeu-o com papel e tudo. Terminado este repasto, o general de brigada Hannafield voltou ao hall e rependurou-se no cabide. Foi esta a última ocasião em que foi visto vivo, embora a palavra «vivo» não seja a mais adequada para descrever a sua situação. Pensando melhor, achamos que a palavra mais adequada a este fim será a palavra «respirar» e permitimo-nos reconstruir a frase dizendo que foi esta a última ocasião em que o general de brigada Hannafield foi visto a respirar.

Dado que se encontrava no alto mar a caminho da Nova Zelândia, a mulher do general de brigada Hannafield foi ilibada de qualquer suspeita de ter cometido este crime, se é que se pode classificar de crime a destruição de um velho idiota como o era o general de brigada Hannafield. O jardineiro, no fundo da cela em que o meteram, jurou a pés juntos ter comprado o arenque salgado a um comerciante de High Street que, por sua vez, afirmou tê-lo comprado ao dito jardineiro o que perturbou muito a Polícia dada a evidente contradição destas duas afirmações.

Segundo os funcionários da Scotland Yard incumbidos da descoberta deste crime, ele teria duas razões de ser igualmente improváveis a vingança ou o envenenamento accidental do arenque durante a salga.

Afirmamos que a vingança não é plausível porque as únicas pessoas que poderiam querer vingar-se do general de brigada Hannafield estão mortas e bem mortas. O general de brigada Hannafield, por outras palavras, gozava (quando vivo) da fama de ter um péssimo carácter e quando alguém o contrariava, ele acumulava na cabeça todo o sangue do corpo (o mesmo é dizer que ficava vermelho como um tomate) e atacava o seu interlocutor brandindo uma velha arma indiana que trazia sempre consigo, na firme intenção de o matar. Quando isto se verificava aconteciam sempre duas coisas quase simultaneamente: o general bradava «**Por Deus, cavalheiro**» e o cavaleiro dava entrada na morgue umas horas mais tarde. Deve dizer-se que o general de brigada Hannafield nunca escapava ao julgamento — ao que ele escapava sempre era à condenação porque os juízes tinham sempre em consideração o seu brilhante passado militar.

É claro que havia uma outra possibilidade — a de um parente de um interlocutor infeliz do general de brigada Hannafield o ter seguido do Punjab ou da sala de jogo do Clube dos Velhos Oficiais da Índia Reformados até à sua casa para vingar o infeliz prematuramente recolhido à morgue, mas até essa possibilidade estava afastada, dado que o general de brigada Hannafield era muito cuidadoso e raras vezes discutia senão com órfãos ou com celibatários conhecidos.

Chegou a admitir-se, inicialmente, que o general de brigada Hannafield tivesse roubado um olho de um ídolo indiano e que tivesse

caído vítima de um fanático que o tivesse seguido. O estudo do passado do general de brigada Hannafield revelou, porém, que se passara precisamente o contrário: da única vez que ele tentara roubar o olho de um ídolo, fora este que ganhara a questão e que lhe arrancara um olho a ele. É sempre, aliás, muito perigoso ter questões com ídolos. Devido a este incidente, o general de brigada Hannafield adquirira o hábito de inclinar a cabeça, ao falar com os amigos, a fim de os observar através do seu único olho funcional.

A outra hipótese também não parece viável. Pesca-se o arenque ao largo da costa da Normandia (pesca-se em toda a parte, é certo, mas a história fica melhor assim) e mal chegam a terra, os pescadores normandos (que infelizmente nem sempre andam vestidos de pescadores normandos) enviam-nos aos preparadores de arenques salgados. Salgadores e empregados das oficinas onde os arenques são fumados trabalham sob o controlo do Estado cujos inspectores inspecionam (é para inspecionar, que existem os inspectores) os arenques no decorrer das diversas operações que antecedem à sua exportação. Todos os empregados nestas actividades são submetidos a testes psico-somáticos importantes antes de serem admitidos e todos têm de responder a um inteligente conjunto de perguntas de que fazem parte as seguintes: **Acha bem que se envenene um arenque fumado? Será verdade que o Guilherme da Normandia era sueco? A honestidade será, efectivamente, a melhor das políticas?**

Só os que tiverem respondido satisfatoriamente a estas questões é que são admitidos a trabalhar na indústria — os que se revelam incapazes de lhes responder têm de abandonar a Normandia e de passar dez anos ou na Câmara dos Deputados ou na ilha do Diabo, conforme as cunhas que conseguem meter.

Nestas circunstâncias, tudo leva a crer que um bom salgador de arenques seria incapaz de envenenar um arenque e que tem de procurar-se outra explicação para a morte do general de brigada Hannafield.

Scotland Yard, verificando isto, não teve outro remédio senão admitir que a explicação do acontecimento estaria na fome do general de brigada Hannafield ou, melhor, que este não estaria em estado de digerir um arenque fumado no dia em que o comeu.

É nesta base que as investigações estão a ser levadas a cabo, aguardando-se o resultado da análise dos médicos da Polícia que deverão pronunciar-se dentro de dias.

O exame dos órgãos internos do general de brigada Hannafield não levou a quaisquer conclusões senão na respeitante ao paradeiro do navio de carga «Cyclops» perdido durante a guerra. Soube-se isto já depois de escrito este relato imparcial, há coisa de uns minutos. Nada mais se sabe ou pode acrescentar que contribua para a solução do caso.

Talvez a senhora Hannafield pudesse levantar uma ponta do véu, mas a verdade é que ela não revela a menor intenção de voltar a pôr o pé em terra.

Ao que parece, dá-se bem com o médico de bordo do navio em que seguia viagem para a Nova Zelândia e anda de lá para cá e de cá para lá sem nunca sair do navio.

Não sei se me entendem.